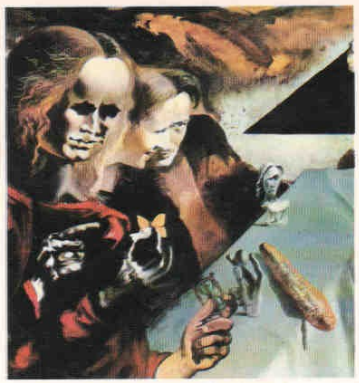
CIORAN

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO



Rocco

2ª EDIÇÃO

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO

Primeira obra escrita em francês pelo filósofo romeno E. M. Cioran, o livro defende que toda a idéia nasce neutra: o homem é que trata de inflamá-la.

Para Cioran — considerado pela crítica como um dos grandes prosadores da língua francesa — o que é preciso destruir no homem é sua propensão à fé, ao apetite pelo poder e à faculdade monstruosa de ser obcecado por um deus.

Apontado como pessimista, um cultor do paradoxo, Cioran desenvolve seu pensamento de forma clara e límpida.

Breviário de decomposição, publicado na França em 1949, depois de ter sido reescrito por quatro vezes, recebeu, em 1951, o Prêmio Rivarol.

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO

E. M. CIORAN

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO

Tradução de
JOSÉ THOMAZ BRUM

Rio de Janeiro — 1995

Título original
PRÉCIS DE DÉCOMPOSITION

© Éditions Gallimarr, 1949

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 — 5º andar
20011-040 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 507-2000 — Fax: 507-2244
Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
WENDELL SETÚBAL

revisão
CARLOS ROBERTO DE CARVALHO
GRACE DANTAS
HENRIQUE TARNAPOLSKY

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C522b

Cioran, E. M. (Emile M.) 1911
Breviário de decomposição / E. M. Cioran; tradução de José Thomaz Brum. — Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

Tradução de: Précis de décomposition.

1. Ensaio francês. I. Brum, José Thomas. II. Título.

89-0368

CDD — 844
CDU — 840-4

Impresso na Editora Vozes Ltda.
em junho de 1995 para Editora Rocco Ltda.

"I'll join with black despair against my soul,
And to myself become an enemy."

(Richard III)

SUMÁRIO

Apresentação — *José Thomaz Brum* 9
Genealogia do fanatismo 11
O pensador de ocasião 101
Rostos da decadência 115
A santidade e as caretas do absoluto 127
O cenário do saber 143
Abdicações 147

APRESENTAÇÃO

Breviário de decomposição (1949) é o primeiro livro escrito diretamente em língua francesa pelo romeno E. M. Cioran. Antes, já havia publicado cinco livros em sua língua natal, hoje pouco conhecidos e, às vezes, nem sequer citados.

Seu primeiro ensaio, *Pe culmile desperării* (Nos cumes do desespero) foi publicado em 1934, e recebeu o *Prêmio dos Jovens Escritores Romenos*. Este livro é considerado pelo autor a fonte de todas as suas obras posteriores. Ele demarca o *pensamento* de Cioran mas não seu *estilo*, que se refinou até a elegância lacônica de suas últimas obras.

O *estilo* de Cioran, fruto da luta de um caráter eslavo (e latino) com a "escola de rigor" que é a língua francesa, forjou um pensamento que busca a clareza de um Saint-Simon mas é freqüentemente açoitado pelas rajadas de sua origem balcânica.

O transilvano Cioran descende dos antigos dácios, povo em que o dualismo das seitas maniqueístas produziu uma visão de mundo governada pelo Mal. Pessimismo cósmico, fatalismo e niilismo banham sua obra exigente e severa, onde o riso é contraponto para uma lucidez implacável.

Em 1937, Cioran chega a Paris para fazer uma tese sobre Nietzsche que jamais concluiu, e passa dez anos escrevendo em romeno sem publicar nada. Decidido a mudar de língua, submete — em 1947 — à editora Gallimard o manuscrito do *Breviário de decomposição*, que é aceito. No entanto, ele o reescreve quatro vezes, tentando vingar-se da observação de um de seus amigos franceses: "você escreve em um francês de meteco". Em 1951, o livro recebe o prestigioso prêmio Rivarol e, alguns anos depois, Saint-John Perse saúda Cioran como "o maior dos prosadores de língua francesa desde Valéry".

Embebido de Shakespeare e Shelley, o *Breviário* compõe um código do desespero, um "catálogo frenético de nossos instintos assas-

sinos". Publicado poucos anos após a Segunda Guerra, esta dupla meditação sobre o homem e as sociedades teve, em 1953, uma tradução alemã. O poeta Paul Celan (1920-1970), hoje no centro dos debates que se desenvolvem entre a poesia e a filosofia, traduziu-o com o título de *Lehre vom Zerfall*. Residindo em Paris, na época, Celan ainda não havia adquirido o renome de que desfruta hoje e era apenas — como Cioran — um filho da esfacelada monarquia austro-húngara exilado na "cidade dos metecos".

Uma curiosidade: o texto *Sobre um empresário de idéias* refere-se a Jean-Paul Sartre e demonstra o quanto a filosofia de Cioran o distancia de seus contemporâneos existencialistas.

Além de sua crítica ao fanatismo, o *Breviário* traz a temática da mística, já tratada anteriormente em *Lacrimi si sfinti* (Das lágrimas e dos santos) de 1937. Moralista rigoroso, Cioran também é uma espécie de místico enraivecido disposto a fazer despertar, por uma revolta que nada apazigua, a alma que se deixou aprisionar por ilusões e miragens.

Jacques Lacarrière, estudioso do pensamento gnóstico, reconhece em Cioran a sensibilidade frenética desses primeiros heréticos da história. É dele a melhor saudação a este *Breviário* que alia um pensamento desencantado a um estilo suntuoso:

"Este livro me parece um dos mais iluminadores de nossa época, desde que consigamos suportar com coração aguerrido os apocalipses e abismos do ser que ele abre sob nossos olhos."

José Thomaz Brum
Rio de Janeiro, maio de 1989

GENEALOGIA DO FANATISMO

Em si mesma, toda idéia é neutra ou deveria sê-lo; mas o homem a anima, projeta nela suas chamas e suas demências; impura, transformada em crença, insere-se no tempo, toma a forma de acontecimento: a passagem da lógica à epilepsia está consumada... Assim nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas.

Idólatras por instinto, convertemos em incondicionados os objetos de nossos sonhos e de nossos interesses. A história não passa de um desfile de falsos Absolutos, uma sucessão de templos elevados a pretextos, um aviltamento do espírito ante o Improvável. Mesmo quando se afasta da religião o homem permanece submetido a ela; esgotando-se em forjar simulacros de deuses, adota-os depois febrilmente: sua necessidade de ficção, de mitologia, triunfa sobre a evidência e o ridículo. Sua capacidade de adorar é responsável por todos os seus crimes: o que ama indevidamente um deus obriga os outros a amá-lo, na espera de exterminá-los se se recusam. Não há intolerância, intransigência ideológica ou proselitismo que não revelem o fundo bestial do entusiasmo. Oue perca o homem sua *faculdade de indiferença*: torna-se um assassino virtual; que transforme *sua* idéia em deus: as conseqüências são incalculáveis. Só se mata em nome de um deus ou de seus sucedâneos: os excessos suscitados pela deusa Razão, pela idéia de nação, de classe ou de raça são parentes dos da Inquisição ou da Reforma. As épocas de fervor se distinguem pelas façanhas sanguinárias. Santa Teresa só podia ser contemporânea dos autos-de-fé e Lutero do massacre dos camponeses. Nas crises místicas, os gemidos das vítimas são paralelos aos gemidos do êxtase... patíbulos, calabouços e masmorras só prosperam à sombra de uma fé — dessa necessidade de crer que infestou o espírito para sempre. O diabo empalidece comparado a quem *dispõe* de uma verdade, de *sua* verdade. Somos injustos com

os Neros ou com os Tibérios: eles não inventaram o conceito de *herético*: foram apenas sonhadores degenerados que se divertiam com os massacres. Os verdadeiros criminosos são os que estabelecem uma ortodoxia no plano religioso ou político, os que distinguem entre o fiel e o cismático.

No momento em que nos recusamos a admitir o caráter intercambiável das idéias, o sangue corre... Sob as resoluções firmes ergue-se um punhal; os olhos inflamados pressagiam o crime. Jamais o espírito hesitante, afligido pelo hamletismo, foi pernicioso: o princípio do mal reside na tensão da vontade, na inaptidão para o quietismo, na megalomania prometéica de uma raça que se arrebenta de tanto ideal, que explode sob suas convicções e que, por haver-se comprazido em depreciar a dúvida e a preguiça — vícios mais nobres do que todas as suas virtudes —, embrenhou-se em uma via de perdição, na história, nesta mescla indecente de banalidade e apocalipse... Nela as certezas abundam: suprima-as e suprimirá sobretudo suas conseqüências: reconstituirá o paraíso. O que é a Queda senão a busca de uma verdade e a certeza de havê-la encontrado, a paixão por um dogma, o estabelecimento de um dogma? Disso resulta o fanatismo — tara capital que dá ao homem o gosto pela eficácia, pela profecia e pelo terror —, lepra lírica que contamina as almas, as submete, as tritura ou as exalta... Só escapam a ela os céticos (ou os preguiçosos e os estetas), porque não *propõem* nada, porque — verdadeiros benfeitores da humanidade — destroem os preconceitos e analisam o delírio. Sinto-me mais seguro junto de um Pirro do que de um São Paulo, pela razão de que uma sabedoria de boutades é mais doce do que uma santidade desenfreada. Em um espírito ardente encontramos o animal de rapina disfarçado; não poderíamos defender-nos demasiado das garras de um profeta... Quando elevar a voz, seja em nome do céu, da cidade ou de outros pretextos, afaste-se dele: sátiro de nossa solidão, não perdoa que vivamos *aquém* de suas verdades e de seus arrebatamentos; quer fazer-nos compartilhar de sua histeria, de seu bem, impô-la a nós e desfigurar-nos. Um ser possuído por uma crença e que não procurasse comunicá-la aos outros é um fenômeno estranho à terra, onde a obsessão da salvação torna a vida irrespirável. Olhe à sua volta: por toda parte larvas que pregam; cada

instituição traduz uma missão; as prefeituras têm seu absoluto como os templos; a administração, com seus regulamentos — metafísica para uso de macacos... Todos se esforçam por remediar a vida de todos; aspiram a isso até os mendigos, inclusive os incuráveis: as calçadas do mundo e os hospitais transbordam de reformadores. A ânsia de tornar-se fonte de *acontecimentos* atua sobre cada um como uma desordem mental ou uma maldição intencional. A sociedade é um inferno de salvadores! O que Diógenes buscava com sua lanterna era um *indiferente*.

Basta-me ouvir alguém falar sinceramente de ideal, de futuro, de filosofia, ouvi-lo dizer "nós" com um tom de segurança, invocar os "outros" e sentir-se seu intérprete, para que o considere meu inimigo. Vejo nele um tirano fracassado, quase um carrasco, tão odioso quanto os tiranos e os carrascos de alta classe. É que toda fé exerce uma forma de terror, ainda mais temível quando os "puros" são seus agentes. Suspeita-se dos espertos, dos velhacos, dos farsantes; no entanto, não poderíamos atribuir-lhes nenhuma das grandes convulsões da história; não acreditando em nada, não vasculham nossos corações, nem nossos pensamentos mais íntimos; abandonam-nos à nossa indolência, ao nosso desespero ou à nossa inutilidade; a humanidade deve a eles os poucos momentos de prosperidade que conheceu: são eles que salvam os povos que os fanáticos torturam e que os "idealistas" arruínam. Sem doutrinas, só possuem caprichos e interesses, vícios complacentes, mil vezes mais suportáveis que os estragos provocados pelo despotismo dos princípios; porque todos os males da vida provêm de uma "concepção da vida". Um homem político completo deveria aprofundar-se nos sofistas antigos e tomar aulas de canto; e de corrupção...

O fanático é incorruptível: se mata por uma idéia, pode igualmente morrer por ela; nos dois casos, tirano ou mártir, é um monstro. Não existem seres mais perigosos do que os que sofreram por uma crença: os grandes perseguidores se recrutam entre os mártires cuja cabeça não foi cortada. Longe de diminuir o apetite de poder, o sofrimento o exaspera; por isso o espírito sente-se mais à vontade na companhia de um fanfarrão do que na de um mártir; e nada o repugna tanto como este espetáculo onde se morre por uma idéia... Farto do sublime e de carnificinas, sonha com um tédio

provinciano em *escala universal*, com uma História cuja estagnação seria tal que a dúvida representaria um acontecimento e a esperança uma calamidade...

O ANTIPROFETA

Em todo homem dorme um profeta, e quando ele acorda há um pouco mais de mal no mundo...

A loucura de pregar está tão enraizada em nós que emerge de profundidades desconhecidas ao instinto de conservação. Cada um espera *seu* momento para propor algo: não importa o quê. Tem uma voz: isto basta. Pagamos caro não ser surdos nem mudos...

Dos esfarrapados aos esnobes, todos gastam sua generosidade criminosa, todos distribuem receitas de felicidade, todos querem dirigir os passos de todos: a vida em comum torna-se intolerável e a vida consigo mesmo mais intolerável ainda: quando não se intervém nos assuntos dos outros, se está tão inquieto com os próprios que se converte o "eu" em religião ou, apóstolo às avessas, se o nega: somos vítimas do jogo universal...

A abundância de soluções para os aspectos da existência só é igualada por sua futilidade. A História: manufatura de ideais..., mitologia lunática, frenesi de hordas e de solitários..., recusa de aceitar a realidade tal qual é, sede mortal de ficções...

A fonte de nossos atos reside em uma propensão inconsciente a nos considerar o centro, a razão e o resultado do tempo. Nossos reflexos e nosso orgulho transformam em planeta a parcela de carne e de consciência que somos. Se tivéssemos o justo sentido de nossa posição no mundo, se *comparar* fosse inseparável de *viver*, a revelação de nossa ínfima presença nos esmagaria. Mas viver é estar cego em relação às suas próprias dimensões...

Se todos os nossos atos — desde a respiração até a fundação de impérios ou de sistemas metafísicos — derivam de uma ilusão sobre nossa importância, com maior razão ainda o instinto profético. Quem, com a visão exata de sua nulidade, tentaria ser eficaz e erigir-se em salvador?

Nostalgia de um mundo sem "ideal", de uma agonia sem doutrina, de uma eternidade sem vida... O Paraíso... Mas não poderíamos existir um instante sem enganar-nos: o profeta em cada um de nós é o grão de loucura que nos faz prosperar em nosso vazio.

O homem idealmente lúcido, logo idealmente *normal*, não deveria ter nenhum recurso além do *nada* que está nele... Parece que o ouço: "Livre do fim, de todos os fins, de meus desejos e de minhas amarguras só conservo as fórmulas. Tendo resistido à tentação de concluir, venci o espírito, como venci a vida pelo horror, a buscar-lhe uma solução. O espetáculo do homem — que vomitivo! O amor — um encontro de duas salivas... Todos os sentimentos extraem seu absoluto da miséria das glândulas. Não há nobreza senão na negação da existência, em um sorriso que domina paisagens aniquiladas.

(Outrora tive um "eu"; agora sou apenas um objeto... Empanturro-me de todas as drogas da solidão; as do mundo foram fracas demais para me fazer esquecê-lo. Tendo matado o profeta em mim, como terei ainda um lugar entre os homens?)

NO CEMITÉRIO DAS DEFINIÇÕES

Temos boas razões para imaginar um espírito gritando: "Agora tudo carece para mim de objetivo, pois dei as definições de todas as coisas"? E se podemos imaginá-lo, como situá-lo na duração?

Suportamos ainda melhor o que nos rodeia porque lhe damos um nome — e continuamos. Mas abarcar uma coisa com uma definição, por mais arbitrária que seja — e tão mais grave quanto mais arbitrária é, pois a alma sobrepuja então o conhecimento —, é rejeitá-la, torná-la insípida e supérflua, aniquilá-la. O espírito ocioso e disponível — e que só se integra ao mundo graças ao sono — em que poderia exercitar-se senão em ampliar o nome das coisas, em esvaziá-las e substituí-las por fórmulas? Depois evolui sobre escombros; nenhuma sensação mais; apenas lembranças. Sob cada fórmula jaz um cadáver: o ser ou o objeto morrem sob o pretexto ao qual deram lugar. É a devassidão frívola e fúnebre do espírito. E este espírito se dissipou no que nomeou e circunscreveu. Apaixonado pelos vocábulos, odiava os mistérios dos silêncios pesados e os tornava leves e puros: e ele próprio tornou-se leve e puro,

já que aliviado e purificado de tudo. O vício de definir fez dele um assassino gracioso e uma vítima discreta.

E foi assim que se apagou a mancha com que a alma marcava o espírito, a única coisa a lhe lembrar que estava vivo.

CIVILIZAÇÃO E FRIVOLIDADE

Como suportaríamos a massa e a profundidade gasta das obras e das obras-primas, se espíritos impertinentes e deliciosos não houvessem acrescentado à sua trama as franjas de um desprezo sutil e de ironias espontâneas? E como poderíamos suportar os códigos, os costumes, os parágrafos do coração que a inércia e a conveniência superpuseram aos vícios inteligentes e fúteis, se não existissem esses seres espirituosos cujo refinamento os coloca ao mesmo tempo nos cumes e à margem da sociedade?

Devemos ser agradecidos às civilizações que não abusaram da seriedade, que brincaram com os valores e deleitaram-se em engendrá-los e destruí-los. Conhece-se fora das civilizações grega e francesa uma demonstração mais lucidamente festiva do elegante nada das coisas? O século de Alcebíades e o século XVIII francês são duas fontes de consolo. Enquanto que é apenas em seu último estágio, na dissolução de todo um sistema de crenças e costumes, que as outras civilizações puderam saborear o exercício alegre que empresta um sabor de inutilidade à vida — é em plena maturidade, em plena posse de suas forças e de seu futuro que estes dois séculos conheceram o tédio indiferente a tudo e permeável a tudo. Existe melhor símbolo disto do que Madame du Deffand, velha, cega e clarividente, ao mesmo tempo execrando a vida, e desfrutando, no entanto, dos prazeres da amargura?

Ninguém alcança logo de saída a frivolidade. É um privilégio e uma arte; é a busca do superficial por aqueles que, tendo descoberto a impossibilidade de toda certeza, adquiriram nojo dela; é a fuga para longe desses abismos naturalmente sem fundo que não podem levar a parte alguma.

Permanecem, entretanto, as aparências: por que não alçá-las ao nível de um *estilo*? Isto é o que permite definir toda época inteligente. Chega-se a encontrar mais prestígio na expressão do que na alma que a sustenta, na graça do que na intuição; a própria emoção torna-se polida. O ser entregue a si mesmo, sem nenhum preconceito de elegância, é um monstro; só encontra em si zonas obscuras, onde rondam, iminentes, o terror e a negação. Saber, com toda sua vitalidade, que se morre e não poder ocultá-lo, é um ato de barbárie. Toda filosofia *sincera* renega os títulos da civilização, cuja função consiste em velar nossos segredos e disfarçá-los com efeitos rebuscados. Assim, a frivolidade é o antídoto mais eficaz contra o mal de ser o que se é: graças a ela iludimos o mundo e dissimulamos a inconveniência de nossas profundidades. Sem seus artifícios, como não envergonhar-se por ter uma alma? Nossas solidões à flor da pele, que inferno para os outros! Mas é sempre para eles, e às vezes para nós mesmos, que inventamos nossas aparências...

DESAPARECER EM DEUS

O espírito que cultiva sua essência distinta está ameaçado a cada passo pelas coisas às quais se recusa. Quando a atenção — o maior de seus privilégios — o abandona, cede às tentações das quais quis fugir, ou torna-se vítima de mistérios impuros... Quem não conhece esses medos, esses estremecimentos, essas vertigens que nos aproximam do animal e dos problemas últimos? Nossos joelhos tremem sem dobrar-se; nossas mãos se buscam sem juntar-se; nossos olhos se erguem e não distinguem nada... Conservamos este orgulho vertical que confirma nossa coragem; este horror dos gestos que nos preserva das efusões; e o socorro das pálpebras para cobrir olhares ridiculamente inefáveis. Nosso deslize está próximo, mas não é inevitável; o acidente curioso, mas nada novo; um sorriso já aponta no horizonte de nossos terrores..., não nos precipitaremos na oração... Pois, afinal de contas, *Ele* não deve triunfar; sua maiúscula deve ser comprometida por nossa ironia; que os calafrios que provoca sejam dissolvidos por nosso coração.

Se tal ser existisse verdadeiramente, se nossas fraquezas superassem nossas resoluções e nossas profundidades ultrapassassem nossos exames, então por que pensar ainda, se nossas dificuldades já estariam resolvidas, nossas interrogações suspensas e nossos temores

apaziguados? Seria fácil demais. Todo absoluto — pessoal ou abstrato — é uma forma de escamotear os problemas; e não só os problemas, mas também sua raiz, que não é outra senão um pânico dos sentidos.

Deus: queda perpendicular sobre nosso pavor, salvação caindo como um raio em meio a nossas buscas que nenhuma esperança engana, anulação sem paliativos de nosso orgulho inconsolado e voluntariamente inconsolável, avanço do indivíduo por um desvio, paralisação da alma por falta de inquietudes...

Existe maior renúncia do que a fé? É verdade que sem ela nos embrenhamos em uma infinidade de becos sem saída. Mas mesmo sabendo que nada pode levar a nada, que o universo é apenas um subproduto de nossa tristeza, por que sacrificaríamos este prazer de tropeçar e esmagar a cabeça contra a terra e o céu?

As soluções que nos propõe nossa covardia ancestral são as piores deserções ao nosso dever de decência intelectual. Equivocar-se, viver e morrer enganados, isto é o que fazem os homens. Mas existe uma dignidade que nos preserva de desaparecer em Deus e que transforma todos os nossos instantes em orações que não faremos jamais.

VARIAÇÕES SOBRE A MORTE

I — É porque ela não repousa sobre nada, porque carece até mesmo da sombra de um argumento que perseveramos na vida. A morte é demasiado exata; todas as razões encontram-se de seu lado. Misteriosa para nossos instintos, delineia-se, ante nossa reflexão, límpida, sem prestígios e sem os falsos atrativos do desconhecido.

De tanto acumular mistérios nulos e monopolizar o sem-sentido, a vida inspira mais pavor do que a morte: é ela a grande Desconhecida.

Aonde pode levar tanto vazio e incompreensível? Nós nos apegamos aos dias porque o desejo de morrer é demasiado lógico, portanto ineficaz. Porque se a vida tivesse um só argumento a seu favor — distinto, de uma evidência indiscutível — se aniquilaria;

os instintos e os preconceitos desvanecem-se ao contato com o Rigor. Tudo o que respira se alimenta do inverificável; um suplemento de lógica seria funesto para a existência —, esforço até o Insensato... Dê um objetivo preciso à vida: ela perde instantaneamente seu atrativo. A inexatidão de seus fins a torna superior à morte — uma gota de precisão a rebaixaria à trivialidade dos túmulos. Pois uma ciência positiva do sentido da vida despovoaria a terra em um dia; e nenhum frenético conseguiria reanimar a improbabilidade fecunda do Desejo.

II — Podem-se classificar os homens segundo os critérios mais caprichosos: segundo seus humores, suas inclinações, seus sonhos ou suas glândulas. Troca-se de idéias como de gravatas; pois toda idéia, todo critério vem do exterior, das configurações e dos acidentes do tempo. Mas há algo que vem de nós mesmos, que *é* nós mesmos, uma realidade invisível, mas interiormente verificável, uma presença insólita e imutável, que se pode conceber a todo instante e que nunca nos atrevemos a admitir, e que só tem atualidade antes de sua consumação: é a morte, o verdadeiro critério... E é ela, a dimensão mais íntima de todos os seres vivos, que separa a humanidade em duas ordens tão irredutíveis, tão afastadas uma da outra, que há mais distância entre elas que entre um abutre e uma toupeira, uma estrela e um cuspe. O abismo de dois mundos incomunicáveis abre-se entre o homem que tem o sentimento da morte e o que não o tem; apesar disso, os dois morrem; mas um ignora a sua morte, o outro a sabe; um morre apenas um instante, o outro não pára de morrer... Sua condição comum os coloca precisamente nos antípodas um do outro; nos dois extremos e no interior de uma mesma definição; inconciliáveis, sofrem o mesmo destino... Um vive como se fosse eterno; o outro pensa continuamente sua eternidade e a nega em cada pensamento.

Nada pode mudar nossa vida salvo a insinuação progressiva em nós das forças que a anulam. Nenhum princípio novo chega até ela, nem das surpresas de nosso crescimento, nem do florescimento de nossos dons; são-lhe apenas naturais. E nada natural saberia fazer de nós outra coisa além do que somos.

Tudo o que prefigura a morte acrescenta uma qualidade de novidade à vida, a modifica e a amplia. A saúde a conserva tal qual,

em uma estéril identidade; enquanto que a doença é uma atividade, a mais intensa que um homem pode desenvolver, um movimento frenético e... estacionário, o mais rico desperdício de energia *sem gestos*, a espera hostil e apaixonada de uma fulguração irreparável.

III — Contra a obsessão da morte, os subterfúgios da esperança revelam-se tão ineficazes como os argumentos da razão: sua insignificância só faz exacerbar o apetite de morrer. Para triunfar sobre este apetite só há um único "método": vivê-lo até o fim, sofrendo todas as suas delícias e tormentos, nada fazer para escamoteá-lo. Uma obsessão vivida até à saciedade anula-se em seus próprios excessos. De tanto insistir sobre o infinito da morte, o pensamento chega a *gastá-lo*, a nos enojar dele, negatividade demasiado plena que não poupa nada e que, mais do que comprometer e diminuir os prestígios da morte, desvela-nos a inanidade da vida.

Quem não se entregou às volúpias da angústia, quem não saboreou em pensamento os perigos da própria extinção nem degustou aniquilamentos cruéis e doces, não se curará jamais da obsessão da morte: será atormentado por ela, por haver-lhe resistido; enquanto quem, habituado a uma disciplina de horror, e meditando sua podridão, reduziu-se deliberadamente a cinzas, esse olhará para o *passado* da morte e ele próprio será apenas *um ressuscitado que não pode mais viver*. Seu "método" o terá curado da vida e da morte.

Toda experiência capital é nefasta: as camadas da existência carecem de espessura; quem as escava, arqueólogo do coração e do ser, encontra-se, ao cabo de suas investigações, ante profundidades vazias. Em vão terá saudades do ornamento das aparências.

Eis por que os Mistérios antigos, pretensas revelações dos segredos últimos, não nos legaram nada em matéria de conhecimento. Sem dúvida, os iniciados estavam obrigados a não transmitir nada. No entanto, é inconcebível que em tão grande número não se tenha encontrado um só tagarela; o que há de mais contrário à natureza humana que tal obstinação no segredo? O que acontece é que não havia *segredos*; havia ritos e estremecimentos. Uma vez afastados os véus, o que podiam descobrir senão abismos sem importância? *Só há iniciação ao nada — e ao ridículo de estar vivo.*

... E eu sonho com uma Elêusis de corações desiludidos, com um Mistério claro, sem deuses e sem as veemências da ilusão.

À MARGEM DOS INSTANTES

É a impossibilidade de chorar que conserva em nós o gosto pelas coisas e as faz existir ainda: impede que esgotemos seu sabor e nos afastemos delas. Quando, por tantas estradas e margens, nossos olhos se recusam a afogar-se em si próprios, preservam com sua secura o objeto que os maravilhava. Nossas lágrimas dissipam a natureza, como nossos transes a Deus. Mas, no fim, nos dissipam a nós mesmos. Pois só *somos* pela renúncia a dar livre curso a nossos desejos supremos: as coisas que entram na esfera de nossa admiração ou de nossa tristeza só permanecem nela porque não as sacrificamos ou abençoamos com nossos adeuses líquidos.

... Deste modo, depois de cada noite, encontrando-nos ante um novo dia, a irrealizável necessidade de preenchê-lo nos enche de pavor; e, exilados na luz, como se o mundo acabasse de se mover, de inventar seu Astro, fugimos das lágrimas, uma das quais apenas bastaria para afastar-nos do tempo.

DESARTICULAÇÃO DO TEMPO

Os instantes sucedem-se uns aos outros: nada lhes empresta a ilusão de um conteúdo ou a aparência de uma significação; desenvolvem-se; seu curso não é o nosso; contemplamos seu fluir, prisioneiros de uma percepção estúpida. O vazio do coração ante o vazio do tempo: dois espelhos refletindo cara a cara sua ausência, uma mesma imagem de nulidade... Como sob o efeito de uma idiotia pensativa, tudo se nivela: nenhum cume mais, nenhum abismo... Onde descobrir a poesia das mentiras, o aguilhão de um enigma?

Quem não conhece o tédio encontra-se ainda na infância do mundo, quando as idades esperavam para nascer; permanece fechado para este tempo fatigado que se sobrevive, que ri de suas dimen-

sões e sucumbe no limiar de seu próprio... porvir, arrastando com ele a matéria, subitamente elevada a um lirismo de negação. O tédio é o eco em nós do tempo que se dilacera..., a revelação do vazio, o esgotamento desse delírio que sustenta — ou inventa — a vida...

Criador de valores, o homem é o ser delirante por excelência, vítima da crença de que algo existe, enquanto que lhe basta reter sua respiração: tudo se detém; suspender suas emoções: nada vibra mais; suprimir seus caprichos: tudo se torna opaco. A realidade é uma criação de nossos excessos, de nossos exageros e de nossos desregramentos. Um freio em nossas palpitações: o curso do mundo torna-se mais lento; sem nossos ardores, o espaço é de gelo. O próprio tempo só transcorre porque nossos desejos engendram este universo decorativo que uma gota de lucidez desnudaria. Um grão de clarividência nos reduz à nossa condição primordial: a nudez; uma ponta de ironia nos despe desse disfarce de esperanças que *permite que nos enganemos e imaginemos a ilusão*: todo caminho contrário leva para fora da vida. O tédio é apenas o começo desse itinerário... Ele nos faz sentir o tempo demasiado longo — inapto para revelar-nos um fim. Separados de todo objeto, não tendo nada que assimilar do exterior, nos destruímos em câmara lenta, já que o futuro deixou de oferecer-nos uma razão de ser.

O tédio nos revela uma eternidade que não é a superação do tempo, mas sua ruína; é o infinito das almas corrompidas por falta de superstições: um absoluto insosso onde nada mais impede as coisas de girar em círculos em busca de sua própria queda.

A vida se cria no delírio e se desfaz no tédio.

(Quem sofre de um mal caracterizado não tem o direito de queixar-se: tem uma ocupação. Os grandes enfermos não se enfastiam jamais: a doença os preenche, como o remorso alimenta os grandes culpados. Pois todo sofrimento intenso suscita um simulacro de plenitude e propõe à consciência uma realidade terrível, que esta não saberia eludir; enquanto que o sofrimento *sem objeto* nesse luto temporal que é o tédio não opõe à consciência nada que a obrigue a uma atitude proveitosa. Como curar um mal não localizado e extremamente impreciso, que aflige o corpo sem deixar vestígio, que se insinua na alma sem marcá-la com nenhum sinal? Parece-se com uma doença a que tivéssemos sobrevivido, mas que houvesse absorvido nossas possibilidades, nossas reservas de *atenção* e nos tivesse deixado impotentes para preencher o vazio que sucede

ao desaparecimento de nossos horrores e ao desvanecimento de nossos tormentos. O inferno é um refúgio comparado com este desterro no tempo, com esta languidez vazia e prostrada onde nada nos detém a não ser o espetáculo do universo que se caria sob nossos olhos.

Que terapêutica empregar contra uma doença de que não nos lembramos mais e cujas conseqüências usurpam nossos dias? Como inventar um remédio para a existência, como concluir esta cura sem fim? E como recuperar-se do nascimento?

O tédio, esta convalescença *incurável*...

A SOBERBA INUTILIDADE

Fora dos céticos gregos e dos imperadores romanos da decadência, todos os espíritos parecem submetidos a uma vocação municipal. Só aqueles se emanciparam — uns pela dúvida, os outros pela demência — da obsessão insípida de ser úteis. Tendo promovido o arbitrário à categoria de exercício ou de vertigem, conforme fossem filósofos ou descendentes corrompidos dos antigos conquistadores, não estavam apegados a nada: neste aspecto, lembram os santos. Mas enquanto estes não deviam jamais desmoronar, aqueles encontravam-se à mercê de seu próprio jogo, mestres e vítimas de seus caprichos — verdadeiros solitários, porque sua solidão era estéril. Ninguém a tomou como exemplo e eles próprios não a propunham como tal; deste modo só se comunicavam com seus "semelhantes" pela ironia ou pelo terror...

Ser o agente da dissolução de uma filosofia ou de um império: pode-se imaginar orgulho mais triste e mais majestoso? Matar por um lado a verdade e por outro a grandeza, manias que fazem viver o espírito e a cidade; minar a arquitetura de engodos sobre a qual se apóia o orgulho do pensador e do cidadão; amolecer as molas da alegria de conceber e de querer até deformá-las; desacreditar, por meio das sutilezas do sarcasmo e do suplício, as abstrações tradicionais e os costumes honrados — que efervescência delicada e selvagem! Não há nenhum encanto onde os deuses não morrem sob nossos olhos. Em Roma, onde eram substituídos e importados, onde se os via fenecer, que prazer invocar fantasmas, com o único medo

de que esta versatilidade sublime capitulasse ante o assalto de alguma severa e impura deidade... Que é o que ocorreu.

Não é fácil destruir um ídolo: requer tanto tempo como o necessário para promovê-lo e adorá-lo. Pois não basta aniquilar seu símbolo material, o que é simples; mas também suas raízes na alma. Como voltar o olhar para as épocas crepusculares — onde o passado se liquidava ante olhos a que só o vazio podia deslumbrar — sem comover-se ante esta grande arte que é a morte de uma civilização?

... E é assim que sonho ter sido um desses escravos, vindo de um país improvável, triste e bárbaro, para arrastar na agonia de Roma uma vaga desolação, embelezada com sofismas gregos. Nos olhos vacantes dos bustos, nos ídolos diminuídos por superstições claudicantes, teria encontrado o olvido de meus ancestrais, de meus jugos e de meus remorsos. Esperando a melancolia dos antigos símbolos, teria me libertado; teria compartilhado a dignidade dos deuses abandonados, defendendo-os contra as cruzes insidiosas, contra a invasão dos criados e dos mártires, e minhas noites teriam buscado repouso na demência e na devassidão dos Césares. Perito em desenganos, crivando com todas as flechas de uma sabedoria dissoluta os fervores novos, junto das cortesãs, nos lupanares céticos ou nos circos de crueldades faustosas, teria carregado meus raciocínios de vício e de sangue para dilatar a lógica a dimensões com as quais ela jamais sonhou, às dimensões dos mundos que morrem.

EXEGESE DA DECADÊNCIA

Cada um de nós nasceu com uma dose de pureza, predestinada a ser corrompida pelo comércio com os homens, por esse pecado contra a solidão. Pois cada um de nós faz o impossível para não se ver entregue a si mesmo. O semelhante não é fatalidade, mas tentação de decadência. Incapazes de guardar nossas mãos limpas e nossos corações intactos, nos sujamos ao contato de suores estranhos, chafurdamos sedentos de nojo e entusiastas de pestilência na lama unânime. E quando sonhamos mares convertidos em água benta, é tarde demais para mergulharmos neles, e nossa corrupção demasiado profunda nos impede de afogar-nos ali: o mundo infectou nossa solidão; as marcas dos outros em nós tornam-se indeléveis.

Na escala das criaturas só o homem pode inspirar um nojo constante. A repugnância que provoca um animal é passageira; não amadurece no pensamento, enquanto que nossos semelhantes inquietam nossas reflexões, infiltram-se no mecanismo de nosso desapego do mundo para nos confirmar em nosso sistema de recusa e de não-adesão. Depois de cada conversa, cujo refinamento indica por si só o nível de uma civilização, por que é impossível não sentir saudades do Saara e não invejar as plantas ou os monólogos infinitos da zoologia?

Se com cada palavra obtemos uma vitória sobre o nada, é apenas para melhor sofrer seu domínio. Morremos em proporção às palavras que lançamos em torno de nós... Os que falam não têm segredos. E todos nós falamos; nos traímos, exibimos nosso coração; carrasco do indizível, cada um esforça-se por destruir todos os mistérios, começando pelos seus. E se encontramos os outros, é para aviltar-nos juntos em uma fuga para o vazio, seja no intercâmbio de idéias, nas confissões ou nas intrigas. A curiosidade não só provocou a primeira queda, como as inumeráveis quedas de todos os dias. A vida não é senão esta impaciência de decair, de prostituir as solidões virginais da alma pelo diálogo, negação imemorial e quotidiana do Paraíso. O homem só deveria escutar a si mesmo no êxtase sem fim do Verbo intransmissível, forjar palavras para seus próprios silêncios e acordes audíveis apenas a seus remorsos. Mas ele é o tagarela do universo; fala em nome dos outros; seu eu ama o plural. E o que fala em nome dos outros é sempre um impostor. Políticos, reformadores e todos os que reivindicam um pretexto coletivo são trapaceiros. Só a mentira do artista não é total, pois só inventa a si mesmo. Fora do abandono ao incomunicável, da suspensão no meio de nossos arrebatamentos inconsolados e mudos, a vida é apenas um estrondo sobre uma extensão sem coordenadas, e o universo uma geometria que sofre de epilepsia.

(O plural implícito de "se" e o plural confessado do "nós" constituem o refúgio confortável da existência falsa. Só o poeta assume a responsabilidade do "eu", só ele fala em seu próprio nome, só ele tem o direito de fazê-lo. A poesia se degrada quando torna-se permeável à profecia ou à doutrina: a "missão" sufoca o canto, a idéia entrava o vôo. O lado "generoso" de Shelley torna caduca a maior parte de sua obra: Shakespeare, felizmente, nunca "serviu" para nada.

O triunfo da não-autenticidade tem seu acabamento na atividade filosófica, esta complacência no "se", e na atividade profética (religiosa, moral ou política), esta apoteose do "nós". A *definição* é a mentira do espírito abstrato; *a fórmula inspirada*, a mentira do espírito militante: uma definição encontra-se sempre na origem de um templo; uma fórmula reúne inelutavelmente os fiéis. Assim começam todos os ensinamentos.

Como não se voltar então para a poesia? Ela tem — como a vida — a desculpa de não *provar* nada.)

COALIZÃO CONTRA A MORTE

Como imaginar a vida dos outros, quando a sua própria mal parece concebível? Encontramos alguém, vemo-lo mergulhado em um mundo impenetrável e injustificável, em uma porção de convicções e desejos que se superpõem à realidade como um edifício mórbido. Tendo forjado para si um sistema de erros, sofre por motivos cuja nulidade aterroriza o espírito e entrega-se a valores cujo ridículo salta aos olhos. Suas iniciativas poderiam parecer outra coisa senão bagatelas, e a simetria febril de suas preocupações melhor fundamentada do que uma arquitetura de ninharias? Ao observador exterior, o absoluto de cada vida revela-se intercambiável e todo destino, que entretanto é inamovível em sua essência, arbitrário. Se nossas convicções nos parecem fruto de uma frívola demência, como tolerar a paixão dos outros por si mesmos e por sua própria multiplicação na utopia de cada dia? Por que necessidade este se encerra em um mundo particular de predileções e aquele em outro?

Quando suportamos as confidências de um amigo ou de um desconhecido, a revelação de seus segredos nos enche de assombro. Devemos situar seus tormentos no drama ou na farsa? Isto depende inteiramente das benevolências ou das exasperações de nossa fadiga. Já que cada destino é apenas um estribilho que se agita em torno de algumas manchas de sangue, depende de nossos humores ver na sucessão de seus sofrimentos uma ordem supérflua e divertida ou um pretexto de piedade.

Como é difícil aprovar as razões que invocam as pessoas, cada vez que nos afastamos de qualquer uma delas a pergunta que vem

ao espírito é invariavelmente a mesma: como é que não se mata? Pois nada é mais natural do que imaginar o suicídio dos outros. Quando se entreviu, por uma intuição devastadora e facilmente renovável, sua própria inutilidade, é incompreensível que outro qualquer não faça o mesmo. Suprimir-se parece um ato tão claro e tão simples! Por que é tão raro, por que todo mundo o elude? É que, se a razão desaprova o apetite de viver, o *nada* que faz prolongar os atos é entretanto uma força superior a todos os absolutos; ele explica a coalizão tácita dos mortais contra a morte; não só é o símbolo da existência, mas a existência mesma; é o todo. E esse nada, esse tudo não pode dar um sentido à vida, mas ao menos a faz perseverar no que é: *um estado de não-suicídio.*

SUPREMACIA DO ADJETIVO

Como só pode haver um número restrito de posições face aos problemas últimos, o espírito encontra-se limitado em sua expansão por este limite natural que é o *essencial*, por esta impossibilidade de multiplicar indefinidamente as dificuldades capitais: a história dedica-se unicamente a mudar o rosto de uma quantidade de interrogações e de soluções. O que o espírito inventa não é mais do que uma série de qualificações novas; rebatiza os elementos ou busca em seus léxicos epítetos menos gastos para uma mesma e imutável dor. Sempre se sofreu, mas o sofrimento tem sido ou "sublime", ou "justo", ou "absurdo", segundo a visão de conjunto que o momento filosófico cultivava. A desgraça constitui a trama de tudo o que respira; mas suas modalidades evoluíram; compuseram essa sucessão de aparências irredutíveis que induzem cada indivíduo a crer que é o primeiro a sofrer assim. O orgulho desta unicidade incita-o a apaixonar-se por seu próprio mal e suportá-lo. Em um mundo de sofrimentos, cada um deles é solipsista com respeito a todos os outros. A originalidade da desgraça é devida à qualidade verbal que a isola no conjunto das palavras e das sensações...

Os qualificativos mudam: essa mudança chama-se progresso do espírito. Suprima-os todos: o que restaria da civilização? A diferença entre a inteligência e a tolice reside no manejo do adjetivo, cujo uso não diversificado constitui a banalidade. O próprio Deus

só vive pelos adjetivos que acrescentamos a ele; esta é a razão de ser da teologia. Assim, o homem, qualificando sempre diferentemente a monotonia de sua infelicidade, só se justifica ante o espírito pela busca apaixonada de um adjetivo novo.

(E contudo esta busca é lastimável. A miséria da *expressão*, que é a miséria do espírito, manifesta-se na indigência das palavras, em seu esgotamento e sua degradação: os atributos graças aos quais determinamos as coisas e as sensações jazem finalmente diante de nós como carcaças verbais. E dirigimos olhares cheios de nostalgia ao tempo em que só exalavam um odor de mofo. Todo alexandrinismo provém inicialmente da necessidade de *arejar* as palavras, de acrescentar a seu fenecer o suplemento de um refinamento alerta; mas acaba em uma lassidão onde o espírito e o verbo se confundem e se decompõem. [Etapa idealmente derradeira de uma literatura e de uma civilização: imaginemos um Valéry com a alma de um Nero. . .]

Enquanto nossos sentidos frescos e nosso coração ingênuo reencontram-se e deleitam-se no universo das qualificações, prosperam ao acaso do adjetivo, o qual, uma vez dissecado, revela-se impróprio e deficiente. Dizemos do espaço, do tempo e do sofrimento que são infinitos; mas *infinito* não tem mais alcance do que belo, sublime, harmonioso, feio... Queremos, à força, ver o fundo das palavras? Não se vê nada, pois este, separado da alma expansiva e fértil, é vazio e nulo. O poder da inteligência exercita-se em projetar sobre ele um brilho, em poli-lo e torná-lo deslumbrante; este poder, erigido em sistema, chama-se *cultura* — fogo de artifício em um cenário de nada.)

O DIABO TRANQÜILIZADO

Por que Deus é tão insípido, tão débil, tão mediocremente pitoresco? Por que carece de interesse, de vigor, de atualidade e parece-se tão pouco conosco? Existe uma imagem menos antropomórfica e mais gratuitamente longínqua? Como pudemos projetar sobre ele luzes tão pálidas e forças tão claudicantes? Para onde fluíram nossas energias, onde desaguaram nossos desejos? Quem absorveu então nosso excedente de insolência vital?

Nos voltaremos para o Diabo? Mas não saberíamos dirigir-lhe orações: adorá-lo seria rezar introspectivamente, rezar a nós. Não se reza à evidência: o *exato* não é objeto de culto. Colocamos em nosso duplo todos os nossos atributos e, para realçá-lo com uma aparência de solenidade, o vestimos de negro: nossas vidas e nossas virtudes, de luto. Dotando-o de maldade e de perseverança, nossas qualidades dominantes, nos esgotamos para torná-lo tão vivo quanto fosse possível; nossas forças se consumiram em forjar sua imagem, em fazê-la ágil, saltitante, inteligente, irônica, e sobretudo mesquinha. As reservas de energia de que dispúnhamos para forjar Deus reduziam-se a nada. Então recorremos à imaginação e ao pouco de sangue que nos restava: Deus só podia ser o fruto de nossa anemia: uma imagem vacilante e raquítica. É bom, suave, sublime, justo. Mas quem se reconhece nessa mistura com perfume de água de rosas exilada na transcendência? Um ser sem duplicidade não possui profundidade e mistério; não esconde nada. Só a impureza é sinal de realidade. E se os santos não são inteiramente desprovidos de interesse, é que sua sublimidade mistura-se ao romance e sua eternidade presta-se à biografia; suas *vidas* indicam que abandonaram o mundo por um *gênero* suscetível de cativar-nos de vez em quando.

Porque extravasa vida, o Diabo não tem nenhum altar: o homem reconhece-se nele demasiado para adorá-lo; detesta-o com conhecimento de causa; repudia-se e cultiva os atributos indigentes de Deus. Mas o Diabo não se queixa e não aspira a fundar uma religião: não estamos aqui para protegê-lo da inanição e do esquecimento?

PASSEIO SOBRE A CIRCUNFERÊNCIA

No interior do círculo que encerra os seres em uma comunidade de interesses e de esperança, o espírito inimigo das miragens abre um caminho do centro à periferia. Não pode escutar de perto o rebuliço dos humanos; quer contemplar de tão longe quanto seja possível a simetria maldita que os une. Vê mártires por toda parte: uns se sacrificando por necessidades visíveis, outros por necessidades incontroláveis, todos prontos para enterrar seus nomes sob uma certeza; e como todos não podem consegui-lo, a maioria expia pela banalidade o excesso de sangue que sonharam... Suas vidas são

feitas de uma imensa liberdade de morrer que não aproveitaram: inexpressivo holocausto da história, a fossa comum os engole.

Mas o entusiasta das separações, buscando caminhos que as hordas não freqüentam, retira-se até a margem extrema e evolui sobre o traçado do círculo, que não pode transpor enquanto permaneça submetido ao corpo; no entanto, a Consciência paira mais acima, totalmente pura em um tédio sem seres nem objetos. Não sofrendo mais, superior aos pretextos que incitam a morrer, esquece o *homem* que a suporta. Mais irreal que uma estrela percebida em uma alucinação, sugere a condição de uma pirueta sideral — enquanto que, sobre a circunferência da vida, a alma passeia encontrando-se apenas consigo mesma e com sua impotência para responder ao apelo do Vazio.

OS DOMINGOS DA VIDA

Se as tardes dominicais fossem prolongadas durante meses, o que seria da humanidade, emancipada do suor, livre do peso da primeira maldição? A experiência valeria a pena. É mais do que provável que o crime se tornasse a única diversão, que a devassidão parecesse candura, o uivo melodia e o escárnio ternura. A sensação da imensidade do tempo faria de cada segundo um intolerável suplício, um pelotão de execução capital. Nos corações mais imbuídos de poesia se instalariam um canibalismo estragado e uma tristeza de hiena; os patíbulos e os carrascos extinguiriam-se de langor; as igrejas e os bordéis explodiriam de suspiros. *O universo transformado em tarde de domingo...* é a definição do tédio — e o fim do universo... Retire a maldição suspensa sobre a História e esta desaparece imediatamente, assim como a existência, na vacância absoluta, revela sua ficção. O trabalho construído do nada forja e consolida os mitos; embriaguez elementar, excita e cultiva a crença na "realidade"; mas a contemplação da pura existência, contemplação independente de gestos e de objetos, só assimila o que não é...

Os desocupados captam mais coisas e são mais profundos que os atarefados: nenhuma empresa limita seu horizonte; nascidos em um eterno domingo, olham e se olham olhar. A preguiça é um ceticismo fisiológico, a dúvida da carne. Em um mundo tomado pela ociosidade, seriam os únicos a não se tornar assassinos. Mas não fazem parte da humanidade e, como o suor não é seu forte, vivem sem sofrer as conseqüências da Vida e do Pecado. Não fazendo o bem nem o mal, desdenham — espectadores da epilepsia humana — as semanas do tempo, os esforços que asfixiam a consciência. O que deveriam temer de uma prolongação ilimitada de certas tardes, senão o pesar de haver sustentado evidências grosseiramente elementares? Nesse caso, a exasperação no verdadeiro poderia induzi-los a imitar os outros e a comprazer-se na tentação aviltante das tarefas. Tal é o perigo que ameaça a preguiça — milagrosa sobrevivência do paraíso.

(A única função do amor é nos ajudar a suportar as tardes dominicais, cruéis e incomensuráveis, que nos ferem para o resto da semana — e para a eternidade.

Sem a sedução do espasmo ancestral, precisaríamos de mil olhos para prantos ocultos ou, senão, unhas para roer, unhas quilométricas... Como matar de outra maneira este tempo que já não flui? Nestes domingos intermináveis, a *dor de ser* manifesta-se plenamente. Às vezes conseguimos nos esquecer em alguma coisa; mas como nos esquecermos no próprio mundo? Esta impossibilidade é a definição da dor. Aquele que é atingido por ela não se curará nunca, mesmo que o universo mudasse completamente. Só seu coração deveria mudar, mas é imutável; também para ele, *existir* só tem um sentido: mergulhar no sofrimento — até que o exercício de uma cotidiana nirvanização eleve-o à percepção da irrealidade...)

DEMISSÃO

Foi na sala de espera de um hospital: uma velha me contava seus males... As controvérsias dos homens, os furacões da história: ninharias a seus olhos: só o seu mal reinava no espaço e na duração. "Não posso comer, não posso dormir, tenho medo, deve haver pus", queixava-se, acariciando a mandíbula com mais interesse, como se a sorte do mundo dependesse disso. Este excesso de atenção a si por

parte de uma comadre decrépita deixou-me inicialmente indeciso entre o pavor e o desânimo; depois, abandonei o hospital antes que chegasse a minha vez, decidido a *renunciar* para sempre às minhas dores...

"Cinqüenta e nove segundos de cada um de meus minutos, ruminava ao longo das ruas, foram dedicados ao sofrimento ou à... idéia de sofrimento. Por que não tive vocação para pedra! O 'coração': origem de todos os suplícios... Aspiro a ser objeto... à bênção da matéria e da opacidade. O vaivém de um mosquito parece-me uma empresa apocalíptica. É um pecado sair de si mesmo... O vento, loucura do ar! A música, loucura do silêncio! Capitulando ante a vida, este mundo desfaleceu no nada... Demito-me do movimento e de meus sonhos. Ausência! Tu serás minha única glória... Que o desejo seja riscado para sempre dos dicionários e das almas! Recuo ante a farsa vertiginosa das manhãs que se sucedem. E se guardo ainda algumas esperanças, perdi para sempre a *faculdade de esperar.*"

O ANIMAL INDIRETO

Fica-se realmente desconcertado quando se pensa continuamente, com uma obsessão radical, que o homem existe, que é o que é — e que não pode ser diferente. Mas *o que é*, mil definições o denunciam e nenhuma se impõe: quanto mais arbitrárias são, mais válidas parecem. O absurdo mais etéreo e a banalidade mais pesada igualmente lhe convêm. A infinidade de seus atributos compõe o ser mais impreciso que possamos conceber. Enquanto que os animais vão diretamente a seu alvo, ele se perde em rodeios; é o animal indireto por excelência. Seus reflexos improváveis — de cujo relaxamento resulta a consciência — o transformam em um convalescente que aspira à doença. Nada nele é saudável, salvo o fato de tê-lo sido. Seja anjo que perdeu suas asas ou macaco que perdeu seu pêlo, só pôde emergir do anonimato das criaturas graças aos eclipses de sua saúde. Seu sangue mal composto permitiu a infiltração de incertezas, de esboços de problemas, sua vitalidade maldisposta, a intrusão de pontos de interrogação e de sinais de admiração. Como definir o vírus que, corroendo sua sonolência, sobrecarregou-o de vigílias em meio à sesta dos seres? Que verme apoderou-se de seu repouso, que agente primitivo do conhecimento obrigou-o ao atraso dos atos, ao refreamento dos desejos? Quem introduziu a primeira languidez em sua ferocidade? Saído do fervilhar informe dos outros seres vivos, criou uma confusão mais sutil, explorou com minúcia os males de uma vida arrancada de si mesma. De tudo o que empreendeu para curar-se de si mesmo, desenvolveu uma doença mais estranha: sua "civilização" não é mais do que o esforço para encontrar remédios para um estado incurável — e desejado. O espírito murcha ao se aproximar da saúde: o homem é inválido — ou não é. Quando, depois de ter pensado em tudo, pensa em si mesmo — pois só chega a este ponto pelo desvio do universo e como último problema que se coloca —, fica surpreso e confuso. Mas continua preferindo seu próprio fracasso à natureza que fracassa eternamente na saúde.

(Desde Adão, todo o esforço dos homens tem sido por modificar o *homem*. As pretensões de reforma e de pedagogia, exercidas à custa dos *dados* irredutíveis, desnaturam o pensamento e falseiam seu devir. O conhecimento não tem inimigo mais encarniçado do que o instinto educador, otimista e virulento, ao qual os filósofos não saberiam escapar: como permaneceriam imunes os seus sistemas? Salvo o Irremediável, tudo é falso; falsa esta civilização que quer combatê-lo, falsas as verdades com as quais se arma.

À exceção dos céticos antigos e dos moralistas franceses, seria difícil citar um só espírito cujas teorias, secreta ou implicitamente, não tendam a moldar o homem. Mas este subsiste inalterado, embora tenha seguido o desfile de nobres preceitos, propostos à sua curiosidade, oferecidos ao seu ardor e ao seu deslumbramento. Enquanto que todos os seres têm seu *lugar* na natureza, ele continua sendo uma criatura metafísicamente divagante, perdida na Vida, insólita na Criação. Ninguém encontrou um propósito válido para a história; mas todo o mundo propôs algum; e há um pulular de fins tão divergentes e fantasiosos que a idéia de finalidade se anulou e se desvanece como irrisório artigo do espírito.

Cada um sofre em sua própria carne esta *unidade de desastre* que é o fenômeno *homem*. E o único sentido do tempo é multiplicar essas unidades, aumentar indefinidamente esses sofrimentos verticais que se apóiam sobre uma migalha de matéria, sobre o orgulho de um nome próprio e sobre uma solidão inapelável.)

A CHAVE DE NOSSA RESISTÊNCIA

Quem chegasse, por uma imaginação transbordante de piedade, a registrar todos os sofrimentos, a ser contemporâneo de todas as penas e de todas as angústias de um instante qualquer, esse — supondo que tal ser pudesse existir — seria um monstro de amor e a maior vítima da história do sentimento. Mas é inútil imaginarmos tal impossibilidade. Basta-nos proceder ao exame de nós mesmos, praticar a arqueologia de nossos temores. Se avançamos no suplício dos dias, é porque nada detém esta marcha, exceto nossas dores; as dos outros nos parecem explicáveis e suscetíveis de ser superadas: acreditamos que sofrem porque não têm suficiente vontade, coragem ou lucidez. Cada sofrimento, salvo o nosso, nos parece legítimo ou ridiculamente inteligível; sem o que, o luto seria a única constante na versatilidade de nossos sentimentos. Mas só estamos de luto por nós mesmos. Se pudéssemos compreender e amar a infinidade de agonias que se arrastam em torno de nós, todas as vidas que são mortes ocultas, precisaríamos de tantos corações quanto os seres que sofrem. E se tivéssemos uma memória milagrosamente atual que conservasse presente a totalidade de nossas penas passadas, sucumbiríamos sob tal fardo. *A vida só é possível pelas deficiências de nossa imaginação e de nossa memória.*

Extraímos nossa força de nossos esquecimentos e de nossa incapacidade para imaginar a pluralidade de destinos simultâneos. Ninguém poderia sobreviver à compreensão instantânea da dor universal, pois cada coração só foi moldado para uma certa quantidade de sofrimentos. Existem como que limites materiais para nossa resistência; entretanto, a expansão de cada desgosto os alcança e,

às vezes, os ultrapassa: é freqüentemente a origem de nossa ruína. Daí deriva a impressão de que cada dor, cada desgosto, são infinitos. Eles o são, na verdade, mas somente para nós, para os limites de nosso coração; e mesmo que este tivesse as dimensões do vasto espaço, nossos males seriam ainda mais vastos, pois toda dor substitui o mundo e de cada desgosto faz outro universo. A razão esforça-se inutilmente para mostrar-nos as proporções infinitesimais de nossos acidentes; fracassa ante nossa tendência para a proliferação cosmogônica. Daí decorre que a verdadeira loucura nunca é devida aos acasos ou aos desastres do cérebro, mas à concepção falsa do espaço que o coração se forja...

ANULAÇÃO PELA LIBERTAÇÃO

Uma doutrina da salvação só tem sentido se partirmos da equação existência-sofrimento. Não é nem uma constatação súbita, nem uma série de raciocínio o que nos conduz a esta equação, mas a elaboração inconsciente de todos os nossos instantes, a contribuição de todas as nossas experiências, ínfimas ou capitais. Quando carregamos em nós germes de decepções e como que uma sede de vê-los eclodir, o desejo de que o mundo anule a cada passo nossas esperanças multiplica as confirmações voluptuosas do mal. Os argumentos vêm em seguida; a doutrina se constrói: só permanece ainda o perigo da "sabedoria". Mas, se não queremos libertar-nos do sofrimento nem vencer as contradições e os conflitos, se preferimos as nuanças do inacabado e as dialéticas afetivas à *unidade* de um sublime beco sem saída? A salvação acaba com tudo; e acaba conosco. Quem, uma vez *salvo*, ousa considerar-se ainda vivo? Só se vive realmente pela recusa a libertar-se do sofrimento e por uma espécie de tentação religiosa de irreligiosidade. A salvação só preocupa os assassinos e os santos, os que mataram ou superaram a criatura; os outros chafurdam — bêbados perdidos — na imperfeição...

O erro de toda doutrina da libertação é suprimir a poesia, clima do inacabado. O poeta se trairia se aspirasse a salvar-se: a salvação é a morte do canto, a negação da arte e do espírito. Como sentir-se solidário de um desenlace? Podemos refinar, cultivar nossas dores, mas como emancipar-nos delas sem abolir-nos? Dóceis

à maldição, só existimos enquanto sofremos. Uma alma só se engrandece pela quantidade de *insuportável* que assume.

O VENENO ABSTRATO

Mesmo nossos males vagos, nossas inquietudes difusas, quando degeneram em fisiologia, convém, por um processo inverso, reconduzi-los às manobras da inteligência. E se alçássemos o tédio — percepção tautológica do mundo, tênue ondulação da duração — à dignidade de uma elegia dedutiva, se oferecêssemos a ele a tentação de uma prestigiosa esterilidade? Sem o recurso a uma ordem superior à alma, esta se perde na carne — e a fisiologia revela-se a última palavra de nossas perplexidades filosóficas. Converter os venenos imediatos em valor de troca intelectual, elevar à função de instrumento a corrupção sensível, ou cobrir por meio de normas a impureza de todo sentimento e de toda sensação, é uma busca de elegância necessária ao espírito, comparada à qual a alma — essa hiena patética — é apenas profunda e sinistra. O espírito *em si* só pode ser *superficial*, pois sua natureza está preocupada unicamente com a ordenação dos acontecimentos conceituais e não com suas implicações nas esferas que *significam*. Nossos estados só lhe interessam na medida em que são transmutáveis. Assim, a melancolia emana de nossas vísceras e alcança o vazio cósmico; mas o espírito só a adota purificada do que a une à fragilidade dos sentidos; ele a *interpreta*; refinada, torna-se *ponto de vista*: melancolia categorial. A teoria espreita e capta nossos venenos: e os faz menos nocivos. É uma degradação *para o alto*, pois o espírito, amante das vertigens puras, é inimigo das intensidades.

A CONSCIÊNCIA DA INFELICIDADE

Elementos e atos, tudo concorre para ferir-te. Armar-se de desdéns, isolar-se em uma fortaleza de nojo, sonhar com indiferenças sobre-humanas? Os ecos do tempo te perseguiriam em tuas últimas ausências... Quando nada pode impedir-te de sangrar, as próprias idéias tingem-se de vermelho ou invadem-se umas às outras como tumores. Não há nas farmácias nada específico contra a existência; só pequenos remédios para os fanfarrões. Mas onde está o antídoto do desespero claro, infinitamente articulado, orgulhoso e seguro? Todos os seres são desgraçados; mas, quantos o sabem? A consciência da infelicidade é uma doença grave demais para figurar em uma aritmética das agonias ou nos registros do Incurável. Ela rebaixa o prestígio do inferno e converte os matadouros do tempo em paraísos. Que pecado cometeste para nascer, que crime para existir? Tua dor, como teu destino, não tem motivo. Sofrer verdadeiramente é aceitar a invasão dos males sem a desculpa da causalidade, como um favor da natureza demente, como um milagre negativo...

Na frase do Tempo os homens se inserem como vírgulas, enquanto que, para detê-la, tu te imobilizaste como um ponto.

O PENSAMENTO INTERJETIVO

A idéia de infinito deve ter nascido em um dia de relaxamento, em que uma vaga languidez infiltrou-se na geometria, como o primeiro ato de conhecimento no momento em que, no silêncio dos reflexos, um arrepio macabro isolou a percepção de seu objeto. Quantas repugnâncias ou nostalgias precisamos acumular para despertar-nos enfim sós, tragicamente superiores à evidência! Um suspiro esquecido nos fez dar um passo para fora do imediato; uma fadiga banal afastou-nos de uma paisagem ou de um ser; gemidos difusos nos separaram das inocências suaves ou temerosas. A soma destas distâncias acidentais constitui — balanço de nossos dias e nossas noites — o intervalo que nos distingue do mundo — e que o espírito esforça-se por reduzir e trazer de volta às nossas proporções frágeis. Mas a obra de cada lassidão se faz sentir: onde buscar ainda matéria sob nossos passos?

No início, pensamos para evadir-nos das coisas; depois, quando fomos longe demais, para perder-nos no remorso de nossa evasão... E é por isso que nossos conceitos encadeiam-se como suspiros dissi-

mulados, que toda reflexão ocupa um lugar de interjeição, que uma tonalidade plangente submerge a dignidade da lógica. Cores fúnebres obscurecem as idéias, efusões de cemitério sobre os parágrafos, odor de podridão nos preceitos, último dia de outono em um cristal intemporal... O espírito não tem defesa contra os miasmas que o assaltam, pois surgem do lugar mais corrompido que existe entre a terra e o céu, do lugar onde a loucura jaz na ternura, cloaca de utopias e vermineira de sonhos: nossa alma. E mesmo que pudéssemos mudar as leis do universo ou prever seus caprichos, ela nos subjugaria por suas misérias, pelo princípio de sua ruína. Uma alma que não esteja perdida? Onde está, para que se faça o seu processo, para que a ciência, a santidade e a comédia apoderem-se dela!

APOTEOSE DO VAGO

Poder-se-ia apreender a essência dos povos — mais ainda do que a dos indivíduos — por sua maneira de participar do *vago*. As evidências em que vivem só revelam seu caráter transitório, suas periferias, suas aparências.

O que um povo pode exprimir só tem um valor histórico: é seu êxito no devir; mas o que não pode exprimir, *seu fracasso no eterno*, é a sede infrutífera de si mesmo: seu esforço para esgotar-se na expressão, estando marcado pela impotência, ele o encobriu com certas palavras — alusões ao indizível...

Quantas vezes, em nossas peregrinações fora do intelecto, não descansamos nossas preocupações à sombra desses *Sehnsucht*, *yearning*, *saudade*, desses frutos sonoros abertos para corações maduros demais! Levantemos o véu dessas palavras: escondem um mesmo conteúdo? É possível que a mesma significação viva e morra nas ramificações verbais de um tronco do indefinido? Pode-se conceber que povos tão diversos sintam a nostalgia da mesma maneira?

Quem se empenhasse em encontrar a fórmula do *mal do longínquo* seria vítima de uma arquitetura mal construída. Para remontar-se à origem dessas expressões do vago deve-se praticar uma regressão afetiva até sua essência, afogar-se no inefável e sair com os conceitos em farrapos. Uma vez perdidos a segurança teórica e o

orgulho do inteligível, pode-se tentar compreender tudo, compreender tudo *por si mesmo*. Chega-se então a gozar no inexprimível, a passar os dias à margem do compreensível e a chafurdar no arrabalde do sublime. Para escapar à esterilidade é preciso regozijar-se no limiar da razão...

Viver na espera, no que ainda não é, é aceitar o desequilíbrio estimulante que supõe a idéia de porvir. Toda nostalgia é uma superação do presente. Mesmo sob a forma de remorso, assume um caráter dinâmico: quer-se forçar o passado, agir retroativamente, protestar contra o irreversível. A vida só tem conteúdo pela violação do tempo. A obsessão do alhures é a impossibilidade do instante; e esta impossibilidade é a nostalgia mesma.

Que os Franceses tenham se recusado a experimentar e sobretudo a cultivar a imperfeição do indefinido, não deixa de ter um tom revelador. Sob forma coletiva, esse mal não existe na França: o *cafard* não tem qualidade metafísica e o *ennui* está singularmente dirigido. Os Franceses repudiam toda complacência para com o Possível; sua própria língua elimina toda cumplicidade com seus perigos. Há outro povo que se encontre mais à vontade no mundo, para quem o *chez soi* tenha mais sentido e mais peso, para quem a imanência ofereça mais atrativos?

Para desejar fundamentalmente outra coisa, é preciso estar destituído do espaço e do tempo, e viver em um mínimo de parentesco com o lugar e o momento. O que faz com que a história da França ofereça tão poucas descontinuidades, é esta fidelidade à sua essência, que lisonjeia nossa inclinação à perfeição e decepciona a necessidade de inacabado que implica uma visão trágica. A única coisa contagiosa na França é a lucidez, o horror de ser enganado, de ser vítima do que quer que seja. Por isso um Francês só aceita a aventura com plena consciência; *quer* ser enganado; venda-se os olhos; o heroísmo inconsciente parece-lhe, com toda razão, uma falta de gosto, um sacrifício deselegante. Mas o equívoco brutal da vida exige que predomine a todo instante *o impulso*, e não a vontade, de ser cadáver, de ser enganado metafisicamente.

Se os Franceses sobrecarregaram de excessiva claridade a nostalgia, se lhe subtraíram certos prestígios íntimos e perigosos, a *Sehnsucht*, ao contrário, esgota o que há de insolúvel nos conflitos da alma alemã, dilacerada entre a *Heimat* e o Infinito.

Como poderia encontrar um apaziguamento? De um lado, a vontade de estar mergulhado na indivisão do coração e da terra;

do outro, a de absorver sempre o espaço em um desejo insaciável. E como a extensão não oferece limites, e com ela cresce a tendência para novas vadiagens, a meta retrocede à medida que se avança. Daí, o gosto exótico, a paixão pelas viagens, o deleite pela paisagem enquanto paisagem, a falta de forma interior, a profundidade tortuosa, simultaneamente sedutora e repugnante. Não há solução para a tensão entre a *Heimat* e o Infinito: é estar enraizado e desenraizado ao mesmo tempo, não ter podido encontrar um compromisso entre o lar e o longínquo. O imperialismo, constante funesta em sua última essência, não é a tradução política e vulgarmente concreta da *Sehnsucht*?

Não seria demais insistir nas conseqüências históricas de certas aproximações interiores. A nostalgia é uma delas; impede-nos de repousar na existência ou no absoluto; obriga-nos a flutuar no indistinto, a perder nossas bases, a viver *a descoberto* no tempo.

Estar arrancado da terra, exilado na duração, cortado de suas raízes imediatas, é desejar uma reintegração nas fontes originais anteriores à separação e ao rompimento. A nostalgia é sentir-se eternamente longe de casa; e, fora das proporções luminosas do Tédio, e da postulação contraditória do Infinito e da *Heimat*, toma a forma de retorno ao finito, ao imediato, a um apelo terrestre e maternal. Do mesmo modo que o espírito, o coração forja utopias: e a mais estranha de todas é a de um universo *natal*, onde se descansa de si mesmo, um universo travesseiro cósmico de todas as nossas fadigas.

Na aspiração nostálgica não se deseja algo palpável, mas uma espécie de calor abstrato, heterogêneo ao tempo e próximo de um pressentimento paradisíaco. Tudo o que não aceita a existência como tal, avizinha-se da teologia. A nostalgia não é mais do que uma teologia sentimental, onde o Absoluto está construído com os elementos do desejo, onde Deus é o Indeterminado elaborado pela languidez.

A SOLIDÃO — CISMA DO CORAÇÃO

Estamos condenados à perdição sempre que a vida não se revela como um milagre, sempre que o instante já não geme sob um calafrio sobrenatural. Como renovar esta sensação de plenitude, estes

segundos de delírio, estes relâmpagos vulcânicos, estes prodígios de fervor que rebaixam Deus a mero acidente de nossa argila? Por meio de que subterfúgio reviver esta fulguração na qual mesmo a música parece-nos superficial, como se fosse o refugo de nosso órgão interior?

Não está em nosso poder fazer voltar os arrebatamentos que nos faziam coincidir com o começo do movimento, tornando-nos donos do primeiro momento do tempo e artesãos instantâneos da Criação. Desta percebemos apenas o despojamento, a realidade lúgubre: vivemos para desaprender o êxtase. E não é o milagre que determina nossa tradição e nossa substância, mas o vazio de um universo privado de suas chamas, afogado em suas próprias ausências, objeto exclusivo de nossa ruminação: um universo solitário ante um coração solitário, predestinados, um e outro, a separar-se, e a exasperar-se na antítese. Quando a solidão se acentua a ponto de constituir não tanto nosso *dado* como nossa única *fé*, cessamos de ser solidários com o todo: heréticos da existência, somos excluídos da comunidade dos viventes, cuja única virtude é esperar, ofegantes, algo que não seja a morte. Mas, libertos da fascinação desta espera, expulsos do ecumenismo da ilusão, somos a seita mais herética, pois nossa própria alma nasceu na heresia.

("Quando a alma está em estado de graça, sua beleza é tão sublime e admirável que ultrapassa incomparavelmente tudo o que há de belo na natureza, e encanta os olhos de Deus e dos Anjos." [Inácio de Loyola]

Procurei estabelecer-me em alguma graça; quis liquidar as interrogações e desaparecer em uma luz ignorante, em qualquer luz desdenhosa do intelecto. Mas, como alcançar o suspiro de felicidade superior aos problemas, quando nenhuma "beleza" te ilumina, e Deus e os Anjos são cegos?

Antes, quando Santa Teresa, padroeira da Espanha e de tua alma, prescrevia-te um trajeto de tentações e de vertigens, o abismo transcendente maravilhava-te como uma queda nos céus. Mas esses céus se desvaneceram — como as tentações e as vertigens — e, no coração frio, extinguiram-se para sempre as febres de Ávila.

Por que estranheza da sorte, certos seres, tendo chegado ao ponto em que poderiam coincidir com uma fé, recuam para seguir

um caminho que só os leva a eles mesmos — e portanto a parte alguma? É por medo que, uma vez instalados na graça, percam suas virtudes próprias? Cada homem evolui à custa de suas profundidades, cada homem é um místico que se recusa: a terra está povoada de graças goradas e de mistérios pisoteados.)

PENSADORES CREPUSCULARES

Atenas estava morrendo e, com ela, o culto do conhecimento. Os grandes sistemas já haviam vivido: limitados ao domínio conceitual, repudiavam a intervenção dos tormentos, a busca da libertação e da meditação desordenada sobre a dor. Na cidade agonizante, que havia permitido a conversão dos acidentes humanos em teoria, qualquer coisa — o espirro ou a morte — suplantava os antigos problemas. A obsessão dos remédios marca o fim de uma civilização; a busca da salvação, o de uma filosofia. Platão e Aristóteles só haviam cedido a essas preocupações por exigência de equilíbrio; depois deles, elas triunfavam em todos os setores.

Roma, em seu ocaso, recolheu de Atenas apenas os ecos de sua decadência e os reflexos de seu esgotamento. Quando os gregos desfilavam suas dúvidas através do Império, a ruína deste e da filosofia era um fato virtualmente consumado. Como todas as questões pareciam legítimas, a superstição dos limites formais já não impedia a devassidão das curiosidades arbitrárias. A infiltração do epicurismo e do estoicismo era fácil: a moral substituía os edifícios abstratos, a razão adulterada tornava-se instrumento da prática. Nas ruas de Roma, com receitas diferentes de "felicidade", pululavam os epicuristas e os estóicos, peritos em sabedoria, nobres charlatões surgidos na periferia da filosofia para curar uma lassidão incurável e generalizada. Mas faltavam à sua terapêutica a mitologia e as anedotas estranhas que, na abulia universal, iam constituir o vigor de uma religião despreocupada das nuanças, vinda de mais longe que eles. A sabedoria é a última palavra de uma civilização que expira, o nimbo dos crepúsculos históricos, a fadiga transfigurada em visão do mundo, a última tolerância antes da chegada de outros deuses mais jovens — e da barbárie; é também uma vã tentativa de melodia nos estertores do fim, que surgem de toda parte. Pois o Sábio — teórico da morte límpida, herói da indiferença e símbolo da última etapa da filosofia, de sua degeneração e vacuidade — resolveu o problema de sua própria morte... e suprimiu assim todos os problemas. Dotado de ridículos mais raros, é um caso-limite, que se encontra em períodos extremos como uma confirmação excepcional da patologia geral.

Encontrando-nos no ponto simétrico da agonia antiga, vítimas dos mesmos males e sob sortilégios igualmente inelutáveis, vemos os grandes sistemas abolidos por sua perfeição limitada. Também para nós tudo se torna tema de uma filosofia sem dignidade e sem rigor... O destino impessoal do pensamento dispersou-se em mil almas, em mil humilhações da Idéia... Nem Leibniz, nem Kant, nem Hegel podem mais nos prestar ajuda. Chegamos com nossa própria morte ante as portas da filosofia: apodrecidas, sem mais nada para guardar, abrem-se por si mesmas... e qualquer coisa torna-se tema filosófico. Os parágrafos são substituídos por gritos: o resultado é uma filosofia de *fundus animae*, cuja intimidade se reconheceria nas aparências da história e nas ilusões do tempo.

Também nós buscamos a "felicidade", seja por frenesi, seja por desdém: desprezá-la é ainda não esquecê-la, e repudiá-la pensando nela; também nós buscamos a "salvação", ainda que seja não a desejando. E se somos os heróis negativos de uma Idade demasiado madura, por isso mesmo somos seus *contemporâneos*: trair seu tempo ou ser fanático por ele, exprime — sob uma contradição aparente — um mesmo ato de participação. Os altos desfalecimentos, as sutis decrepitudes, a aspiração a auréolas intemporais — tudo isso conduzindo à sabedoria —, quem não os reconhece em si mesmo? Quem não sente o direito de afirmar-se plenamente no vazio que o rodeia, antes que o mundo se desvaneça na aurora de um absoluto ou de uma negação nova? Um deus ameaça sempre no horizonte. Estamos à margem da filosofia, uma vez que consentimos em seu ocaso. Façamos que o deus não se instale em nossos pensamentos, guardemos ainda nossas dúvidas, as aparências de equilíbrio e a tentação do destino imanente, pois qualquer aspiração arbitrária e fantástica é preferível às verdades inflexíveis. Mudamos de remédios, ao não encontrar nenhum eficaz nem válido, porque

não temos fé nem no apaziguamento que buscamos nem nos prazeres que perseguimos. Sábios versáteis, somos os epicuristas e os estóicos das Romas modernas...

RECURSOS DA AUTODESTRUIÇÃO

Nascidos em uma prisão, com fardos sobre nossos ombros e nossos pensamentos, não poderíamos alcançar o termo de um só dia se a possibilidade de acabar não nos incitasse a recomeçar o dia seguinte... Os grilhões e o ar irrespirável deste mundo roubam-nos tudo, salvo a liberdade de matar-nos; e esta liberdade nos insufla uma força e um orgulho tais que triunfam sobre os pesos que nos esmagam.

Poder dispor absolutamente de si mesmo e recusar-se: existe dom mais misterioso? A consolação pelo suicídio possível amplia infinitamente esta morada onde sufocamos. A idéia de nos destruir, a multiplicidade de meios para consegui-lo, sua facilidade e proximidade nos alegram e nos assustam; pois não há nada mais simples e mais terrível do que o ato pelo qual decidimos irrevogavelmente sobre nós mesmos. Em um só instante, suprimimos todos os instantes; nem o próprio Deus saberia fazer igual. Mas, demônios fanfarrões, adiamos nosso fim: como renunciaríamos ao desdobramento de nossa liberdade, ao jogo de nossa soberba?...

Quem jamais concebeu sua própria anulação, quem não pressentiu o recurso à corda, à bala, ao veneno ou ao mar, é um condenado abjeto ou um verme rastejante sobre a carcaça cósmica. Este mundo pode nos tirar tudo, pode proibir-nos tudo, mas não está em poder de ninguém impedir nossa auto-abolição. Todos os utensílios nos ajudam, todos os nossos abismos nos convidam; mas todos os nossos instintos se opõem. Esta contradição desenvolve no espírito um conflito sem saída. Quando começamos a refletir sobre a vida, a descobrir nela um infinito de vacuidade, nossos instintos já se erigiram em guias e mandatários de nossos atos; refreiam o vôo de nossa inspiração e a destreza de nosso desprendimento. Se, no momento de nosso nascimento, fôssemos tão conscientes como

o somos ao sair da adolescência, é mais do que provável que aos cinco anos o suicídio fosse um fenômeno habitual ou mesmo uma questão de honorabilidade. Mas *despertamos* tarde demais: temos contra nós os anos fecundados unicamente pela presença dos instintos, que devem ficar estupefatos com as conclusões a que conduzem nossas meditações e decepções. E reagem: no entanto, como adquirimos a consciência de nossa liberdade, somos donos de uma resolução tanto mais atraente quanto não a colocamos em prática. Ela nos faz suportar os dias e, mais ainda, as noites; já não somos pobres, nem oprimidos pela adversidade: dispomos de recursos supremos. E mesmo que não os explorássemos nunca, e acabássemos na expiração tradicional, haveríamos tido um tesouro em nossos desamparos: existe maior riqueza do que o suicídio que cada um carrega em si?

Se as religiões nos proibiram morrer por nossa própria mão, é porque viam nisso um exemplo de insubmissão que humilhava os templos e os deuses. Certo concílio de Orléans considerava o suicídio como um pecado mais grave que o homicídio, porque o assassino sempre pode se arrepender, salvar-se, enquanto que aquele que tirou a própria vida transpôs os limites da salvação. Mas o ato de se matar não parte de uma fórmula radical de salvação? E o nada não vale tanto quanto a eternidade? Só o existente não tem necessidade de fazer guerra ao universo; é a si mesmo que envia o ultimato. Já não aspira a *ser* para sempre, se em um ato incomparável foi *absolutamente* ele mesmo. Recusa o céu e a terra como recusa-se a si mesmo. Ao menos, terá alcançado uma plenitude de liberdade inacessível ao que a busca indefinidamente no futuro...

Nenhuma igreja, nenhuma instituição inventou até o presente um só argumento válido contra o suicídio. A quem não pode mais suportar a vida, o que responder? Ninguém está à altura de tomar sobre si os fardos de outro. E que força dispõe a dialética contra o assalto dos desgostos irrefutáveis e de mil evidências inconsoladas? O suicídio é um dos sinais distintivos do homem, uma de suas descobertas; nenhum animal é capaz dele e os anjos apenas o adivinharam; sem ele, a realidade humana seria menos curiosa e menos pitoresca: faltar-lhe-ia um clima estranho e uma série de possibilidades funestas, que têm seu valor estético, mesmo que só fosse por introduzir na tragédia soluções novas e uma variedade de desenlaces.

Os sábios antigos, que se matavam como prova de sua maturidade, haviam criado uma disciplina do suicídio que os modernos desaprenderam. Condenados a uma agonia sem gênio, não somos nem autores de nossos últimos instantes, nem árbitros de nossos adeuses; o final não é *nosso* final: a excelência de uma iniciativa única — pela qual resgataríamos uma vida insípida e sem talento — nos falta, como nos falta o cinismo sublime, o fausto antigo da arte de perecer. Rotineiros do desespero, cadáveres que se aceitam, todos nós sobrevivemos e morremos apenas para cumprir uma formalidade inútil. É como se nossa vida só se preocupasse em adiar o momento em que poderíamos livrar-nos dela.

OS ANJOS REACIONÁRIOS

É difícil formular um juízo sobre a rebelião do menos filósofo dos anjos, sem misturar nele simpatia, assombro e reprovação. A injustiça governa o universo. Tudo o que se constrói, tudo o que se desfaz, leva a marca de uma fragilidade imunda, como se a matéria fosse o fruto de um escândalo no seio do nada. Cada ser nutre-se da agonia de outro ser; os instantes se precipitam como vampiros sobre a anemia do tempo; o mundo é um receptáculo de soluços... Neste matadouro, cruzar os braços ou sacar a espada são gestos igualmente vãos. Nenhum soberbo arrebatamento saberia sacudir o espaço nem enobrecer as almas. Triunfos e fracassos sucedem-se segundo uma lei desconhecida que tem o nome de *destino*, nome ao qual recorremos quando, filosoficamente desguarnecidos, nossa estada neste mundo, ou não importa onde, parece-nos sem solução e como uma maldição que devemos sofrer, irracional e imerecida. Destino — palavra preferida na terminologia dos vencidos... Ávidos de uma nomenclatura para o Irremediável, buscamos um alívio na invenção verbal, nas claridades suspensas acima de nossos desastres. As palavras são caridosas: sua frágil realidade nos engana e nos consola.

Deste modo o "destino", que não pode querer nada, é quem *quis* o que nos sucede... Apaixonados pelo Irracional como único modo de explicação, vemo-lo carregar a balança de nossa sorte, na qual só pesam os elementos negativos, da mesma natureza. De onde extrair o orgulho para provocar as forças que assim decretaram e que, além disso, são irresponsáveis por tal decreto? Contra quem levar a luta e para onde dirigir o assalto quando a injustiça fustiga o ar de nossos pulmões, o espaço de nossos pensamentos, o silêncio e o estupor dos astros? Nossa rebelião está tão mal concebida como o mundo que a suscita. Como empenhar-se em reparar as faltas quando, como Dom Quixote em seu leito de morte, perdemos — no extremo da loucura, extenuados — vigor e ilusão para enfrentar os caminhos, os combates e as derrotas. E como encontrar de novo o frescor do arcanjo sedicioso, aquele que, ainda no começo do tempo, ignorava esta sabedoria pestilenta em que nossos impulsos se afogam? De onde tiraríamos suficiente verve e presunção para difamar o rebanho dos outros anjos, se neste mundo seguir seu colega é precipitar-se mais abaixo ainda, se a injustiça dos homens imita a de Deus e toda rebelião opõe a alma ao infinito e a despedaça contra ele? Aos anjos anônimos — encolhidos sob suas asas sem idade, eternamente vencedores e vencidos em Deus, insensíveis às nefastas curiosidades, sonhadores paralelos aos lutos terrestres — quem ousaria atirar-lhes a primeira pedra e, por desafio, interromper seu sono? A rebelião, orgulho da queda, só extrai sua nobreza de sua inutilidade: os sofrimentos a despertam e logo a abandonam; o frenesi a exalta e a decepção a nega... Não poderia ter sentido em um universo *não-válido*.

(Neste mundo nada está em seu lugar, começando pelo próprio mundo. Não devemos surpreender-nos então com o espetáculo da injustiça humana. É igualmente vão repudiar ou aceitar a ordem social: somos obrigados a sofrer suas transformações para melhor ou para pior com um conformismo desesperado, como sofremos o nascimento, o amor, o clima e a morte. A decomposição preside as leis da vida: mais próximos de nosso pé do que estão do seu os objetos inanimados, sucumbimos antes deles e corremos para o nosso destino sob o olhar das estrelas aparentemente indestrutíveis. Mas mesmo elas virarão pó em um universo que só nosso coração leva a sério para expiar depois com dilacerações sua falta de ironia...

Ninguém pode corrigir a injustiça de Deus e dos homens: todo ato é apenas um caso especial, aparentemente organizado, do caos original. Somos arrastados por um turbilhão que remonta à aurora

dos tempos; e se esse turbilhão tomou o aspecto da ordem é apenas para nos arrastar melhor...)

A PREOCUPAÇÃO COM A DECÊNCIA

Sob o aguilhão da dor, a carne desperta; matéria lúcida e lírica, canta sua dissolução. Enquanto era indiscernível da natureza, repousava no esquecimento dos elementos: o eu ainda não havia se apoderado dela. A matéria que sofre emancipa-se da gravitação, não é mais solidária do resto do universo, isola-se do conjunto adormecido; pois a dor, agente de separação, princípio ativo de individuação, nega as delícias de um destino estatístico.

O ser verdadeiramente solitário não é o que foi abandonado pelos homens, mas o que sofre no meio deles, o que arrasta seu deserto nas feiras e exige seus talentos de leproso sorridente, de comediante do irreparável. Os grandes solitários de outrora eram felizes, não conheciam a duplicidade, não tinham nada que ocultar: só se relacionavam com sua própria solidão.

Entre todos os laços que nos unem às coisas, não há um só que não afrouxe e não pereça sob a influência do sofrimento, que nos liberta de tudo, salvo da obsessão de nós mesmos e da sensação de ser irrevogavelmente *indivíduo*. É a solidão hipostasiada em essência. Sendo assim, por que meios comunicar-se com os outros senão pela prestidigitação da mentira? Pois se não fôssemos saltimbancos, se não houvéssemos aprendido os artifícios de um charlatanismo sábio, se enfim fôssemos *sinceros* até o despudor ou a tragédia —, nossos mundos subterrâneos vomitariam oceanos de fel, onde desaparecer seria nosso ponto de honra: fugiríamos assim da inconveniência de tanto grotesco e sublime. Em um certo grau de desgraça, toda franqueza torna-se indecente. Jó se deteve a tempo: um passo adiante e nem Deus nem seus amigos lhe teriam mais respondido.

(Somos "civilizados" na medida em que não proclamamos nossa lepra, em que damos prova de respeito pela elegante falsidade forjada pelos séculos. Ninguém tem o direito de curvar-se sob o peso de suas horas... Todo homem esconde em si uma possibilidade de apocalipse, mas todo homem sujeita-se a nivelar seus próprios abismos. Se cada um desse livre curso à sua solidão, Deus deveria recriar este mundo, cuja existência depende inteiramente de nossa educação e deste medo que temos de nós mesmos... — O caos? — É rejeitar tudo o que se aprendeu, é ser *você mesmo*...)

A GAMA DO VAZIO

Vi este perseguir tal meta e aquele tal outra; vi os homens fascinados por objetos díspares, sob o encanto de projetos e de sonhos ao mesmo tempo vis e indefiníveis. Analisando cada caso isoladamente para descobrir as razões de tanto fervor desperdiçado, compreendi o sem-sentido de todo gesto e de todo esforço. Existe uma só vida que não esteja impregnada dos erros que fazem viver? Existe uma só vida clara, transparente, sem raízes humilhantes, sem motivos inventados, sem os mitos surgidos dos desejos? Onde está o ato puro de toda utilidade: sol que abomine a incandescência, anjo em um universo sem fé, ou verme ocioso em um mundo abandonado à imortalidade?

Quis defender-me contra todos os homens, reagir contra sua loucura, descobrir sua origem; escutei, vi e tive medo: medo de agir pelos mesmos motivos ou por qualquer outro motivo, de crer nos mesmos fantasmas ou em qualquer outro fantasma, de deixar-me afogar pelas mesmas embriaguezes ou por qualquer outra embriaguez; medo, enfim, de delirar em comum e de expirar em uma multidão de êxtases. Eu sabia que ao separar-me de uma pessoa despojara-me de um erro, que estava pobre da ilusão que lhe deixava... Suas palavras febris a revelavam prisioneira de uma evidência absoluta para ela e irrisória para mim; ao contato de seu absurdo, despojava-me do meu... A quem aderir sem o sentimento de enganar-se e sem enrubescer? Só pode justificar-se aquele que pratica, *com plena consciência*, o disparate necessário para qualquer ato, e que não embeleza com nenhum sonho a ficção a que se entrega, do mesmo modo que só se pode admirar um herói que morre sem convicção, tanto mais disposto ao sacrifício quanto entreviu seu fundo. Quanto aos amantes, seriam odiosos se no meio de suas caretas o pressentimento da morte não os roçasse. É perturbador pensar que levamos para o túmulo nosso segredo — nossa

ilusão —, que não sobrevivemos ao erro misterioso que vivificava nosso alento, que excetuando as prostitutas e os céticos todos se perdem na mentira, porque não adivinham a equivalência, na nulidade, das volúpias e das verdades.

Quis suprimir em mim as razões que os homens invocam para existir e para agir. Quis tornar-me indizivelmente normal — e eis-me aqui, no embrutecimento, no mesmo plano que os idiotas e tão vazio como eles.

CERTAS MANHÃS

Pesar por não ser Atlas, por não poder sacudir os ombros para assistir ao desmoronamento desta risível matéria... a raiva segue o caminho inverso da cosmogonia. Por que mistério despertamos certas manhãs com a sede de demolir o conjunto inerte e vivo? Quando o diabo penetra em nossas veias, quando nossas idéias sofrem convulsões, e nossos desejos cortam a luz, os elementos se inflamam e se consomem, enquanto nossos dedos filtram a cinza.

Que pesadelos suportamos durante as noites para acordarmos inimigos do sol? Devemos liquidar a nós mesmos para acabar com o todo? Que cumplicidade, que laços nos prolongam em uma intimidade com o tempo? A vida seria intolerável sem as forças que a negam. Donos de uma saída possível, da *idéia* de uma fuga, poderíamos facilmente nos abolir e, no auge do delírio, expectorar este universo. Ou, então, rezar e esperar outras manhãs.

(Escrever seria um ato insípido e supérfluo se pudéssemos chorar à vontade, e imitar as crianças e as mulheres tomadas pelo furor... Na matéria de que somos moldados, em sua mais profunda impureza, encontra-se um princípio de amargura, que só as lágrimas suavizam. Se cada vez que os desgostos nos assaltam, tivéssemos a possibilidade de nos livrar deles pelo pranto, as doenças vagas e a poesia desapareceriam. Mas uma reticência inata, agravada pela educação, ou um funcionamento defeituoso das glândulas lacrimais, condena-nos ao martírio dos olhos secos. Aliás, os gritos, as tempestades de pragas, a automaceração e as unhas cravadas na carne, com as consolações de um espetáculo de sangue, não figuram mais entre nossos procedimentos terapêuticos. Daí se segue

que estamos todos enfermos e que necessitaríamos de um Saara cada um para berrar à vontade, ou as margens de um mar elegíaco e fogoso para mesclar a seus lamentos desenfreados nossos lamentos mais desenfreados ainda. Nossos paroxismos exigem o cenário de um sublime caricatural, de um infinito apoplético, a visão de uma força onde o firmamento serviria de patíbulo a nossas carcaças e aos elementos.)

O LUTO ATAREFADO

Todas as verdades estão contra nós. Mas continuamos vivendo porque as aceitamos em si mesmas, porque nos recusamos a tirar as conseqüências. Onde existe alguém que tenha traduzido — em sua conduta — uma só conclusão do ensino da astronomia, da biologia, e que tenha decidido não levantar-se mais da cama por revolta ou por humildade face às distâncias siderais ou aos fenômenos naturais? Houve algum vez um orgulho vencido pela evidência de nossa irrealidade? E quem foi bastante audaz para não fazer mais nada, já que todo ato é ridículo no infinito? As ciências provam nosso nada. Mas quem tirou disto a última lição? Quem tornou-se herói da preguiça total? Ninguém cruza os braços: somos mais laboriosos que as formigas e as abelhas. Mas se uma formiga, se uma abelha — pelo milagre de uma idéia ou por uma tentação de singularidade — se isolasse do formigueiro ou do enxame, se contemplasse *de fora* o espetáculo de suas penas, persistiria ainda em seu trabalho?

Só o animal racional não soube aprender nada de sua filosofia: mantém-se à parte — e persevera contudo nos mesmos erros de aparência eficaz e de realidade nula. Vista do exterior, de qualquer ponto arquimediano, a vida — com todas as suas crenças — não é possível, nem sequer concebível. Só se pode *agir* contra a verdade. O homem recomeça cada dia, apesar de tudo o que sabe, contra tudo o que sabe. Levou este equívoco até o vício. A clarividência está de luto mas — estranho contágio — mesmo este luto é ativo; assim, somos arrastados em um cortejo fúnebre até o Juízo Final; assim, até do último repouso, do silêncio final da história, fizemos uma atividade: é a *mise-en-scène* da agonia, a necessidade de dinamismo até nos estertores...

(As civilizações esbaforidas esgotam-se mais rapidamente do que as que se acomodam na eternidade. A China, expandindo-se durante milênios na flor de sua velhice, propõe o único exemplo a seguir; só ela chegou também, há tempos, a uma sabedoria refinada, superior à filosofia: o taoísmo supera tudo o que o espírito concebeu no plano do desapego. — Contamos por *gerações*: é a maldição das civilizações apenas seculares haver perdido, em sua cadência precipitada, a consciência intemporal.

É evidente que estamos no mundo para não fazer nada; mas, em vez de arrastar preguiçosamente nossa podridão, exalamos suor e nos esfalfamos no ar fétido. A História inteira está em estado de putrefação; seu fedor desloca-se para o futuro: corremos para lá, mesmo que seja apenas pela febre inerente a toda decomposição.

É tarde demais para que a humanidade se emancipe da ilusão do *ato*, é sobretudo tarde demais para que se eleve à *santidade do ócio*.)

IMUNIDADE CONTRA A RENÚNCIA

Tudo o que se refere à eternidade transforma-se inevitavelmente em lugar-comum. O mundo acaba por aceitar qualquer revelação e resigna-se a qualquer calafrio, contanto que a fórmula tenha sido encontrada. A idéia da futilidade universal — mais perigosa que todos os flagelos — degradou-se até a evidência: todos a admitem e ninguém se conforma. O pavor de uma verdade última foi aprisionado; convertido em estribilho, os homens não pensam mais nisso, pois aprenderam de cor uma coisa que, apenas entrevista, deveria precipitá-los no abismo ou na salvação. A visão da nulidade do tempo fez nascer os santos e os poetas, e os desesperos de alguns solitários, apaixonados pelo anátema...

Esta visão não é estranha às massas: elas repetem enfadonhamente: "Para que serve isso?"; "Aonde isso leva?"; "Não há mal que sempre dure"; "Quanto mais muda, mais continua igual" — e no entanto nada acontece, nada interfere: nem um santo, nem um poeta a mais... Se elas se conformassem com um só desses estribilhos a face do mundo se transformaria. Mas a eternidade — surgida de um pensamento antivital — não poderia ser um reflexo

humano sem perigo para o exercício dos atos: torna-se lugar-comum para que se possa esquecê-la por uma repetição maquinal. A santidade é uma aventura como a poesia. Os homens dizem: "tudo passa" — mas quantos compreendem o alcance desta aterradora banalidade? Quantos fogem da vida, a cantam ou a choram? Quem não está imbuído da convicção de que tudo é vão? Mas quem ousa encarar as conseqüências disso? O homem com vocação metafísica é mais raro que um monstro — e entretanto cada homem contém virtualmente os elementos dessa vocação. Bastou a um príncipe indiano ver um inválido, um velho e um morto *para compreender tudo*: nós que também os vemos não compreendemos nada, pois nada muda em nossa vida. Não podemos renunciar a coisa alguma; no entanto, as evidências da vaidade estão ao nosso alcance. Doentes de esperança, esperamos sempre; e a vida não é mais do que a espera hipostasiada. Esperamos tudo — até o Nada — menos ser reduzidos a uma suspensão eterna, a uma condição de divindade neutra ou de cadáver. Assim, o coração que fez para si um axioma do Irreparável, ainda espera surpresas. A humanidade vive amorosamente nos acontecimentos que a negam...

EQUILÍBRIO DO MUNDO

A simetria aparente das alegrias e das penas não emana em absoluto de sua distribuição eqüitativa: é devida à injustiça que fere certos indivíduos, e os obriga assim a compensar com seu abatimento a despreocupação dos outros. Sofrer as conseqüências de seus atos ou ser preservado delas, tal é a sorte dos homens. Esta discriminação efetua-se sem nenhum critério: é uma fatalidade, uma partilha absurda, uma seleção caprichosa. Ninguém pode escapar da condenação à felicidade ou à desventura, nem furtar-se à sentença natural, ao tribunal funambulesco cuja decisão estende-se entre o espermatozóide e o túmulo.

Existem os que pagam todas as suas alegrias, que expiam todos os seus prazeres, que têm que prestar contas de todos os seus esquecimentos: não serão jamais devedores de um só instante de felicidade. Mil amarguras coroaram para eles um estremecimento de volúpia como se não tivessem direito às doçuras permitidas, como se

suas entregas pusessem em perigo o equilíbrio bestial do mundo... Foram felizes em meio a uma paisagem? — lamentarão em iminentes desgostos; estiveram orgulhosos de seus projetos e de seus sonhos? Despertarão logo, como de uma utopia, corrigidos por sofrimentos demasiado positivos.

Assim, há sacrificados que pagam a inconsciência dos outros, que expiam não somente sua própria felicidade mas também a de desconhecidos. O equilíbrio se restabelece desta maneira; a proporção das alegrias e das penas torna-se harmoniosa. Se um obscuro princípio universal decretou que pertencerás ao grupo das vítimas, andarás ao longo de teus dias pisoteando o bocadinho de paraíso que escondias dentro de ti, e o pouco ímpeto que se revelava em teus olhares e em teus sonhos se sujará ante a impureza do tempo, da matéria e dos homens. Como pedestal terás um muladar e como tribuna um aparelho de tortura. Só serás digno de uma glória leprosa e de uma coroa de baba. Tentar andar ao lado desses a quem tudo é devido, para quem todos os caminhos são livres? Mas o pó e a própria cinza se erguerão para barrar-te as portas do tempo e as saídas do sonho. Seja qual for a direção para onde te encaminhes, teus passos se atolarão, tuas vozes só clamarão os hinos da lama e, sobre tua cabeça inclinada até o coração, onde só habita a piedade por ti mesmo, passará apenas o hálito dos bem-aventurados, joguetes benditos de uma ironia sem nome, e tão pouco culpados como tu mesmo.

ADEUS À FILOSOFIA

Afastei-me da filosofia no momento em que se tornou impossível para mim descobrir em Kant alguma fraqueza humana, algum acento de verdadeira tristeza; em Kant e em todos os filósofos. Comparada à música, à mística e à poesia, a atividade filosófica provém de uma seiva diminuída e de uma profundidade suspeita, que guardam prestígios somente para os tímidos e os tíbios. Aliás, a filosofia — inquietude pessoal, refúgio nas idéias anêmicas — é o recurso de

todos os que se esquivam à exuberância corruptora da vida. Quase que todos os filósofos terminaram *bem*: é o argumento supremo contra a filosofia. O fim do próprio Sócrates não tem nada de trágico: é um mal-entendido, o fim de um pedagogo — e se Nietzsche soçobrou, foi como poeta e visionário: expiou seus êxtases, não seus raciocínios.

Não se pode eludir a existência com explicações, só se pode suportá-la, amá-la ou odiá-la, adorá-la ou temê-la, nessa alternância de felicidade e de horror que exprime o ritmo mesmo do ser, suas oscilações, suas dissonâncias, suas veemências amargas ou alegres.

Quem não está exposto, por surpresa ou por necessidade, a uma derrota irrefutável, quem não ergue então as mãos em prece para logo deixá-las cair ainda mais vazias que as respostas da filosofia? Diríamos que a sua missão é nos proteger enquanto a inadvertência da sorte nos deixa caminhar aquém da desordem, e nos abandonar quando somos obrigados a mergulhar nela. E como poderia ser diferente, quando se vê quão pouco dos sofrimentos da humanidade passou para a sua filosofia. O exercício filosófico não é fecundo; é apenas respeitável. Sempre se é filósofo impunemente: um ofício sem destino que enche de pensamentos volumosos as horas neutras e desocupadas, as horas refratárias ao Antigo Testamento, a Bach e a Shakespeare. E esses pensamentos, por acaso, se materializaram em uma só página equivalente a uma exclamação de Jó, a um terror de Macbeth ou à altura de uma Cantata? O universo não se *discute*; se *exprime*. E a filosofia não o exprime. Os verdadeiros problemas só começam após havê-la percorrido ou esgotado, após o último capítulo de um imenso tomo, que põe o ponto final em sinal de abdicação ante o Desconhecido, onde se enraízam todos os nossos instantes, e com o qual precisamos lutar, porque é naturalmente mais imediato, mais importante que o pão cotidiano. Aqui o filósofo nos abandona: inimigo do desastre, ele é sensato como a razão, e tão prudente quanto ela. E ficamos em companhia de um velho pestilento, de um poeta instruído de todos os delírios e de um músico cuja sublimidade transcende a esfera do coração. Só começamos a viver realmente no final da filosofia, sobre suas ruínas, quando compreendemos sua terrível nulidade, e que era inútil recorrer a ela, incapaz de qualquer auxílio.

(Os grandes sistemas, no fundo, são apenas brilhantes tautologias. Que vantagem há em saber que a natureza do ser consiste na

"vontade de viver", na "idéia", ou na fantasia de Deus ou da Química? Simples proliferação de palavras, sutis deslocamentos de sentidos. O que *é* repele o abraço verbal, e a experiência íntima não nos revela nada além do instante privilegiado e inexprimível. Aliás, o ser mesmo não é mais que uma pretensão do Nada.

Só se define por desespero. É preciso uma fórmula, é preciso mesmo muitas, nem que seja para dar uma justificação ao espírito e uma fachada ao nada.

Nem o conceito nem o êxtase são operativos. Quando a música nos submerge até as "intimidades" do ser, voltamos rapidamente à superfície: os efeitos da ilusão se dissipam e o saber revela-se nulo.

As coisas que tocamos e as que concebemos são tão improváveis quanto nossos sentidos e nossa razão; só estamos *seguros* em nosso universo verbal, manobrável a nosso bel-prazer, e ineficaz. O ser é mudo e o espírito tagarela. Isso se chama *conhecer*.

A originalidade dos filósofos se reduz a inventar termos. Como só há três ou quatro atitudes ante o mundo — e mais ou menos outras tantas maneiras de morrer —, as nuanças que as diversificam e as multiplicam só dependem da escolha de vocábulos, desprovidos de todo alcance metafísico.

Afundamos em um universo pleonástico, onde as interrogações e as réplicas se equivalem.)

DO SANTO AO CÍNICO

A burla rebaixou tudo à categoria de pretexto, salvo o Sol e a Esperança, salvo as duas condições da vida: o astro do mundo e o astro do coração, um deslumbrante, o outro invisível. Um esqueleto, aquecendo-se ao sol e esperando, seria mais vigoroso que um Hércules desesperado e cansado da luz; um ser, totalmente permeável à Esperança, seria mais poderoso que Deus e mais vivo que a Vida. Macbeth, "*aweary of the sun*", é a última das criaturas, pois a verdadeira morte não é a podridão, mas o nojo de toda irradiação, a repulsa por tudo o que é germe, por tudo o que floresce sob o calor da ilusão.

O homem profanou as coisas que nascem e morrem sob o sol, salvo o sol, as coisas que nascem e morrem na esperança, salvo a esperança. Não tendo ousado ir mais longe, pôs limites a seu cinismo. É que um cínico, que se pretende conseqüente, só o é em palavras; seus gestos fazem dele o ser mais contraditório: ninguém poderia viver depois de haver dizimado suas superstições. Para chegar ao cinismo total, seria preciso um esforço inverso ao da santidade e ao menos igualmente considerável; ou, então, imaginar um santo que, chegado ao cume de sua purificação, descobrisse a vaidade do trabalho a que se dedicara — e o ridículo de Deus...

Tal monstro de clarividência mudaria as coordenadas da vida: teria força e autoridade para pôr em questão as condições mesmas de sua existência; já não correria o risco de contradizer-se; nenhum desfalecimento humano debilitaria mais suas ousadias; havendo perdido o respeito religioso que tributamos, involuntariamente, a nossas últimas ilusões, zombaria de seu coração e do sol...

RETORNO AOS ELEMENTOS

Se a filosofia não houvesse feito nenhum progresso desde os pré-socráticos, não haveria nenhuma razão para queixas. Fartos da miscelânea dos conceitos, acabamos por perceber que nossa vida se agita sempre nos elementos com os quais eles constituíam o mundo, que são a terra, a água, o fogo e o ar que nos condicionam, que esta física rudimentar delimita o espaço de nossas provas e o princípio de nossos tormentos. Ao haver complicado estes dados elementares, perdemos — fascinados pelo cenário e pelo edifício das teorias — a compreensão do Destino, o qual, entretanto, imutável, é o mesmo que nos primeiros dias do mundo. Nossa existência, reduzida a sua essência, continua sendo um combate contra os elementos de sempre, combate que nosso saber não suaviza de nenhuma maneira. Os heróis de qualquer época não são menos infelizes que os de Homero e, se se tornaram *personagens*, é que diminuíram de alento e de grandeza. Como os resultados da ciência poderiam mudar a posição metafísica do homem? E que represen-

tam as sondagens na matéria, as avaliações e os frutos da análise comparados aos Hinos védicos e a essas tristezas da aurora histórica que se insinuaram na poesia anônima?

Uma vez que as decadências mais eloqüentes não nos elevam mais sobre a desgraça do que os balbucios de um pastor — e que no final das contas há mais sabedoria na gargalhada de um idiota que na investigação dos laboratórios —, não é loucura perseguir a verdade pelos caminhos do tempo ou nos livros? Lao-Tsé, reduzido a umas poucas leituras, não é mais ingênuo do que nós que lemos tudo. A profundidade é independente do saber. Traduzimos para outros planos as revelações das épocas passadas, ou exploramos as intuições originais com as últimas aquisições do pensamento. Assim, Hegel é um Heráclito que leu Kant; e nosso Tédio, um eleatismo afetivo, a ficção da diversidade desmascarada e revelada ao coração.

EVASIVAS

Os únicos que tiram as últimas conseqüências são os que vivem fora da arte. O suicídio, a santidade, o vício: outras tantas formas de falta de talento. Direta ou camuflada, a confissão pela palavra, pelo som ou pela cor detém a aglomeração de forças interiores e as debilita expulsando-as para o mundo exterior. É uma diminuição salutar que faz de todo ato de criação um fator de fuga. Mas aquele que acumula energias vive sob pressão, escravo de seus próprios excessos; nada o impede de naufragar no absoluto...

A verdadeira existência trágica não se encontra quase nunca entre os que sabem manejar as potências secretas que os oprimem; de tanto debilitar sua alma com sua obra, de onde extrairiam a energia para alcançar o limite dos atos? Tal herói realizou-se em uma modalidade soberba do morrer porque faltava-lhe a faculdade de extinguir-se progressivamente nos versos. Todo heroísmo expia — pelo gênio do coração — uma carência de talento, todo herói é um ser sem talento. E é esta deficiência que o projeta para a frente e o enriquece, enquanto que os que empobreceram com a criação sua fortuna de indizível são relegados, enquanto existências, a um

segundo plano, embora seu espírito possa elevar-se acima de todos os outros.

Aquele se elimina do conjunto de seus semelhantes pelo convento ou por algum outro artifício: pela morfina, pelo onanismo ou pelo aperitivo, enquanto que uma forma de expressão poderia tê-lo salvo. Mas, sempre presente a si mesmo, perfeito depositário de suas reservas e de suas decepções, portando a soma de sua vida sem poder diminuí-la com os pretextos da arte, invadido por si mesmo, só pode ser *total* em seus gestos e resoluções, só pode tirar uma conclusão que o afete inteiramente; não saberia provar os extremos: afoga-se neles; e afoga-se realmente no vício, em Deus ou em seu próprio sangue, enquanto que as covardias da expressão o teriam feito recuar ante o *supremo*. Quem se *exprime* não age contra si mesmo; só conhece a *tentação* das últimas conseqüências. E o desertor não é quem as tira, mas o que se dissipa e se divulga por medo de que, entregue a si mesmo, se perca e desmorone.

NÃO-RESISTÊNCIA À NOITE

No começo, acreditamos avançar para a luz; depois, fatigados por uma marcha sem fim, deixamo-nos deslizar: a terra, cada vez menos firme, não nos suporta mais: abre-se. Em vão buscaríamos perseguir um trajeto para um fim ensolarado, as trevas se dilatam ao redor e dentro de nós. Nenhuma luz para iluminar-nos em nosso deslizamento: o abismo nos chama e nós o escutamos. Acima ainda permanece tudo o que queríamos ser, tudo o que não teve o poder de elevar-nos mais alto. E, outrora apaixonados pelos cumes, depois decepcionados por eles, acabamos por venerar nossa queda, apressamo-nos a cumpri-la, instrumentos de uma execução estranha, fascinados pela ilusão de tocar os confins das trevas, as fronteiras de nosso destino noturno. Uma vez o medo do vazio transformado em volúpia, que sorte evoluir no lado oposto do sol! Infinito às avessas, deus que começa sob nossos calcanhares, êxtase ante as rachaduras do ser e sede de uma auréola negra, o Vazio é um sonho invertido no qual nos dissipamos.

Se a vertigem se converte em nossa lei, portamos um nimbo subterrâneo, uma coroa em nossa queda. Destronados deste mundo, arrebatamos seu cetro para honrar a noite com um fausto novo.

(E, no entanto, esta queda — certos instantes de petulância à parte — está longe de ser solene e lírica. Habitualmente afundamos em uma lama noturna, em uma obscuridade tão medíocre como a luz... A vida é apenas um torpor no claro-escuro, uma inércia entre luzes e sombras, uma caricatura desse sol interior que nos faz crer ilegitimamente em nossa excelência sobre o resto da matéria. Nada prova que sejamos mais que nada. Para sentir constantemente esta dilatação na qual rivalizamos com os deuses, em que nossas febres triunfam sobre nossos pavores, precisaríamos nos manter em uma temperatura tão elevada que acabaria conosco em poucos dias. Mas nossos relâmpagos são momentâneos; as quedas são nossa regra. A vida é o que se decompõe a todo momento; é uma perda monótona de luz, uma dissolução insípida na noite, sem cetros, sem auréolas, sem nimbos.)

VIRANDO AS COSTAS AO TEMPO

Ontem, hoje, amanhã: categorias para uso de criados. Para o ocioso suntuosamente instalado no Desconsolo, e ao qual todo instante aflige, passado, presente e futuro são somente aparências variáveis do mesmo mal, idêntico em sua substância, inexorável em sua insinuação e monótono em sua persistência. E esse mal possui a mesma extensão do ser, é o ser mesmo.

Fui, sou ou serei, é questão de gramática e não de existência. O destino — enquanto carnaval temporal — presta-se a ser conjugado, mas, despojado de suas máscaras, mostra-se tão imóvel e tão desnudo como um epitáfio. Como se pode conceder mais importância à hora que é do que à que foi ou será? O equívoco no qual vivem os criados — e todo homem que se apegue ao tempo é um criado — representa um verdadeiro estado de graça, um obscurecimento encantado; e este equívoco — como um véu sobrenatural — cobre a perdição à qual se expõe todo ato engendrado pelo desejo. Mas, para o ocioso desenganado, o puro fato de viver, o viver puro de

todo fazer, é uma obrigação tão extenuante, que suportar a existência simplesmente parece-lhe um ofício pesado, uma carreira fatigante — e todo gesto suplementar, impraticável e nulo.

DUPLA FACE DA LIBERDADE

Ainda que o problema da liberdade seja insolúvel, podemos sempre discorrer sobre ele, colocar-nos do lado da contingência ou da necessidade... Nossos temperamentos e nossos preconceitos nos facilitam uma opção que circunscreve e simplifica o problema sem resolvê-lo. Se nenhuma construção teórica consegue torná-lo perceptível a nós, fazer-nos experimentar sua realidade espessa e contraditória, uma intuição privilegiada instala-nos no coração mesmo da liberdade, a despeito de todos os argumentos inventados contra ela. E temos medo; temos medo da imensidão do possível, não estando preparados para uma revelação tão vasta e tão súbita, para esse bem perigoso ao qual aspiramos e ante o qual retrocedemos. Que vamos fazer, habituados às cadeias e às leis, frente a um infinito de iniciativas, a uma orgia de resoluções? A sedução do arbitrário nos apavora. Se podemos começar qualquer ato, se não há limites para a inspiração e para os caprichos, como evitar nossa perda na embriaguez de tanto poder?

A consciência, abalada por esta revelação, interroga-se e estremece. Quem, em um mundo em que pode dispor de tudo, não foi vítima da vertigem? O assassino faz um uso ilimitado de sua liberdade e não pode resistir à idéia de seu poder. Está dentro das possibilidades de cada um de nós tirar a vida de outro. Se todos os que matamos em pensamento desaparecessem de verdade, a terra não teria mais habitantes. Trazemos em nós um carrasco reticente, um criminoso irrealizado. E os que não têm a audácia de confessar suas tendências homicidas, assassinam em sonhos, povoam de cadáveres seus pesadelos. Ante um tribunal absoluto, só os anjos seriam absolvidos. Pois nunca houve ser que não desejasse — ao menos inconscientemente — a morte de outro ser. Cada qual arrasta atrás de si um cemitério de amigos e inimigos; importa pouco que esse

cemitério seja relegado aos abismos do coração ou projetado à superfície dos desejos.

A liberdade, concebida em suas implicações últimas, coloca a questão de nossa vida ou da dos outros; comporta a dupla possibilidade de salvar-nos ou de perder-nos. Mas só nos sentimos livres, só compreendemos nossas oportunidades e nossos perigos, em certos sobressaltos. E é a intermitência desses sobressaltos, sua raridade, que explica por que este mundo não passa de um matadouro medíocre e de um paraíso fictício. Dissertar sobre a liberdade não leva a nenhuma conseqüência, nem para bem nem para mal; mas só temos instantes para dar-nos conta de que *tudo* depende de nós...

A liberdade é um princípio *ético* de essência *demoníaca.*

ESGOTAMENTO POR EXCESSO DE SONHOS

Se pudéssemos conservar a energia que prodigamos nessa sucessão de sonhos realizados noturnamente, a profundidade e a sutileza do espírito alcançariam proporções insuspeitáveis. O argumento de um pesadelo exige um desgaste nervoso mais extenuante que a construção teórica melhor articulada. Como, após o despertar, recomeçar a tarefa de alinhar idéias quando, na inconsciência, estávamos imersos em espetáculos grotescos e maravilhosos, e perambulávamos através das esferas sem o obstáculo da antipoética Causalidade? Durante horas fomos semelhantes a deuses ébrios e, subitamente, quando os olhos abertos suprimem o infinito noturno, temos que voltar a enfrentar, sob a mediocridade do dia, uma porção de problemas incolores, sem que nos ajude nenhum dos fantasmas da noite. A fantasmagoria gloriosa e nefasta terá sido então inútil; o sono nos esgotou em vão. Ao despertar, outro tipo de cansaço nos espera; mal tivemos tempo para esquecer o da tarde e eis-nos enfrentando o da aurora. Esforçamo-nos horas e horas na imobilidade horizontal sem que o cérebro aproveitasse absolutamente nada de sua absurda atividade. Um imbecil que não fosse vítima deste desperdício, que acumulasse todas as suas reservas sem dissipá-las em sonhos, poderia, possuidor de uma vigília ideal, desvendar todos os segredos metafísicos ou iniciar-se nas mais inextricáveis dificuldades matemáticas.

Depois de cada noite estamos mais vazios: nossos mistérios, como nossas mágoas, fluíram em nossos sonhos. Assim, o labor do sono não só diminui a força de nosso pensamento, como também a de nossos segredos...

O TRAIDOR MODELO

Já que a vida só pode realizar-se na individuação — fundamento último da solidão —, cada ser está necessariamente só pelo fato de que é indivíduo. No entanto(todos os indivíduos não estão sós da mesma maneira nem com a mesma intensidade: cada um se coloca em um grau diferente na hierarquia da solidão; no extremo, situa-se o traidor: leva sua qualidade de indivíduo até a exasperação. Neste sentido, Judas é o ser mais solitário da história do cristianismo, mas não na da solidão. Só traiu um deus; *soube* quem traía; entregou *alguém*, como outros entregam *algo*: uma pátria ou outros pretextos mais ou menos coletivos. A traição que visa a um objetivo preciso, ainda que traga a desonra ou a morte, não é misteriosa: tem-se sempre a imagem do que se quis destruir; a culpabilidade está clara, seja admitida ou negada. Os outros te repudiam: e te resignas ao presídio ou à guilhotina...

Mas existe uma modalidade muito mais complexa de trair, sem referência imediata, sem relação a um objeto ou a uma pessoa. Assim: abandonar *tudo* sem saber o que representa esse tudo: isolar-se de seu meio; repelir — por um divórcio metafísico — a substância que te modelou, que te cerca e que te sustenta.

Quem, e por que desafio, poderia desafiar a existência impunemente? Quem, e com que esforços, poderia atingir uma liquidação do princípio mesmo de sua própria respiração? Entretanto, a vontade de minar o fundamento de tudo o que existe produz um desejo de eficácia negativa, poderoso e inapreensível como uma gota de remorso corrompendo a jovem vitalidade de uma esperança...

Quando se traiu *o ser*, leva-se consigo apenas um mal-estar indefinido, nenhuma imagem vem apoiar com sua precisão o objeto que suscita a sensação de infâmia. Ninguém te atira a primeira pe-

dra; és um cidadão respeitável como antes, gozas das honras da cidade, da consideração dos semelhantes; as leis te protegem; és tão estimável como qualquer outro — e entretanto ninguém vê que vives antecipadamente teus funerais e que tua morte não saberia acrescentar nada à tua condição irremediavelmente estabelecida. É que o traidor da existência só tem que prestar contas a si mesmo. Que outro poderia exigi-las? Se não difamas nem um homem nem uma instituição, não corres nenhum risco; nenhuma lei defende o Real, mas todas castigam o menor prejuízo causado a suas aparências. Tens direito a minar o ser mesmo, mas *nenhum* ser concreto; podes licitamente demolir as bases de tudo o que *é*, mas a prisão ou a morte te esperam ao menor atentado às forças individuais. Nada garante a Existência: não há processo contra os traidores metafísicos, contra os Budas que recusam a salvação, pois estes só são considerados traidores de sua própria vida. No entanto, entre todos os malfeitores, estes são os mais nocivos: não atacam os frutos, mas a seiva, a própria seiva do universo. Seu castigo, só eles o conhecem...

Pode ser que em todo traidor haja uma sede de opróbrio, e que a escolha que faz de um modo de traição dependa do grau de solidão ao qual aspira. Quem não sentiu o desejo de perpetrar um crime incomparável que o excluísse do número dos humanos? Quem não cobiçou a ignomínia, para cortar para sempre os laços que o atavam aos outros, para sofrer uma condenação inapelável e chegar assim à quietude do abismo? E quando se rompe com o universo não é para encontrar a paz de uma falta irremissível? Um Judas com a alma de Buda: que modelo para uma humanidade futura e agonizante!

EM UMA DAS MANSARDAS DA TERRA

"Sonhei primaveras longínquas, um sol que só iluminava a espuma das ondas e o olvido de meu nascimento, um sol inimigo do sol e desse mal de só encontrar em toda parte o desejo de estar em outro lugar. Quem nos infligiu a sorte terrestre, quem nos acorrentou a esta matéria morosa, lágrima petrificada contra a qual —

nascidos do tempo — nossos prantos se despedaçam, enquanto que ela, imemorial, caiu do primeiro estremecimento de Deus?

Detestei os meios-dias e as meias-noites do planeta, ansiei por um mundo sem clima, sem as horas e este medo que as incha, odiei os suspiros dos mortais sob o volume das eras. Onde está o instante sem fim e sem desejo, e esta vacância primordial, insensível aos pressentimentos das quedas e da vida? Busquei a geografia do Nada, dos mares desconhecidos, e outro sol, livre do escândalo dos raios fecundos; busquei a oscilação de um oceano cético onde se afogariam os axiomas e as ilhas, o imenso líquido narcótico e suave e cansado do saber.

Esta terra, pecado do Criador! Mas não quero mais expiar as faltas dos outros. Quero curar-me de meu nascimento em uma agonia fora dos continentes, em um deserto fluido, em um naufrágio impessoal."

O HORROR IMPRECISO

Não é a irrupção de um mal definido que nos recorda nossa fragilidade: advertências mais vagas, mas mais perturbadoras, aparecem para indicar-nos a iminente excomunhão do seio temporal. A aproximação do nojo, dessa sensação que nos separa fisiologicamente do mundo, revela-nos quão destrutível é a solidez de nossos instintos ou a consistência de nossos laços. Na saúde, nossa carne serve de eco à pulsação universal e nosso sangue reproduz sua cadência; no nojo, que nos espreita como um inferno virtual para apanhar-nos depois subitamente, estamos tão isolados no todo como um monstro imaginado por uma teratologia da solidão.

O ponto crítico da vitalidade não é a doença — que é luta —, mas esse horror impreciso que repudia todas as coisas e rouba dos desejos a força de procriar novos erros. Os sentidos perdem sua seiva, as veias secam e os órgãos só percebem o intervalo que os separa de suas próprias funções. Tudo se torna insípido: alimentos e sonhos. Não há mais aroma na matéria nem enigma nos pensamentos; gastronomia e metafísica tornam-se igualmente vítimas de nossa inapetência. Permanecemos durante horas esperando outras horas, esperando instantes que não fugissem mais do tempo, instan-

tes fiéis que nos reinstalassem na mediocridade da saúde... e no esquecimento de seus perigos.

(Avidez do espaço, ambição inconsciente do futuro, a saúde nos revela quão *superficial* é o nível da vida como tal, e o quanto o equilíbrio orgânico é incompatível com a profundidade interior.

O espírito, em seu ímpeto, procede de nossas funções comprometidas: levanta vôo à medida que o vazio se dilata em nossos órgãos. Só é *saudável* em nós aquilo pelo que não somos especificamente nós mesmos: são nossas aversões que nos individualizam; nossas tristezas que nos concedem um nome; nossas perdas que nos fazem possuidores de nosso eu. Só somos nós mesmos pela soma de nossos fracassos.)

OS DOGMAS INCONSCIENTES

Podemos até descobrir o *erro* de um ser, desvelar a inanidade de seus desígnios e de suas empresas; mas, como arrancá-lo de seu encarniçado apego ao tempo, quando esconde um fanatismo tão inveterado quanto seus instintos, tão antigo quanto seus preconceitos? Trazemos conosco, como um tesouro irrecusável, um monte de crenças e de certezas indignas. Mesmo quem consegue desembaraçar-se delas e vencê-las, permanece — no deserto de sua lucidez — ainda fanático: de si mesmo, de sua própria existência; humilhou todas as suas obsessões, salvo o terreno em que afloram; perdeu todos os seus pontos fixos, salvo a fixidez da qual provém. A vida tem dogmas mais imutáveis que a teologia, pois cada existência está ancorada em infalibilidades que fazem empalidecer as elucubrações da demência ou da fé. O cético mesmo, apaixonado por suas dúvidas, mostra-se fanático pelo ceticismo. O homem é o ser dogmático por excelência; e seus dogmas são tanto mais profundos quando não os formula, quando os ignora e os segue.

Todos nós cremos em muito mais coisas do que pensamos, abrigamos intolerâncias, cultivamos prevenções sangrentas e, defendendo nossas idéias com meios extremos, percorremos o mundo como fortalezas ambulantes e irrefragáveis. Cada um é para si mesmo um dogma supremo; nenhuma teologia protege seu deus como nós protegemos nosso eu; e este eu, se o assediamos com dúvidas e o colocamos em questão, é apenas por uma falsa elegância de nosso orgulho: a causa está ganha de antemão.

Como escapar ao absoluto de si mesmo? Seria preciso imaginar um ser desprovido de instintos, que não portasse nenhum nome e a quem fosse desconhecida sua própria imagem. Mas tudo no mundo nos devolve nossos traços; e a própria noite nunca é bastante espessa para impedir que nos miremos. Demasiado presentes a nós mesmos, nossa inexistência antes do nascimento e depois da morte só influi sobre nós como idéia e apenas alguns instantes; sentimos a febre de nossa duração como uma eternidade falsificada, mas que, entretanto, permanece inesgotável em seu princípio.

Está ainda por nascer quem não se adore a si mesmo. Tudo o que vive se aprecia; de outro modo, de onde viria o pavor que faz estragos nas profundidades e nas superfícies da vida? Cada um é para si o único ponto fixo no universo. E se alguém morre por uma idéia, é porque é *sua* idéia, e sua idéia é *sua vida.*

Nenhuma crítica de nenhuma razão despertará o homem de seu "sono dogmático". Poderá abalar as certezas irrefletidas que abundam na filosofia e substituir as afirmações rígidas por outras mais flexíveis, mas como, por um método racional, conseguirá sacudir a criatura, adormecida sobre seus próprios dogmas, sem fazê-la perecer?

DUALIDADE

Há uma vulgaridade que nos faz admitir qualquer coisa deste mundo, mas que não é bastante poderosa para nos fazer admitir o mundo mesmo. Assim, podemos suportar os males da vida repudiando a Vida, deixar-nos arrastar pelas efusões do desejo rejeitando o Desejo. No assentimento à existência existe uma espécie de baixeza, a qual escapamos graças a nossos orgulhos e a nossos pesares, mas sobretudo graças à melancolia que nos preserva de um deslize para uma afirmação final, arrancada de nossa covardia. Há coisa mais vil do que dizer *sim* ao mundo? E, no entanto, multiplicamos sem cessar esse consentimento, essa trivial repetição, esse juramento de

fidelidade à vida, negado somente por tudo o que em nós recusa a vulgaridade.

Podemos viver como os outros vivem e no entanto esconder um *não* maior que o mundo: é o infinito da melancolia...

(Só se pode amar os seres que não ultrapassam o mínimo de vulgaridade indispensável para viver. Contudo, seria difícil delimitar a quantidade desta vulgaridade, ainda mais porque nenhum ato poderia eximir-se dela. Todos os proscritos da vida provam que foram insuficientemente sórdidos... Quem triunfa em um conflito com seu próximo surge de um muladar; e quem é vencido paga por uma pureza que não quis sujar. Em todo homem, nada é mais existente e verídico que sua própria vulgaridade, fonte de tudo o que é elementarmente vivo. Mas, por outro lado, quanto mais estabelecido se está na vida, mais desprezível se é. Quem não espalha à sua volta uma vaga irradiação fúnebre, e não deixa ao passar um rastro de melancolia vindo de mundos longínquos, esse pertence à subzoologia e, mais especificamente, à história humana.

A oposição entre a vulgaridade e a melancolia é tão irredutível que, comparada a ela, todas as outras parecem invenções do espírito, arbitrárias e ridículas; mesmo as mais categóricas antinomias embotam-se ante esta oposição em que se afrontam — seguindo uma dosagem predestinada — nossos *bas-fonds* e nosso fel pensativo.)

O RENEGADO

Recorda-se de haver nascido em algum lugar, de haver acreditado nos erros natais, proposto princípios e defendido tolices inflamadas. Envergonha-se... e obstina-se em abjurar seu passado, suas pátrias reais ou sonhadas, as verdades surgidas de sua medula. Só encontrará paz depois de haver aniquilado nele o último reflexo de cidadão e os entusiasmos herdados. Como poderiam acorrentá-lo ainda os costumes do coração, quando quer emancipar-se das genealogias e quando o ideal mesmo do sábio antigo, desprezador de todas as cidades, parece-lhe um compromisso? Quem não pode mais

tomar partido, porque todos os homens têm e não têm necessariamente razão, porque tudo está justificado e é insensato ao mesmo tempo, esse deve renunciar a seu próprio nome, pisotear sua identidade e recomeçar uma nova vida na impassibilidade ou na desesperança. Ou, senão, inventar um outro tipo de solidão, expatriar-se no vazio e seguir — ao azar dos exílios — as etapas do desenraizamento. Livre de todos os preconceitos, torna-se o homem inutilizável por excelência, ao qual ninguém recorre e que ninguém teme, porque admite e repudia tudo com o mesmo desapego. Menos perigoso que um inseto distraído, é contudo um flagelo para a Vida, pois ela desapareceu de seu vocabulário, junto com os sete dias da Criação. E a Vida o perdoaria se ao menos tomasse gosto pelo caos em que ela começou. Mas ele renega as origens febris, começando pela sua, conservando do mundo apenas uma memória fria e um pesar cortês.

(De abjuração em abjuração, sua existência diminui: mais vago e mais irreal que um silogismo de suspiros, como será ainda um ser de carne e osso? Exangue, rivaliza com a Idéia; abstraiu-se de seus antepassados, de seus amigos, de todas as almas e de si mesmo; em suas veias, outrora turbulentas, repousa uma luz de outro mundo. Emancipado do que viveu, desinteressado do que viverá, demole os marcos divisórios de todas as suas estradas, e subtrai-se às referências de todos os tempos. "Nunca voltarei a encontrar-me comigo", se diz, feliz de dirigir seu último ódio contra si mesmo, mais feliz ainda ao aniquilar — *com seu perdão* — os seres e as coisas.)

A SOMBRA FUTURA

Podemos imaginar um tempo em que teremos superado tudo, inclusive a música, inclusive a poesia, no qual, detratores de nossas tradições e de nossos ardores, alcançaremos tal retratação de nós mesmos que, cansados de um túmulo mais que sabido, passaremos os dias numa mortalha surrada. Quando um soneto, cujo rigor eleva o mundo verbal acima de um cosmo soberbamente imaginado, quando um soneto cesse de ser para nós uma tentação de lágrimas,

e quando no meio de uma sonata nossos bocejos triunfem sobre nossa emoção, então já não nos quererão nem os cemitérios, que só acolhem cadáveres recentes, impregnados ainda de um pouco de calor e de uma lembrança de vida.

Antes de nossa velhice, virá um tempo em que, desdizendo nossos ardores e curvados sob as palinódias da carne, avançaremos metade carcaças, metade espectros... Haveremos reprimido — por medo de cumplicidade com a ilusão — toda palpitação em nós. Por não haver sabido desencarnar nossa vida em um soneto, arrastaremos os andrajos de nossa podridão e, por haver ido mais longe que a música ou a morte, cairemos, cegos, em uma fúnebre imortalidade...

A FLOR DAS IDÉIAS FIXAS

Enquanto o homem está protegido pela demência, age e prospera; mas quando se livra da tirania fecunda das idéias fixas, perde-se e arruína-se. Começa a aceitar tudo, a envolver em sua tolerância não somente os abusos menores, mas os crimes e as monstruosidades, os vícios e as aberrações: tudo tem o mesmo valor para ele. Sua indulgência, destruidora de si mesma, estende-se ao conjunto dos culpados, às vítimas e aos carrascos; é de todos os partidos, porque adota todas as opiniões; gelatinoso, contaminado pelo infinito, perdeu seu "caráter", por falta de um ponto de referência ou de uma obsessão. A visão universal funde as coisas na indistinção, e quem as distingue ainda, sem ser seu amigo, nem seu inimigo, traz em si um coração de cera que molda-se indiferentemente sobre os objetos ou sobre os seres. Sua piedade endereça-se à existência inteira e sua caridade é a da dúvida e não a do amor; é uma caridade cética, conseqüência do conhecimento e que desculpa todas as anomalias. Mas quem toma partido, quem vive na loucura da decisão e da escolha, nunca é caridoso; incapaz de abarcar todos os pontos de vista, confinado no horizonte de seus desejos e de seus princípios, submerge em uma *hipnose do finito*. É que as criaturas só florescem dando as costas ao universal... Ser algo — sem condições — é

sempre uma forma de demência cuja vida — flor das idéias fixas — só se liberta para murchar.

O "CÃO CELESTIAL"

Não se pode saber o que um homem deve perder por ter a coragem de desafiar todas as convenções, não se pode saber o que Diógenes perdeu por tornar-se o homem que se permitiu tudo, que traduziu em atos seus pensamentos mais íntimos com uma insolência sobrenatural como o faria um deus do conhecimento, simultaneamente libidinoso e puro. Ninguém foi mais franco; caso-limite de sinceridade e lucidez, ao mesmo tempo que exemplo do que poderíamos ser se a educação e a hipocrisia não refreassem nossos desejos e nossos gestos.

"Um dia um homem o fez entrar em uma casa ricamente mobiliada e disse-lhe: 'Principalmente não cuspa no chão.' Diógenes, que tinha vontade de cuspir, jogou-lhe o cuspe na cara, gritando-lhe que era o único lugar sujo que havia encontrado para poder fazê-lo." (Diógenes Laércio)

Quem, depois de haver sido recebido por um rico, não lamentou não dispor de oceanos de saliva para derramá-los sobre todos os proprietários da terra? E quem não tornou a engolir seu cuspezinho por medo de lançá-lo na cara de um ladrão respeitado e barrigudo?

Somos todos ridiculamente prudentes e tímidos: o cinismo não se aprende na escola. O orgulho tampouco.

"Menipo, em seu livro intitulado *A virtude de Diógenes*, conta que ele foi feito prisioneiro e vendido, e que lhe perguntaram o que sabia fazer. Respondeu: 'Mandar', e gritou ao arauto: 'Pergunta quem quer comprar um amo.'"

O homem que enfrentou Alexandre e Platão, que se masturbava em praça pública ("Quem dera que bastasse também esfregar a barriga para não ter mais fome!"), o homem do célebre tonel e da famosa lanterna, e que em sua juventude foi falsificador de moe-

da (Há dignidade mais bela para um cínico?), que experiência teve de seus semelhantes? Certamente a de todos nós, mas com a diferença de que o homem foi o único tema de sua reflexão e de seu desprezo. Sem sofrer as falsificações de nenhuma moral nem de nenhuma metafísica, dedicou-se a desnudá-lo para nos mostrá-lo mais despojado e mais abominável do que o fizeram as comédias e os apocalipses.

"Sócrates enlouquecido", chamava-o Platão. "Sócrates sincero", é assim que devia tê-lo chamado. Sócrates renunciando ao Bem, às fórmulas e à Cidade, transformado, enfim, unicamente em psicólogo. Mas Sócrates — mesmo sublime — ainda é convencional; permanece sendo *mestre*, modelo *edificante*. Só Diógenes não propõe nada; o fundo de sua atitude — e a essência do cinismo — está determinado por um horror testicular do ridículo de ser homem.

O pensador que reflete sem ilusão sobre a realidade humana, se quer permanecer no interior do mundo, e elimina a mística como escapatória, chega a uma visão na qual se misturam a sabedoria, a amargura e a farsa; e, se escolhe a praça pública como espaço de sua solidão, emprega sua verve zombando de seus "semelhantes" ou exibindo seu nojo, nojo que hoje, com o cristianismo e a polícia, já não poderíamos nos permitir. Dois mil anos de sermões e de códigos edulcoraram nosso fel; aliás, em um mundo apressado, quem se deteria para responder a nossas insolências ou para deleitar-se com nossos latidos?

Que o maior conhecedor dos humanos tenha sido apelidado de *cão* prova que em nenhuma época o homem teve a coragem de aceitar sua verdadeira imagem e que sempre reprovou as verdades sem reservas. Diógenes suprimiu nele a *pose*. Que monstro aos olhos dos outros! Para ter um lugar honrado na filosofia, é preciso ser comediante, respeitar o jogo das idéias e excitar-se com falsos problemas. Em hipótese alguma, o homem, tal qual é, deve ser sua *tarefa*. Ainda segundo Diógenes Laércio:

"Nos jogos olímpicos, havendo proclamado o arauto: 'Dioxipo venceu os homens', Diógenes respondeu: 'Só venceu escravos, os homens são assunto meu.' "

E, realmente, venceu-os como nenhum outro, com armas mais temíveis que as dos conquistadores; ele, que só possuía um alforje, o menos proprietário dos mendigos, verdadeiro santo da chacota.

Temos que agradecer ao acaso que o fez nascer antes da chegada da Cruz. Quem sabe se, enxertada em seu desapego, uma tentação malsã de aventura extra-humana o teria induzido a tornar-se um asceta qualquer, canonizado mais tarde e perdido na massa dos bem-aventurados e do calendário? Aí então é que teria enlouquecido, ele, o ser mais profundamente normal, uma vez que afastado de todo ensinamento e de toda doutrina. Foi ele o único que nos revelou o rosto repugnante do homem. Os méritos do cinismo foram ofuscados e pisoteados por uma religião inimiga da evidência. Mas chegou o momento de opor às verdades do Filho de Deus as deste "cão celestial", como o chamou um poeta de seu tempo.

O EQUÍVOCO DO GÊNIO

Toda inspiração procede de uma faculdade de exagero: o lirismo — e todo o mundo da metáfora — seria uma excitação lamentável sem esse ardor que incha as palavras até fazê-las estourar. Quando os elementos ou as dimensões do cosmo parecem demasiado reduzidos para servir de termos de comparação a nossos estados, a poesia só espera — para superar sua fase de virtualidade e de iminência — um pouco de claridade nas emoções que a prefiguram e a fazem nascer. Não há verdadeira inspiração que não surja da anomalia de uma alma mais vasta que o mundo... No incêndio verbal de um Shakespeare e de um Shelley sentimos a cinza das palavras, resíduo e traço da impossível demiurgia. Os vocábulos se incrustam uns nos outros, como se nenhum pudesse alcançar o equivalente da dilatação interior; é a hérnia da imagem, a ruptura transcendente das pobres palavras, nascidas do uso cotidiano e alçadas milagrosamente às alturas do coração. As verdades da beleza nutrem-se de exageros que, ante um pouco de análise, revelam-se monstruosos e ridículos. A poesia: divagação cosmogônica do vocabulário... Já se combinou mais eficazmente o charlatanismo e o êxtase? A mentira, fonte das lágrimas!, esta é a impostura do gênio e o segredo da arte. Ninharias infladas até o céu; o inverossímil,

gerador de universos! É que em todo gênio coexiste um Marselhês e um Deus.

IDOLATRIA DA DESGRAÇA

Tudo o que construímos para além da existência bruta, todas as forças múltiplas que dão uma fisionomia ao mundo, devemos à Desgraça — arquiteto da diversidade, fator inteligível de nossas ações. O que sua esfera não engloba, nos ultrapassa: que sentido poderia ter para nós um acontecimento que não nos esmagasse? O Futuro nos *espera* para imolar-nos: o espírito só registra a fratura da existência e os sentidos só vibram ainda na expectativa do mal... Assim, como não debruçar-se sobre o destino de Lucila de Chateaubriand ou da Günderode, e não repetir com a primeira: "adormecerei com um sono de morte sobre meu destino", ou não embriagar-se com o desespero que cravou o punhal no coração da outra? Com exceção de certos exemplos de melancolia exaustiva e de certos suicídios não vulgares, os homens são apenas fantoches atulhados de glóbulos vermelhos para engendrar a história e suas caretas.

Quando, idólatras da desgraça, fazemos dela o agente e a substância do devir, nos banhamos na limpidez da sorte prescrita, em uma aurora de desastres, em uma geena fecunda... Mas quando, julgando havê-la esgotado, tememos sobreviver a ela, a existência se obscurece e não *devém* mais. E temos medo de nos readaptar à Esperança..., de trair nossa desgraça, de trair-nos...

O DEMÔNIO

Ele está lá, no braseiro do sangue, na amargura de cada célula, no estremecimento dos nervos, nessas orações às avessas que exala o ódio, onde quer que ele faz do horror seu conforto. Deixarei que mine minhas horas, quando poderia, cúmplice meticuloso de minha destruição, vomitar minhas esperanças e desistir de mim mesmo? Partilha — inquilino criminoso — minha cama, meus esquecimentos e minhas vigílias; para perdê-lo, é preciso que me perca. E quando só se tem um corpo e uma alma, um pesado demais e a outra obscura demais, como suportar ainda um suplemento de peso e de trevas? Como arrastar nossos passos em um tempo negro? Sonho com um minuto dourado, fora do devir, com um minuto ensolarado, transcendente ao tormento dos órgãos e à melodia de sua decomposição.

Escutar os lamentos de agonia e de gozo do Mal que se enrosca em teus pensamentos e não estrangular o intruso? Mas se o atacas, será apenas por uma complacência inútil contigo mesmo. Já é teu pseudônimo; não saberias agredi-lo impunemente. Por que usar subterfúgios quando se aproxima o último ato? Por que não haver-te com teu próprio nome?

(Seria inteiramente falso acreditar que a "revelação" demoníaca é uma presença inseparável de nossa duração; entretanto, quando apodera-se de nós, não podemos imaginar a quantidade de instantes neutros que vivemos antes. Invocar o *diabo* é revestir de um resto de teologia uma excitação equívoca, que nosso orgulho recusa aceitar como tal. Mas, quem desconhece esses temores, nos quais nos encontramos frente ao Príncipe das Trevas? Nosso orgulho precisa de um nome, de um grande nome para batizar uma angústia, que seria desprezível se emanasse apenas da fisiologia. A explicação tradicional parece-nos mais lisonjeira; um resíduo de metafísica assenta bem ao espírito...

É assim que — para velar nosso mal demasiado imediato — recorremos a entidades elegantes, ainda que antiquadas. Como admitir que nossas vertigens mais misteriosas procedem apenas de perturbações nervosas, se nos basta pensar no Demônio em nós ou fora de nós, para erguer-nos imediatamente? De nossos ancestrais nos vem esta propensão a objetivar nossos males íntimos; a mitologia impregnou nosso sangue e a literatura cultivou em nós o gosto pelos *efeitos*...)

A IRRISÃO DE UMA "NOVA VIDA"

Pregados em nós mesmos, não possuímos a faculdade de afastar-nos do caminho inscrito na inanidade de nosso desespero. Excluir-

nos da vida porque não constitui nosso elemento? Ninguém expede certificados de inexistência. Somos obrigados a perseverar na respiração, a sentir o ar queimar nossos lábios, a acumular pesares no coração de uma realidade que não desejamos e renunciar a dar uma explicação ao Mal que alimenta nossa perdição. Quando cada momento do tempo se precipita sobre nós como um punhal e nossa carne, instigada pelos desejos, recusa petrificar-se —, como enfrentar um só instante acrescentado à nossa sorte? Com ajuda de que artifícios encontraríamos a força de ilusão suficiente para ir em busca de outra vida, de uma nova vida?

É que todos os homens que lançam um olhar sobre suas ruínas passadas imaginam — para evitar as ruínas futuras — que está em seu poder recomeçar algo radicalmente novo. Fazem uma promessa solene e esperam um milagre que os tiraria desse abismo medíocre em que o destino os mergulhou. Mas nada acontece. Todos continuam sendo os mesmos, modificados unicamente pela acentuação dessa tendência a decair que é sua marca. Só vemos em torno de nós inspirações e ardores degradados: todo homem *promete* tudo, mas todo homem vive para conhecer a fragilidade de seu brilho e a falta de genialidade da vida. A autenticidade de uma existência consiste em sua própria ruína. O florescimento de nosso devir: caminho de aparência gloriosa e que conduz a um fracasso; a realização de nossos dons: camuflagem de nossa gangrena... Sob o Sol triunfa uma primavera de cadáveres. A beleza mesma é apenas a morte pavoneando-se nos casulos...

Não conheci nenhuma "nova" vida que não fosse ilusória e que não estivesse ameaçada em suas raízes. Vi cada homem avançar no tempo para isolar-se numa ruminação angustiada e recair em si mesmo, à guisa de renovação, com a careta imprevista de suas próprias esperanças.

TRIPLA APORIA

O espírito descobre a Identidade; a alma, o Tédio; o corpo, a Preguiça. É um mesmo princípio de invariabilidade, exprimido diferentemente sob as três formas de bocejo universal.

A monotonia da existência justifica a tese racionalista; revela-nos um universo legal, onde tudo está previsto e ajustado; a barbárie de nenhuma surpresa vem perturbar sua harmonia.

Se o mesmo espírito descobre a Contradição, a mesma alma, o Delírio, o mesmo corpo, o Frenesi, é para engendrar novas irrealidades, para escapar a um universo demasiado manifestamente invariável; e é a tese anti-racionalista que triunfa. A eflorescência de absurdos revela uma existência ante a qual toda clareza de visão mostra-se de uma indigência irrisória. É a agressão perpétua do Imprevisível.

Entre estas duas tendências, o homem desenvolve seu equívoco: ao não encontrar seu *lugar* na vida, nem na Idéia, julga-se predestinado ao Arbitrário; no entanto, a embriaguez de sua liberdade não passa de uma agitação no interior de uma fatalidade, pois a forma de seu destino não está menos determinada que a de um soneto ou a de um astro.

COSMOGONIA DO DESEJO

Tendo vivido e verificado todos os argumentos contra a vida, despojei-a de seus sabores e, mergulhado em sua vileza, senti sua nudez. Conheci a metafísica pós-sexual, o vazio do universo inutilmente procriado e essa dissipação de suor que nos mergulha em um frio imemorial, anterior aos furores da matéria. E quis ser fiel a meu saber, forçar os instintos a adormecer, e constatei que não serve de nada manejar as armas do Nada se não se pode dirigi-las contra nós mesmos. Pois a irrupção dos desejos, no meio de nossos conhecimentos que os invalidam, cria um conflito temível entre nosso espírito inimigo da Criação e o fundo irracional que nos une a ela.

Cada desejo humilha a soma de nossas verdades e obriga-nos a reconsiderar nossas negações. Sofremos uma derrota na prática; no entanto, nossos princípios permanecem inalteráveis... Esperávamos não ser mais filhos deste mundo e eis-nos aqui submetidos aos apetites como ascetas equívocos, donos do tempo e escravos das glândulas. Mas este jogo não tem limites: cada um de nossos desejos recria o mundo e cada um de nossos pensamentos o aniquila...

Na vida de todos os dias alternam-se a cosmogonia e o apocalipse: criadores e demolidores cotidianos, praticamos a uma escala infinitesimal os mitos eternos; e cada um de nossos instantes reproduz e prefigura o destino de sêmen e de cinza reservado ao Infinito.

INTERPRETAÇÃO DOS ATOS

Ninguém executaria o ato mais ínfimo sem o sentimento de que esse ato é a única e exclusiva realidade. Esta cegueira é o fundamento absoluto, o princípio indiscutível de tudo o que existe. Aquele que o *discute* prova somente que *existe* menos, que a dúvida minou seu vigor... Mas, mesmo no meio de suas dúvidas, é obrigado a sentir a *importância* de sua tendência para a negação. Saber que *nada vale a pena* torna-se implicitamente uma crença, logo uma possibilidade de *ato*; é que mesmo uma gota de existência pressupõe uma fé inconfessada; um simples passo — ainda que fosse apenas na direção de uma aparência de realidade — é uma apostasia comparado ao nada; a própria respiração procede de um fanatismo em germe, como toda participação no movimento...

Desde sair para dar uma volta até o massacre, o homem só percorre a gama dos atos porque não percebe seu sem-sentido: tudo o que se faz sobre a terra emana de uma ilusão de plenitude no vazio, de um *mistério* do Nada...

Fora da Criação e da Destruição do mundo, todas as empresas são igualmente nulas.

A VIDA SEM OBJETO

Idéias neutras como olhos secos; olhares lúgubres que roubam das coisas todo relevo; auto-auscultações que reduzem os sentimentos a fenômenos de atenção; vida vaporosa — sem prantos nem risos —, como inculcar-lhe uma seiva, uma vulgaridade primaveril? E como suportar esse coração demissionário e esse tempo demasiado embotado para transmitir ainda a suas próprias estações o fermento do crescimento e da dissolução?

Quando viste em toda convicção uma desonra e em todo apego uma profanação, já não tens direito a esperar, nem neste mundo nem no outro, uma sorte modificada pela esperança. Deves escolher um promontório ideal, ridiculamente solitário, ou uma estrela farsante, rebelde às constelações. Irresponsável por tristeza, tua vida ridicularizou seus instantes; mas a vida é a *piedade da duração*, o sentimento de uma eternidade dançarina, o tempo que se supera e rivaliza com o sol...

ACEDIA

Esta estagnação dos órgãos, este embotamento das faculdades, este sorriso petrificado, não te recordam muitas vezes o tédio dos claustros, os corações desertos de Deus, a secura e a idiotia dos monges execrando-se no arrebatamento extático da masturbação? És apenas um monge sem hipóteses divinas e sem o orgulho do vício solitário.

A terra, o céu, são as paredes de tua cela e, no ar que nenhum hálito agita, só reina a ausência da oração. Prometido às horas ocas da eternidade, à periferia dos estremecimentos e aos desejos embolorados que apodrecem ao aproximar-se a salvação, tu te moves na direção de um Juízo sem fausto e sem trombetas, embora teus pensamentos, por toda solenidade, só imaginaram a procissão irreal das esperanças.

Graças aos sofrimentos, as almas se arremessavam outrora até as abóbadas; tu te chocas contra elas. E tornas a cair no mundo como em uma Trapa sem fé, arrastando-te pelo Bulevar, Ordem das mulheres perdidas — e de tua perdição.

OS MALEFÍCIOS DA CORAGEM E DO MEDO

Ter medo é pensar continuamente em si mesmo e não poder imaginar um curso objetivo das coisas. A sensação do terrível, a sensa-

ção de que tudo acontece *contra* nós, supõe um mundo concebido sem perigos *indiferentes*. O medroso — vítima de uma subjetividade exagerada — julga-se, muito mais do que o resto dos humanos, o alvo de acontecimentos hostis. Neste erro aproxima-se do valente que, nos antípodas, só vislumbra em toda parte a invulnerabilidade. Os dois alcançaram o ponto extremo de uma consciência enfatuada de si mesma: contra um, tudo conspira; para o outro, tudo é favorável. (O corajoso é apenas um fanfarrão que abraça a ameaça, que foge ao encontro do perigo.) Um se instala negativamente no centro do mundo, o outro positivamente; mas sua ilusão é a mesma, pois seu conhecimento tem um ponto de partida idêntico: o perigo como única realidade. Um o teme, o outro o busca: não saberiam conceber um desprezo puro em relação às coisas: referem tudo a eles, são demasiado agitados (e todo o mal no mundo vem de um excesso de agitação, das ficções dinâmicas da bravura e da covardia). Assim, esses exemplares antinômicos e parecidos são os agentes de todos os distúrbios, os perturbadores da marcha do tempo; colorem afetivamente o menor esboço de acontecimento e projetam seus desígnios inflamados sobre um universo que — a não ser em um abandono a tranqüilos nojos — é degradante e intolerável. Coragem e medo, dois pólos de uma mesma doença que consiste em atribuir abusivamente um significado e uma gravidade à vida... É a falta de amargura preguiçosa que faz dos homens bestas sectárias: os crimes mais nuançados, como os mais grosseiros, são perpetrados por aqueles que levam as coisas a sério. Só o diletante não tem gosto pelo sangue, só ele não é criminoso...

DESEMBRIAGUEZ

As preocupações não misteriosas dos seres delineiam-se tão claramente como os contornos desta página... O que inscrever aí senão o nojo das gerações que se encadeiam como proposições na fatalidade estéril de um silogismo?

A aventura humana terá certamente um fim, que pode-se conceber sem ser contemporâneo dele. Quando se consumou em si mesmo o divórcio com a história é inteiramente supérfluo assistir a seu encerramento. Só é preciso olhar o homem cara a cara para

afastar-se dela e não sentir mais saudades de seus embustes. Milhares de anos de sofrimentos, que teriam enternecido as pedras, só fizeram insensibilizar este efêmero de aço, exemplo monstruoso de evanescência e de endurecimento, agitado por uma loucura insípida, por uma vontade de existir ao mesmo tempo inapreensível e impudica. Quando se percebe que nenhum motivo humano é compatível com o infinito e que nenhum gesto vale a pena ser esboçado, o coração, com suas batidas, já não pode ocultar sua vacuidade. Os homens se confundem em uma sorte uniforme e vã como acontece, para um olhar indiferente, com os astros ou as cruzes de um cemitério militar. De todos os fins propostos à existência, qual, submetido à análise, escapa à comédia ou ao necrotério? Qual não nos revela fúteis ou sinistros? Há algum sortilégio que possa nos enganar ainda?

(Quando se está excluído das prescrições visíveis, torna-se, como o diabo, metafisicamente *ilegal*; saiu-se da ordem do mundo: ao não encontrar mais lugar nele, se olha o mundo sem reconhecê-lo; a estupefação regulariza-se em reflexo, enquanto que o assombro lamentoso, na falta de objeto, permanece para sempre cravado no Vazio. Sofre-se sensações que não respondem mais às coisas porque nada as irrita mais; supera-se assim o próprio sonho do anjo da Melancolia e lamenta-se que Dürer não haja ansiado por olhos ainda mais longínquos...

Quando tudo parece demasiado concreto, demasiado existente, até a mais nobre visão, e suspira-se por algo Indefinido que não proviesse nem da vida nem da morte, quando todo contato com o ser é uma violação para a alma, esta se exclui da jurisdição universal e, não tendo mais contas a prestar nem leis a infringir, rivaliza — pela tristeza — com a onipotência divina.)

ITINERÁRIO DO ÓDIO

Não odeio ninguém; mas o ódio escurece meu sangue e queima esta pele que os anos foram incapazes de curtir. Como domar, sob juízos ternos ou rigorosos, uma horripilante tristeza e um grito de esfolado vivo?

Quis amar a terra e o céu, suas façanhas e suas febres, e não encontrei nada que não me lembrasse a morte: flores, astros, rostos — símbolos de murchidão, lajes virtuais de todos os túmulos possíveis! O que se cria na vida, e a enobrece, encaminha-se para um fim macabro ou vulgar. A efervescência dos corações provocou desastres que nenhum demônio teria ousado conceber. Vê um espírito inflamado, podes estar certo de que acabarás por ser vítima dele. Os que crêem em *sua* verdade — os únicos de que a memória dos homens guarda vestígio — deixam atrás de si o solo semeado de cadáveres. As religiões contam em seu balanço mais crimes do que as mais sangrentas tiranias, e aqueles que a humanidade divinizou superam de longe os assassinos mais conscienciosos em sua sede de sangue.

O que propõe uma fé nova é perseguido, na espera de que chegue a ser, por sua vez, perseguidor: as verdades começam por um conflito com a polícia e terminam por apoiar-se nela; pois todo absurdo pelo qual se sofreu degenera em legalidade, como todo martírio desemboca nos parágrafos de um código, na insipidez do calendário ou na nomenclatura das ruas. Neste mundo, até o próprio céu se torna *autoridade*; e houve períodos que só viveram para ele, Idades Médias mais pródigas em guerras que as épocas mais dissolutas, cruzadas bestiais, falsamente revestidas de sublimidade, ante as quais as invasões dos Hunos parecem travessuras de hordas decadentes.

As façanhas imaculadas degradam-se em empresa pública; a consagração obscurece o nimbo mais etéreo. Um anjo protegido por um policial: assim morrem as verdades e expiram os entusiasmos. Basta que uma revolta tenha razão e crie entusiastas, que uma revelação se propague e uma instituição a confisque para que os estremecimentos outrora solitários — privilégios de alguns neófitos sonhadores — aviltem-se em uma existência prostituída. Mostrem-me neste mundo uma só coisa que começasse bem e que não tenha acabado mal. As palpitações mais orgulhosas somem em um esgoto, onde cessam de pulsar, como se houvessem chegado a seu fim natural: esta decadência constitui o drama do coração e o sentido negativo da história. Cada "ideal" alimentado, no início, com sangue de seus sectários, se deteriora e se desvanece quando é adotado pela massa. Eis a pia de água benta transformada em escarradeira: é o ritmo inelutável do "progresso"...

Nestas condições, sobre quem extravasar o ódio? Ninguém é responsável de ser e ainda menos de ser o que é. Ferido pela existência, cada um sofre como um animal as conseqüências que derivam disso. Sendo assim, em um mundo no qual tudo é odioso, o ódio torna-se mais vasto que o mundo e, por haver superado seu objeto, se anula.

(Não são as fadigas suspeitas, nem os transtornos precisos dos órgãos que nos revelam o ponto baixo de nossa vitalidade; não são tampouco nossas perplexidades ou as variações de termômetro; mas basta-nos sentir esses acessos de ódio e de piedade sem motivos, essas febres não-mensuráveis, para compreender que nosso equilíbrio está ameaçado. Odiar tudo e odiar-se em uma fúria de raiva canibal; ter piedade de todo o mundo e apiedar-se de si mesmo: movimentos aparentemente contraditórios, mas originariamente idênticos; pois só se pode ter pena daquilo que se gostaria de fazer desaparecer, daquilo que não merece existir. E nestas convulsões, o que as sofre e o universo ao qual se dirigem estão condenados ao mesmo furor destrutivo e enternecido. Quando, subitamente, se é tomado de compaixão sem saber por quem, é que uma lassidão dos órgãos pressagia um deslize perigoso; e quando esta compaixão vaga e universal volta-se para si mesma, se está na condição do último dos homens. É de uma imensa debilidade física que emana esta solidariedade negativa que, no ódio ou na piedade, nos une às coisas. Estes dois acessos, simultâneos ou consecutivos, não são tanto sintomas incertos como sinais nítidos de uma vitalidade em baixa, e a qual tudo irrita — desde a existência sem delineamento até a precisão de nossa própria pessoa.

Entretanto, não devemos iludir-nos: estes acessos são os mais claros e os mais imoderados, mas de modo algum os únicos: em diversos graus, tudo é patologia, salvo a Indiferença.)

"LA PERDUTA GENTE"

Que idéia ridícula construir círculos no inferno, variar por compartimentos a intensidade das chamas e hierarquizar os tormentos! O

importante é estar ali: o resto — simples floreios ou... queimaduras. Na cidade de cima — prefiguração mais doce da de baixo, ambas originárias do mesmo modelo — o essencial, igualmente, não é ser algo concreto — rei, burguês, jornaleiro — mas aderir ou subtrair-se a ela. Você pode sustentar tal idéia ou outra, ter uma posição ou rastejar, desde o momento em que seus atos e seus pensamentos servem a uma espécie de cidade real ou sonhada, você se torna idólatra e prisioneiro. O mais tímido empregado como o anarquista mais fogoso, levados por interesses diferentes, vivem em função dela: todos os dois são interiormente cidadãos, embora um prefira seus chinelos e o outro sua bomba. Os "círculos" da cidade terrestre, exatamente como os da cidade subterrânea, encerram os seres em uma comunidade condenada e os arrastam a um mesmo desfile de sofrimentos, no qual seria ocioso buscar matizes. Quem dá sua aquiescência aos assuntos humanos — sob qualquer forma, seja revolucionária ou conservadora — consome-se em um deleite lamentável: mistura suas nobrezas e suas vulgaridades na confusão do devir...

Ao que não consente, deste lado ou do outro da cidade; a quem repugna intervir no curso dos grandes e dos pequenos acontecimentos, todas as modalidades da vida em comum parecem igualmente desprezíveis. A história só saberia apresentar a seus olhos o interesse pálido de decepções renovadas e de artifícios previstos. Quem viveu entre os homens, *e aguarda ainda um só acontecimento inesperado*, esse não compreendeu nada e nunca compreenderá nada. Está maduro para a Cidade: tudo deve ser-lhe oferecido, todos os postos e todas as honras. Tal é o caso de todos os homens e isso explica a longevidade deste inferno sublunar.

HISTÓRIA E VERBO

Como não amar a sabedoria outonal das civilizações brandas e passadas? O horror do grego, como do romano tardio, ante o frescor e os reflexos hiperbóreos, emanava de uma repulsa pelas auroras, pela barbárie transbordante de porvir e pelas tolices da saúde. A

resplandecente corrupção de todo fim de temporada histórico se obscurece pela proximidade do Cita. Nenhuma civilização consegue extinguir-se em uma agonia indefinida; tribos vagam ao redor, farejando os miasmas dos cadáveres perfumados... Assim, o entusiasta dos poentes contempla o fracasso de todo refinamento e o impudico avanço da vitalidade. Só lhe resta recolher, do conjunto do devir, algumas anedotas... Um sistema de acontecimentos não prova nada: as grandes façanhas uniram os contos de fada e os manuais. As empresas gloriosas do passado, assim como os homens que as suscitaram, só interessam ainda pelas belas palavras que as coroaram. Pobre do conquistador que não tenha espírito! O próprio Jesus, apesar de ditador indireto há dois milênios, só ficou marcado na lembrança de seus fiéis e de seus detratores pelos restos de paradoxos que demarcam sua vida tão habilmente teatral. Como interessar-se ainda por um mártir se não proferiu uma frase adequada a seu sofrimento? Só guardamos a memória das vítimas passadas ou recentes se seu verbo imortalizou o sangue que as salpicou. Os próprios carrascos só sobrevivem na medida em que foram comediantes. Nero estaria esquecido há muito tempo sem suas tiradas de palhaço sanguinário.

Quando, junto a um moribundo, seus parentes inclinam-se na direção de seus balbucios, não é tanto para decifrar uma última vontade, mas para recolher uma frase espirituosa que poderão citar mais tarde a fim de honrar sua memória. Se os historiadores romanos não omitem jamais a descrição da agonia de seus imperadores, é para introduzir nela uma sentença ou uma exclamação que estes pronunciaram ou julga-se que pronunciaram. Isto é verdadeiro para todas as agonias, mesmo as mais comuns. Que a vida não significa nada, todo mundo sabe ou pressente: que se salve ao menos por um truque verbal! Uma frase nos momentos cruciais da vida: eis mais ou menos tudo o que se pede aos grandes e aos pequenos. Se não cumprem esta exigência, esta obrigação, estão perdidos para sempre; pois perdoa-se tudo, até os crimes, contanto que sejam refinadamente *comentados* — e acabados. É a absolvição que o homem concede à história em seu conjunto, quando nenhum outro critério mostra-se operante e válido, e ele mesmo, recapitulando a inanidade geral, não encontra outra dignidade senão a de um literato do fracasso e de um esteta do sangue.

Neste mundo, onde os sofrimentos se confundem e se apagam, só reina a *Fórmula*.

FILOSOFIA E PROSTITUIÇÃO

O filósofo, desiludido dos sistemas e das superstições, mas ainda perseverante nos caminhos do mundo, deveria imitar o pirronismo de trottoir que exibe a criatura menos dogmática: a prostituta. Desprendida de tudo e aberta a tudo; esposando o humor e as idéias do cliente; mudando de tom e de rosto em cada ocasião; disposta a ser triste ou alegre, permanecendo indiferente; prodigando os suspiros por interesse comercial; lançando sobre os esforços de seu vizinho sobreposto e sincero um olhar lúcido e falso, ela propõe ao espírito um modelo de comportamento que rivaliza com o dos sábios. Não ter convicções a respeito dos homens e de si mesmo: tal é o elevado ensinamento da prostituição, academia ambulante de lucidez, à margem da sociedade como a filosofia. "Tudo o que sei aprendi na escola das putas", deveria exclamar o pensador que aceita tudo e recusa tudo, quando, a exemplo delas, especializou-se no sorriso cansado, quando os homens são, para ele, apenas clientes, e as calçadas do mundo o mercado onde vende sua amargura, como suas companheiras seu corpo.

OBSESSÃO DO ESSENCIAL

Quando toda interrogação parece acidental e periférica, quando o espírito busca problemas sempre mais vastos, acontece que em seu avanço já não tropeça em nenhum objeto, apenas no obstáculo difuso do Vazio. Desde então, o impulso filosófico, exclusivamente voltado para o inacessível, expõe-se à falência. Quando examina as coisas e os pretextos temporais, impõe-se preocupações salutares; mas se indaga por um princípio cada vez mais geral, perde-se e anula-se na imprecisão do Essencial.

Só prosperam em filosofia os que se detêm no momento oportuno, os que aceitam a limitação e o conforto de um grau razoável de inquietude. Todo problema, quando se toca seu fundo, leva à bancarrota e deixa o intelecto a descoberto: não há perguntas nem respostas em um espaço sem horizonte. As interrogações se voltam contra o espírito que as concebeu: ele se torna vítima delas. Tudo lhe é hostil: sua própria solidão, sua própria audácia, o absoluto opaco, os deuses inverificáveis, e o nada manifesto. Infeliz daquele que, chegado a um certo momento do essencial, não se deteve! A história mostra que os pensadores que subiram até o final pela escada das perguntas, que puseram o pé no último degrau, o do absurdo, só legaram à posteridade um exemplo de esterilidade, enquanto que seus colegas, que pararam no meio do caminho, fecundaram o curso do espírito; *serviram* a seus semelhantes, transmitiram-lhes algum ídolo bem trabalhado, algumas superstições polidas, alguns erros disfarçados de princípios e um sistema de esperanças. Se tivessem abraçado os perigos de um progresso excessivo, esse desdém dos equívocos caridosos os tornaria nocivos aos outros e a si mesmos; teriam escrito seu nome nos confins do universo e do pensamento, investigadores malsãos e réprobos áridos, amantes de vertigens infrutíferas, buscadores de sonhos que não é lícito sonhar...

As idéias refratárias ao Essencial são as únicas que têm poder sobre os homens. Que poderiam fazer em uma região do pensamento onde periga mesmo quem aspira a instalar-se nela por inclinação natural ou sede mórbida? Não se pode respirar em um domínio estranho às dúvidas habituais. E se certos espíritos situam-se fora das interrogações convencionais, é que um instinto enraizado nas profundidades da matéria ou um vício produzido por uma enfermidade cósmica apoderou-se deles e os conduziu a uma ordem de reflexões tão exigente e tão vasta, que a própria morte lhes parece sem importância, os elementos do destino tolices e o aparato da metafísica, utilitário e suspeito. Esta obsessão de uma fronteira última, este progresso no vazio acarretam a forma mais perigosa de esterilidade, comparada à qual o nada parece uma promessa de fecundidade. Aquele que é *difícil* no que faz — em sua tarefa ou em sua aventura — só tem que transplantar sua exigência do *acabado* ao plano universal para não poder acabar sua obra nem sua vida.

A angústia metafísica provém da condição de um artesão sumamente escrupuloso, cujo objeto não seria outro senão *o ser*. De

tanto analisar, chega à impossibilidade de compor, de terminar uma miniatura do universo. O artista que abandona seu poema, exasperado pela indigência das palavras, prefigura o mal-estar do espírito descontente no conjunto do existente. A incapacidade de alinhar os elementos — tão desprovidos de sentido e de sabor como as palavras que os expressam — leva à revelação do vazio. Por isso o versificador retira-se ao silêncio ou aos artifícios impenetráveis. Ante o universo o espírito demasiado exigente sofre uma derrota semelhante à de Mallarmé frente à arte. É o pânico ante um objeto que não é mais objeto, que não se pode mais manejar, pois — idealmente — ultrapassou-se seus limites. Os que não permanecem no *interior* da realidade que cultivam, os que transcendem o ofício de existir devem ou pactuar com o inessencial, voltar atrás e integrar-se na eterna farsa, ou aceitar todas as conseqüências de uma condição separada, e que é superabundância ou tragédia, conforme a olhemos ou a soframos.

FELICIDADE DOS EPÍGONOS

Há deleite mais sutilmente equívoco do que assistir à ruína de um mito? Que dilapidação de corações para fazê-lo nascer, que excessos de intolerância para fazê-lo respeitar, que terror para os que não consentem e que desgaste de esperanças para vê-lo... expirar! A inteligência só floresce nas épocas em que as crenças fenecem, em que seus dogmas e seus preceitos se relaxam, em que suas regras tornam-se mais flexíveis. Todo fim de época é um paraíso para o espírito, que só recupera seu vigor e seus caprichos no meio de um organismo em plena dissolução. Quem tem o azar de pertencer a um período de criação e de fecundidade sofre suas limitações e sua rotina; escravo de uma visão unilateral, está encerrado em um horizonte limitado. Os momentos históricos mais férteis foram ao mesmo tempo os mais irrespiráveis; impunham-se como uma fatalidade, feliz para um espírito ingênuo, mortal para um amante dos espaços intelectuais. A liberdade só tem amplidão entre os epígonos desiludidos e estéreis, entre as inteligências das épocas tardias, épocas cujo estilo se desagrega e não inspira mais do que uma complacência irônica.

Fazer parte de uma igreja incerta de seu deus — depois de havê-lo imposto outrora a sangue e fogo — deveria ser o ideal de todo espírito liberado. Quando um mito torna-se lânguido e diáfano, e a instituição que o sustenta, clemente e compreensiva, os problemas adquirem uma elasticidade agradável. O ponto de desfalecimento de uma fé, o grau diminuído de seu vigor, instalam um vazio terno nas almas e as tornam receptivas, mas sem permitir-lhes cegar-se ainda ante as superstições que espreitam e obscurecem o porvir. Só alimentam o espírito essas agonias da história que precedem a insanidade de toda aurora...

ÚLTIMA OUSADIA

Se é verdade que Nero exclamou: "Feliz Príamo, que viste a ruína de tua pátria", reconheçamos-lhe o mérito de haver alcançado o mais sublime desafio, a última hipóstase do gesto belo e da ênfase lúgubre. Depois de tal frase, tão maravilhosamente apropriada na boca de um imperador, tem-se direito à banalidade; se está mesmo obrigado a ela. Quem poderia ainda aspirar à extravagância? Os mínimos acidentes de nossa trivialidade nos forçam a admirar esse César cruel e histrião (e isto ainda mais porque sua demência conheceu uma glória maior que os suspiros de suas vítimas, pois a história escrita é pelo menos tão desumana como os acontecimentos que a suscitam). Todas as *atitudes* parecem arremedos em comparação às suas. E se foi verdade que incendiou Roma por amor à Ilíada, houve algum dia homenagem mais *sensível* a uma obra de arte? É em todo caso o único exemplo de crítica literária *em marcha*, de um juízo estético *ativo*.

O efeito que um livro exerce sobre nós só é real se experimentamos o desejo de imitar sua intriga, de matar se o herói mata, de estar ciumento se está ciumento, de estar doente ou moribundo se ele sofre ou se morre. Mas tudo isso, para nós, permanece em estado virtual ou degrada-se em letra morta; só Nero apresenta a literatura como espetáculo; suas *resenhas*, ele as faz com as cinzas de seus contemporâneos e de sua capital...

Tais palavras e tais atos deviam ser ao menos uma vez proferidos e realizados. Um facínora encarregou-se disso. Isto pode con-

solar-nos, e até deve, senão como retomaríamos nosso cansaço costumeiro e nossas verdades hábeis e prudentes?

EFÍGIE DO FRACASSADO

Todo ato o horroriza e repete a si mesmo: "O movimento, que tolice!" Não são tanto os acontecimentos que o irritam, mas a idéia de tomar parte neles; só se agita para afastar-se deles. Seus sarcasmos devastaram a vida antes que tivesse esgotado sua seiva. É um Eclesiastes da encruzilhada, que extrai da universal insignificância uma desculpa para suas derrotas. Desejoso de achar tudo sem importância, o consegue facilmente, pois a multidão das evidências está amplamente de seu lado. Na batalha dos argumentos vence sempre, do mesmo modo que é sempre vencido na ação: tem "razão", repudia tudo e tudo o repudia. Compreendeu prematuramente o que não se deve compreender para viver — e como seu talento era demasiado lúcido com respeito às suas próprias funções, desperdiçou-o por medo de que se perdesse na futilidade de uma obra. Portando a imagem do que poderia ter sido como um estigma ou uma auréola, envergonha-se e vangloria-se da excelência de sua esterilidade, para sempre estranho às seduções ingênuas, único livre entre os escravos do Tempo. Extrai sua liberdade da imensidade de suas irrealizações; é um deus infinito e miserável que nenhuma criação limita, que nenhuma criatura adora, e que ninguém desculpa. O desprezo que derramou sobre os outros, lhe é devolvido por estes. Só expia os atos que não efetuou, cujo número, entretanto, excede o cálculo de seu orgulho ferido. Mas finalmente, à guisa de consolação, e ao cabo de uma vida sem títulos, porta sua inutilidade como uma coroa.

("Para quê?", adágio do Fracassado, de um simpatizante da morte... Que estimulante, quando se começa a sofrer seu assédio! Pois a morte, antes que nos absorvamos demasiado nela, nos enriquece, e nossas forças crescem ao seu contato; depois, exerce sobre nós sua obra de destruição. A evidência da inutilidade de todo esforço, e essa sensação de cadáver futuro erigindo-se já no presente, e preenchendo o horizonte do tempo, acabam por embotar nossas idéias, nossas esperanças e nossos músculos, de tal sorte que o aumento de impulso suscitado pela recentíssima obsessão converte-se, uma vez implantada irrevogavelmente no espírito, em uma estagnação de nossa vitalidade. Assim esta obsessão nos incita a tornar-nos tudo e nada. Normalmente, deveria colocar-nos ante a única escolha possível: o convento ou o cabaré. Mas quando não podemos fugir dela nem pela eternidade nem pelos prazeres, quando, fustigados no meio de nossa vida, estamos igualmente longe do céu e da vulgaridade, transforma-nos nessa espécie de heróis decompostos que prometem tudo e não cumprem nada: ociosos esbaforindo-se no Vazio; carcaças verticais, cuja única atividade se reduz a pensar que deixarão de ser...)

CONDIÇÕES DA TRAGÉDIA

Se Jesus houvesse acabado sua carreira na cruz e não tivesse se comprometido a ressuscitar, que belo herói de tragédia teria sido! Seu lado divino fez com que a literatura perdesse um tema admirável. Partilha assim a sorte, esteticamente medíocre, de todos os *justos*. Como tudo o que se perpetua no coração dos homens, como tudo o que se expõe ao culto e não morre irremediavelmente, não se presta nada a essa visão de um fim total que marca um destino trágico. Para isso teria sido necessário que ninguém o seguisse e que a transfiguração não viesse a elevá-lo a uma ilícita auréola. Nada mais estranho à tragédia do que a idéia de redenção, salvação e imortalidade! O herói sucumbe sob seus próprios atos, sem que lhe seja dado escamotear sua morte por uma graça sobrenatural; não se prolonga — enquanto *existência* — de nenhum modo, permanece *distinto* na memória dos homens como um *espetáculo* de sofrimento; ao não ter discípulos, seu destino infrutífero não fecunda nada, salvo a imaginação dos outros. Macbeth desmorona sem esperança de resgate: não há *extrema-unção* na tragédia.

O próprio de uma fé, ainda que deva fracassar, é eludir o irreparável. (O que poderia fazer Shakespeare por um mártir?) O verdadeiro herói combate e morre em nome de seu destino, não em nome de uma crença. Sua existência elimina toda idéia de escapatória; os caminhos que não o levam à morte resultam em becos sem saída; trabalha em sua "biografia"; cultiva seu desenlace e faz todo

o possível, instintivamente, para inventar-se acontecimentos funestos. Uma vez que a fatalidade é sua seiva, qualquer escapatória só poderia ser uma infidelidade à sua perdição. Por isso o homem do destino não se converte nunca a nenhuma crença, qualquer que ela seja: não realizaria seu fim. E se estivesse imobilizado sobre a cruz, não seria ele quem levantaria os olhos para o céu: sua própria história é seu único absoluto, como sua *vontade* de tragédia seu único desejo...

A MENTIRA IMANENTE

Viver significa: crer e esperar, mentir e mentir-*se*. Por isso a imagem mais verídica que já se criou do homem continua sendo a do Cavaleiro da Triste Figura, esse cavaleiro que se encontra mesmo no sábio mais realizado. O episódio penoso em torno da Cruz ou esse outro mais majestoso coroado pelo Nirvana participam da mesma irrealidade, ainda que se lhes tenha reconhecido uma qualidade simbólica que foi recusada depois às aventuras do pobre fidalgo. Nem todos os homens podem ter êxito: a fecundidade de suas mentiras varia... Tal engano triunfa: disso resulta uma religião, uma doutrina ou um mito — e uma multidão de fiéis; outro fracassa: não passa então de uma divagação, de uma teoria ou de uma ficção. Só as coisas inertes *não acrescentam* nada ao que são: uma pedra não mente: não interessa a ninguém — enquanto que a vida inventa sem cessar: a vida é o *romance* da matéria.

Pó apaixonado por fantasmas, tal é o homem: sua imagem absoluta, idealmente semelhante, encarnar-se-ia em um Dom Quixote visto por Ésquilo...

(Se na hierarquia das mentiras a vida ocupa o primeiro lugar, o amor lhe sucede imediatamente, mentira na mentira. Expressão de nossa posição híbrida, cerca-se de um aparato de beatitudes e de tormentos graças ao qual encontramos em outro um substituto de nós mesmos. Por qual embuste dois olhos nos apartam de nossa solidão? Há fracasso mais humilhante para o espírito? O amor adormece o conhecimento; o conhecimento desperto mata o amor. A irrealidade não pode triunfar indefinidamente, nem mesmo disfarçada com a aparência da mais estimulante mentira. E, de resto, quem teria uma ilusão tão firme para encontrar no *outro* o que buscou em vão em si mesmo? Um calor nas entranhas nos dará o que o universo inteiro não soube oferecer-nos? E, no entanto, esse é o fundamento desta anomalia corrente e sobrenatural: resolver a dois — ou antes, suspender — todos os enigmas; graças a uma impostura, esquecer esta ficção em que está mergulhada a vida; com uma dupla carícia preencher a vacuidade geral; e — paródia do êxtase — afogar-se, finalmente, no suor de um cúmplice qualquer...)

O ADVENTO DA CONSCIÊNCIA

Como nossos instintos tiveram que se embotar e seu funcionamento se abrandar antes que a consciência estendesse seu controle sobre o conjunto de nossos atos e de nossos pensamentos! A primeira reação natural *refreada* acarretou todos os adiamentos da atividade vital, todos os nossos fracassos no imediato. O homem — animal de desejos retardados — é um nada lúcido que engloba tudo e não é englobado por nada, que vigia todos os objetos e não dispõe de nenhum.

Comparados à aparição da consciência, os outros acontecimentos são de uma importância mínima ou nula. Mas esta aparição, em contradição com os dados da vida, constitui uma irrupção perigosa no seio do mundo animado, um escândalo na biologia. Nada o fazia prever: o automatismo natural não sugeria a eventualidade de um animal que se lançasse para além da matéria. Um gorila que perdeu seus pêlos e os substituiu por ideais, um gorila com luvas, forjador de deuses, agravando suas caretas e adorando o céu — como a natureza deve ter sofrido, quanto sofrerá ainda, ante semelhante queda! É que a consciência leva longe e permite tudo. Para o animal, a vida é um absoluto; para o homem, é um absoluto e um pretexto. Na evolução do universo, não há fenômeno mais importante do que esta possibilidade que nos foi reservada de converter todos os objetos em pretextos, de *jogar* com nossas empresas cotidianas e nossos fins últimos, de colocar no mesmo plano, pela divindade do capricho, um deus e uma vassoura.

E o homem só se desembaraçará de seus ancestrais — e da natureza — quando houver liquidado nele todos os vestígios do Incondicionado, quando sua vida e a dos outros lhe parecerem um

jogo de marionetes cujos fios puxará para rir, em uma diversão de fim dos tempos. Será então *o ser puro*. A consciência terá cumprido seu papel...

A ARROGÂNCIA DA ORAÇÃO

Quando se chega ao limite do monólogo, aos confins da solidão, inventa-se — na falta de outro interlocutor — Deus, pretexto supremo de diálogo. Enquanto o nomeias, tua demência está bem disfarçada e... tudo te é permitido. O verdadeiro crente mal se distingue do louco; mas sua loucura é legal, admitida; acabaria em um asilo se suas aberrações estivessem livres de toda fé. Mas Deus as cobre, as torna legítimas. O orgulho de um conquistador empalidece comparado à ostentação do devoto que dirige-se ao Criador. Como se pode ser tão atrevido? E como poderia ser a modéstia uma virtude dos templos, quando uma velha decrépita, que imagina o Infinito a seu alcance, eleva-se pela oração a um nível de audácia ao qual nenhum tirano jamais aspirou?

Sacrificaria o império do mundo por um só momento em que minhas mãos juntas implorassem ao grande Responsável de nossos enigmas e de nossas banalidades. Entretanto, esse momento constitui a qualidade corrente — e como que o tempo *oficial* — de qualquer crente. Mas quem é verdadeiramente modesto repete a si mesmo: "Demasiado humilde para rezar, demasiado inerte para transpor o limiar de uma igreja, resigno-me à minha sombra e não quero uma capitulação de Deus ante minhas orações." E aos que lhe propõem a imortalidade, responde: "Meu orgulho não é inesgotável: seus recursos são limitados. Pensam, em nome da fé, vencer seu *eu*; na realidade, desejam perpetuá-lo na eternidade, pois não lhes basta esta duração presente. Sua soberba excede em refinamento todas as ambições do século. Que sonho de glória, comparado ao seu, não se revela engano e vã ilusão? Sua fé é apenas um delírio de grandeza tolerado pela comunidade, porque utiliza caminhos camuflados; mas seu pó é sua única obsessão: gulosos do intemporal, perseguem o tempo que o dispersa. Só o além é bastante escasso para suas cobiças; a terra e seus instantes parecem demasiado frágeis. A megalomania dos conventos supera tudo o que jamais imaginaram as febres suntuosas dos palácios. Quem não admite sua nulidade é um doente mental. E o crente, entre todos, é o menos disposto a consentir. A vontade de durar, levada até tal ponto, apavora-me. Recuso-me à sedução malsã de um Eu indefinido. Quero chafurdar-me em minha mortalidade. Quero permanecer *normal*."

(Senhor, dá-me a faculdade de jamais rezar, poupa-me a insanidade de toda adoração, afasta de mim essa tentação de amor que me entregaria para sempre a Ti. Que o vazio se estenda entre meu coração e o céu! Não desejo ver meus desertos povoados com Tua presença, minhas noites tiranizadas por Tua luz, minhas Sibérias fundidas sob Teu sol. Mais solitário do que Tu, quero minhas mãos puras, ao contrário das Tuas que sujaram-se para sempre ao modelar a terra e ao misturar-se nos assuntos do mundo. Só peço à Tua estúpida onipotência respeito para minha solidão e meus tormentos. Não tenho nada a fazer com Tuas palavras. Conceda-me o milagre recolhido antes do primeiro instante, a paz que Tu não pudeste tolerar e que Te incitou a abrir uma brecha no nada para inaugurar esta feira dos tempos, e para condenar-me assim ao universo, à humilhação e à vergonha de existir.)

LIPEMANIA

Por que não tens a força de te subtrair à obrigação de respirar? Por que agüentar ainda este ar solidificado que bloqueia teus pulmões e se despedaça contra tua carne? Como vencer essas esperanças opacas e essas idéias petrificadas quando, alternadamente, imitas a solidão de uma rocha, ou o isolamento de um escarro fixo nas cordas do mundo? Estás mais afastado de ti mesmo que de um planeta não-descoberto, e teus órgãos, voltados para os cemitérios, invejam seu dinamismo.

Abrir tuas veias para inundar esta folha que te irrita como te irritam as estações? Ridícula tentativa! Teu sangue, descolorido pelas noites em claro, suspendeu seu curso... Nada despertará de novo em ti a sede de viver e de morrer, extinta pelos anos, para sempre

repelida por essas fontes sem murmúrio nem prestígio nas quais saciam-se os homens. Aborto de lábios mudos e secos, permanecerás para além do ruído da vida e da morte, para além mesmo do ruído das lágrimas...

(A verdadeira grandeza dos santos consiste nesse poder — insuperável entre todos — de vencer o Medo do Ridículo. Nós não poderíamos chorar sem sentir vergonha; eles invocam "o dom das lágrimas". Uma preocupação de honorabilidade em nossas "securas" imobiliza-nos como espectadores de nosso infinito amargo e comprimido, de nossas expansões que não acontecem. No entanto, a função dos olhos não é ver, mas chorar; e para *ver* realmente é preciso fechá-los: é a condição do êxtase, da única visão reveladora, enquanto que a percepção esgota-se no horror do *já visto*, do irreparavelmente *sabido* desde sempre.

Para o que pressentiu os desastres inúteis do mundo, e a quem o saber só trouxe a confirmação de um desencanto inato, os escrúpulos que o impedem de chorar acentuam sua predisposição à tristeza. E se está de certo modo invejoso das façanhas dos santos, não é tanto por seu nojo das aparências ou seu apetite transcendente, mas antes por sua vitória sobre esse medo do ridículo, ao qual não pode subtrair-se e que o conserva aquém da inconveniência sobrenatural das lágrimas.)

MALDIÇÃO DIURNA

Repetir-se mil vezes por dia: "Nada tem valor neste mundo", encontrar-se eternamente no mesmo ponto e rodopiar tolamente como um pião... Pois não há progresso na idéia da vaidade de tudo, nem desenlace; e por mais longe que nos arrisquemos em tal ruminação, nosso conhecimento não cresce de modo algum: é em seu momento presente tão rico e tão nulo como o era em seu ponto de partida. É uma pausa no incurável, uma lepra do espírito, uma revelação pelo estupor. Um simples de espírito, um idiota, que experimentasse uma iluminação e que se instalasse nela sem nenhum meio de sair e recuperar sua condição nebulosa e confortável, tal

é o estado de quem se vê engajado, involuntariamente, na percepção da universal futilidade. Abandonado por suas noites, vítima de uma claridade que o sufoca, não sabe o que fazer desse dia que não acaba mais. Quando cessará a luz de derramar seus raios, funestos para a lembrança de um mundo noturno e anterior a tudo o que foi? Como está acabado o caos, repousante e calmo, anterior à terrível Criação, ou, mais doce ainda, o caos do nada mental!

DEFESA DA CORRUPÇÃO

Se se pusesse em um prato da balança o mal que os "puros" espalharam sobre o mundo e no outro o mal proveniente dos homens sem princípios e sem escrúpulos, é o primeiro prato que inclinaria a balança. No espírito que a propõe, toda fórmula de salvação erige uma guilhotina... Os desastres das épocas corrompidas têm menos gravidade do que os flagelos causados pelas épocas ardentes; a lama é mais agradável que o sangue; há mais suavidade no vício que na virtude, mais humanidade na depravação que no rigorismo. O homem que reina e não crê em nada, eis o modelo de um paraíso da decadência, de uma soberana solução da história. Os oportunistas salvaram os povos; os heróis os arruinaram. Devemos sentir-nos contemporâneos, não da Revolução e de Bonaparte, mas de Fouché e de Talleyrand: faltou à versatilidade destes apenas um suplemento de tristeza para que nos sugerissem com seus atos uma Arte de viver.

Às épocas dissolutas cabe o mérito de haver desnudado a essência da vida, de nos haver revelado que tudo não passa de *farsa* ou *amargura*, e que nenhum acontecimento merece ser embelezado, já que é necessariamente execrável. A mentira enfeitada das grandes épocas, de tal século, de tal rei, de tal papa... A "verdade" só é vislumbrada nos momentos em que os espíritos, esquecidos do delírio construtivo, deixam-se arrastar pela dissolução das morais, dos ideais e das crenças. Conhecer, é *ver*; não é nem esperar nem empreender.

A estupidez que caracteriza os cumes da história só tem equivalente na inépcia de seus agentes. Se levam até o fim os atos e os pensamentos é por uma falta de finura. Um espírito liberado tem aversão à tragédia e à apoteose: as desgraças e as palmas o exaspe-

ram tanto quanto a banalidade. *Ir longe demais* é dar seguramente uma prova de mau gosto. O esteta tem horror ao sangue, ao sublime e aos heróis... Só aprecia ainda os farsantes. .

O UNIVERSO ANTIQUADO

O processo de envelhecimento no universo verbal segue um ritmo de aceleração diferente do do mundo físico. As palavras, demasiado repetidas, extenuam-se e morrem, enquanto que a monotonia constitui a lei da matéria. O espírito necessitaria de um dicionário infinito, mas seus meios se limitam a alguns vocábulos trivializados pelo uso. É assim que o *novo*, exigindo combinações estranhas, obriga as palavras a funções inesperadas: *a originalidade se reduz à tortura do adjetivo e a uma impropriedade sugestiva da metáfora.* Coloque as palavras em seu lugar: é o cemitério cotidiano da Palavra. O que é *consagrado* em uma língua constitui sua morte: uma palavra *prevista* é uma palavra defunta; só seu emprego artificial insufla-lhe um novo rigor, na espera de que o vulgo a adote, a deteriore e a suje. O espírito é *preciosista* ou não é, enquanto que a natureza se compraz na simplicidade de seus meios sempre iguais.

O que chamamos *nossa* vida, em relação à vida simplesmente, é uma criação incessante de modas com a ajuda da palavra artificialmente manejada; é uma proliferação de futilidades, sem as quais teríamos que expirar em um bocejo que engoliria a história e a matéria. Se o homem inventa físicas novas, não é tanto para chegar a uma explicação válida da natureza como para escapar ao tédio do universo conhecido, habitual, vulgarmente irredutível, ao qual atribui arbitrariamente tantas dimensões quanto projetamos adjetivos sobre uma coisa inerte que estamos cansados de ver e de experimentar, como era vista e experimentada pela estupidez de nossos ancestrais ou de nossos antepassados próximos. Infeliz daquele que, havendo compreendido esta dissimulação, afasta-se dela! Terá pisoteado o segredo de sua vitalidade e irá reunir-se à verdade imóvel e sem atrativos daqueles nos quais as fontes do Preciosismo secaram, e cujo espírito murchou por falta de artifício.

(É completamente legítimo conceber o momento em que a vida sairá de moda, caindo em desuso como a lua ou a tuberculose depois

do abuso romântico: irá coroar o anacronismo dos símbolos despojados e das enfermidades desmascaradas; voltará a ser *ela mesma*: uma fadiga sem prestígios, uma fatalidade sem brilho. E é facilmente previsível o momento em que nenhuma esperança surgirá mais dos corações, em que a terra será tão glacial como as criaturas, em que nenhum sonho virá embelezar a imensidade estéril. A humanidade terá vergonha de procriar quando vir as coisas como são. A vida sem a seiva dos enganos e dos erros, a vida fora de moda, não encontrará nenhuma clemência diante do tribunal do espírito. Mas, no final das contas, esse espírito mesmo se desvanecerá: é apenas um pretexto no nada, como a vida não é mais do que um preconceito.

A história se sustenta enquanto acima de suas vogas transitórias, das quais os acontecimentos são a sombra, uma moda mais geral paira como uma invariante; mas quando esta invariante revelar-se a todos como um simples capricho, quando a inteligência do erro de viver tornar-se um bem comum e uma verdade unânime, de onde tiraremos forças para engendrar, ou mesmo para delinear o esboço de um ato, o simulacro de um gesto? Por qual arte sobreviver a nossos instintos clarividentes e a nossos corações lúcidos? Que prodígio reanimará uma tentação futura em um universo antiquado?)

O HOMEM CARCOMIDO

Não quero mais colaborar com a luz nem empregar o jargão da vida. Não tornarei a dizer: "Eu sou" sem enrubescer. O despudor do alento, o escândalo da respiração estão ligados ao abuso de um verbo auxiliar...

Já passou o tempo em que o homem se pensava em termos de aurora; repousando sobre uma matéria anêmica, ei-lo aberto a seu verdadeiro dever, ao dever de estudar sua perdição e de correr para ela...; está no limiar de uma nova era: a da *Piedade de si mesmo.* E esta Piedade é sua segunda queda, mais nítida e mais humilhante do que a primeira: é uma queda sem resgate. Em vão inspeciona os horizontes: mil e um salvadores se perfilam, salvadores de farsa, eles próprios desconsolados também. Afasta-se deles para preparar-se em sua alma excessivamente madura, para a doçura de apodre-

cer... Chegado ao mais íntimo de seu outono, oscila entre a Aparência e o Nada, entre a forma enganosa do ser e sua ausência: vibração entre duas irrealidades...

A consciência ocupa o vazio que sucede à erosão da existência pelo espírito. É preciso a obnubilação de um crente ou de um idiota para integrar-se à "realidade", que se desvanece à proximidade da menor dúvida, da menor suspeita de improbabilidade ou de um sobressalto de angústia, outros tantos rudimentos que prefiguram a consciência e que, *desenvolvidos*, a engendram, a definem e a exasperam. Sob o efeito desta consciência, desta presença incurável, o homem acede a seu mais alto privilégio: o de perder-se. Doente de honra da natureza, corrompe sua seiva; vício abstrato dos instintos, destrói seu vigor. O universo se degrada a seu contato e o tempo perece... Só podia realizar-se — e decair — sobre a ruína dos elementos. Uma vez acabada sua obra, já está maduro para desaparecer: durante quantos séculos ainda escutaremos seu estertor?

O PENSADOR DE OCASIÃO

"As idéias são os sucedâneos dos degostos."

MARCEL PROUST

Vivo na espera da Idéia, a pressinto, a cerco, apodero-me dela, e não posso formulá-la, ela me escapa, não me pertence ainda: a terei concebido em minha ausência? E como, de iminente e confusa, torná-la presente e luminosa na agonia inteligível da expressão? Que estado devo esperar para que ela floresça e murche?

Antifilósofo, abomino toda idéia indiferente: nem sempre estou triste, logo não penso sempre. Quando *olho* as idéias, elas me parecem ainda mais inúteis que as coisas; desse modo, só adorei as elucubrações dos grandes enfermos, as ruminações da insônia, os relâmpagos de um pavor incurável e as dúvidas atravessadas de suspiros. A quantidade de claro-escuro que uma idéia encobre é o único indício de sua profundidade, como o acento desesperado de sua alegria é o indício de sua fascinação. Quantas noites em claro esconde seu passado noturno? É assim que deveríamos abordar todo pensador. Aquele que pensa *quando quer* não tem nada a dizer-nos: está acima, ou melhor, *à margem* de seu pensamento, não é *responsável* por ele, nem está em absoluto comprometido com ele, pois não ganha nem perde ao arriscar-se em um combate em que ele mesmo não é seu próprio inimigo. Não lhe custa nada crer na Verdade. Não acontece o mesmo com um espírito para quem o *verdadeiro* e o *falso* deixaram de ser superstições; destruidor de todos os critérios, ele *se constata*, como os enfermos e os poetas; pensa por acidente: a glória de um mal-estar ou de um delírio lhe basta. Uma indigestão não é, por acaso, mais rica em idéias que um desfile de conceitos? As disfunções dos órgãos determinam a fecundidade do espírito: quem não *sente* seu corpo jamais será capaz de conceber um pensamento vivo; esperará inutilmente a surpresa vantajosa de algum inconveniente...

Na indiferença afetiva as idéias se delineiam; entretanto, nenhuma toma forma: cabe à tristeza oferecer um clima para sua eclosão. Necessitam de uma certa tonalidade, de uma certa cor para vibrar e iluminar-se. Ser durante muito tempo estéril é espreitá-las, desejá-las sem poder comprometê-las em uma fórmula. As "estações" do espírito estão condicionadas por um ritmo orgânico; não depende de "mim" ser ingênuo ou cínico: *minhas verdades são os sofismas de meu entusiasmo ou de minha tristeza.* Existo, sinto e penso ao azar do instante e apesar de mim mesmo. O Tempo me constitui; oponho-me em vão a ele — e *sou*. Meu presente não desejado se desenvolve, *me* desenvolve; como não posso controlá-lo, limito-me a comentá-lo; escravo de meus pensamentos, brinco com eles, como um bufão da fatalidade...

AS VANTAGENS DA DEBILIDADE

O indivíduo que não ultrapassa sua qualidade de belo exemplar, de modelo acabado, e cuja existência confunde-se com seu destino vital, coloca-se fora do espírito. A masculinidade ideal — obstáculo à percepção das nuanças — comporta uma insensibilidade em relação ao *sobrenatural cotidiano*, de onde a arte extrai sua substância. Quanto mais *natureza* se é, menos se é artista. O vigor homogêneo, não diferenciado, opaco, foi idolatrado pelo mundo das lendas, pelas fantasias da mitologia. Quando os gregos entregaram-se à especulação, o culto ao efebo anêmico substituiu o dos gigantes; e os próprios heróis, tolos sublimes nos tempos de Homero, tornaram-se, graças à tragédia, portadores de tormentos e de dúvidas incompatíveis com sua rude natureza.

A riqueza interior resulta dos conflitos que se tem consigo mesmo; mas a vitalidade que dispõe plenamente de si mesma só conhece o combate exterior, a animosidade com o objeto. No macho, a quem uma dose de feminilidade debilita, afrontam-se duas tendências: por sua faceta passiva, capta todo um mundo de abandonos; por sua faceta imperiosa, converte sua vontade em lei. Enquanto seus instintos permanecem inalterados, só interessa à espécie; quando uma

insatisfação secreta insinua-se neles, transforma-se em um *conquistador*. O espírito o justifica, o explica e o desculpa e, situando-o na categoria dos tolos superiores, abandona-o à curiosidade da História — investigação da estupidez em marcha...

Aquele para quem a existência não constitui um mal ao mesmo tempo vigoroso e vago, jamais saberá instalar-se no âmago dos problemas nem conhecer seus perigos. A condição propícia à busca da verdade acha-se a meio caminho entre o homem e a mulher: as lacunas da "virilidade" são a sede do espírito... Se a fêmea pura, da qual não se poderia suspeitar nenhuma anomalia sexual ou psíquica, está mais vazia interiormente do que um animal, o macho intacto esgota a definição do "cretino". Considere qualquer pessoa que tenha prendido sua atenção ou excitado seu fervor: em seu mecanismo algo se desarranjou *em seu proveito*. Desprezamos, com razão, os que não aproveitaram seus defeitos, os que não exploraram suas carências, e não se enriqueceram com suas perdas, como desprezamos todo homem que não sofra por ser homem ou simplesmente por ser. Não se poderia infligir a alguém ofensa mais grave do que chamá-lo de "feliz", nem lisonjeá-lo mais do que atribuindo-lhe um "fundo de tristeza"... É que a alegria não está ligada a nenhum ato importante e que, salvo os loucos, ninguém ri quando está só.

A "vida interior" é patrimônio dos delicados, desses abortos trêmulos, submetidos a uma epilepsia sem quedas nem baba. O ser biologicamente íntegro desconfia da "profundidade", é incapaz dela, a vê como uma dimensão suspeita que prejudica a espontaneidade de seus atos. Não se engana: com a concentração sobre si mesmo começa o drama do indivíduo — sua glória e seu declínio; isolando-se do fluxo anônimo, do transcorrer utilitário da vida, emancipa-se dos *fins objetivos*. Uma civilização está "afetada" quando os delicados lhe dão o tom; mas, graças a eles, triunfou definitivamente sobre a natureza e desmorona. Um exemplar extremo de refinamento reúne em si o exaltado e o sofista: não adere mais a seus impulsos, cultiva-os sem crer neles; é a delibilidade onisciente das épocas crepusculares, prefiguração de eclipse do homem. Os delicados nos deixam entrever o momento em que as porteiras serão perturbadas por escrúpulos de estetas; em que os camponeses, sobrecarregados pelas dúvidas, não terão mais vigor para empunhar o arado; em que todos

os seres, corroídos pela clarividência e vazios de instintos, se extinguirão sem forças para ter saudades da noite próspera de suas ilusões...

O PARASITA DOS POETAS

I — Não pode haver desenlace para a vida de um poeta. Tudo o que não empreendeu, todos os instantes alimentados com o inacessível, lhe dão o seu poder. Experimenta o inconveniente de existir? Então sua faculdade de expressão se revigosa, seu alento se dilata.

Uma biografia só é legítima se põe em evidência a elasticidade de um destino, a soma de variantes que comporta. Mas o poeta segue uma linha de fatalidade cujo rigor nada abranda. É aos néscios que a vida cabe como quinhão e é para suprir a vida que não tiveram que se inventaram as biografias dos poetas...

A poesia exprime a essência do que não poderíamos possuir; sua significação última: a impossibilidade de toda "atualidade". A alegria não é um sentimento poético (provém, entretanto, de um setor do universo lírico onde o acaso reúne, em um mesmo feixe, as chamas e as tolices). Alguma vez se viu um canto de esperança que não inspirasse uma sensação de mal-estar, e até de repulsa? É como cantar uma presença quando o próprio *possível* está manchado por uma sombra de vulgaridade? Entre a poesia e a esperança, a incompatibilidade é completa; deste modo o poeta é vítima de uma ardente decomposição. Quem se atreveria a perguntar-lhe como experimentou a vida, quando viveu graças à morte? Quando sucumbe à tentação da felicidade, pertence à comédia... Mas se, ao contrário, de suas chagas brotam labaredas e canta a felicidade — essa incandescência voluptuosa da desgraça —, livra-se do matiz de vulgaridade inerente a todo acento positivo. É Hölderlin refugiando-se em uma Grécia de sonho e transfigurando o amor em embriaguezes mais puras, nas da irrealidade...

O poeta seria um desertor odioso da realidade se, em sua fuga, não levasse consigo sua desgraça. Ao contrário do místico ou do sábio, não saberia escapar a si mesmo, nem evadir-se do centro de sua própria obsessão: mesmo seus êxtases são incuráveis,

e sinais premonitórios de desastres. Inapto para salvar-se, para ele tudo é possível, exceto sua vida...

II — Nisto reconheço um verdadeiro poeta: freqüentando-o, vivendo muito tempo na intimidade de sua obra, *algo* se modifica em mim: não tanto minhas inclinações ou meus gostos mas meu sangue mesmo, como se um mal sutil houvesse se introduzido nele para alterar seu curso, sua espessura e sua qualidade. Valéry ou Stefan George nos deixam ali onde os abordamos, ou nos tornam mais exigentes no plano formal do espírito: são gênios de que não sentimos *necessidade*, são apenas artistas. Mas um Shelley, um Baudelaire, um Rilke intervêm no mais profundo de nosso organismo, que os incorpora como o faria com um vício. Em sua proximidade, um corpo se fortifica, e logo debilita-se e desagrega-se. Pois o poeta é um agente de destruição, um vírus, uma doença disfarçada e o perigo mais grave, embora maravilhosamente impreciso, para os nossos glóbulos vermelhos. Viver em seu território? É sentir o sangue enfraquecer, é sonhar um paraíso da anemia, e ouvir, nas veias, o fluir das lágrimas...

III — Enquanto que o verso permite tudo, e nele se pode derramar lágrimas, vergonhas, êxtase — e sobretudo queixas —, a prosa nos proíbe de expandir-nos ou lamentar-nos: repugna à sua abstração convencional. Ela exige outras verdades: controláveis, deduzidas, medidas. Mas, e se se roubassem as da poesia, se se saqueassem seu tema, e se ousássemos tanto como os poetas? Por que não insinuar no discurso nossas indecências, nossas humilhações, nossas caretas e nossos suspiros? Por que não estar decomposto, apodrecido, ser cadáver, anjo ou Satã na linguagem do vulgo, e trair pateticamente tantos etéreos e sinistros vôos? Muito melhor que na escola dos filósofos, é na dos poetas que se aprende a coragem da inteligência e a audácia de ser nós mesmos. Suas "afirmações" fazem empalidecer os apotegmas mais estranhamente impertinentes dos antigos sofistas. Ninguém as adota: já houve um só pensamento que fosse tão longe como Baudelaire ou que se atrevesse a transformar em sistema uma fulguração de Lear ou um monólogo de Hamlet? Talvez Nietzsche antes de seu fim, mas ai de mim!, insistia ainda em seus estribilhos de profeta... Buscaremos do lado dos santos?

Certos frenesis de Teresa de Ávila ou de Ângela de Foligno... Mas neles encontramos com muita freqüência Deus, esse *sem-sentido consolador* que, sustentando sua coragem, diminui sua qualidade. Passear sem convicções e solitário entre as verdades não é próprio de um homem, nem sequer de um santo; às vezes, entretanto, o é de um poeta...

Imagino um pensador exclamando em um movimento de orgulho: "Gostaria que um poeta fabricasse um destino com meus pensamentos!" Mas, para que sua aspiração fosse legítima, seria necessário que ele próprio freqüentasse durante muito tempo os poetas, que extraísse deles delícias, de maldição, e que lhes devolvesse, abstrata e acabada, a imagem de suas próprias quedas ou de seus próprios delírios; seria preciso, sobretudo, que sucumbisse no limiar do canto e, hino vivo *aquém* da inspiração, que conhecesse o *pesar de não ser poeta* —, de não estar iniciado na "ciência das lágrimas", nos flagelos do coração, nas orgias formais, nas imortalidades do instante...

... Muitas vezes sonhei com um monstro melancólico e erudito, versado em todos os idiomas, íntimo de todos os versos e de todas as almas, e que errasse pelo mundo para nutrir-se de venenos, de fervores, de êxtases, através das Pérsias, das Chinas, das Índias defuntas, e das Europas moribundas — muitas vezes sonhei com um amigo dos poetas que os houvesse conhecido todos por desespero de não ser dos seus.

TRIBULAÇÕES DE UM METECO

Surgido de alguma tribo desafortunada, vaga pelos bulevares do Ocidente. Apaixonado por pátrias sucessivas, já não espera nenhuma: congelado em um crepúsculo intemporal, cidadão do mundo — e de nenhum mundo —, é ineficaz, sem nome e sem vigor. Os povos sem destino não saberiam dar um a seus filhos que, sedentos de outros horizontes, enamoram-se deles e os esgotam depois, para acabarem eles mesmos como espectros de suas admirações e de suas lassidões. Não tendo nada que amar em seu lugar de origem, põem seu amor em outra parte, em outros países, onde seu fervor assombra os autóctones. Demasiado solicitados, os sentimentos se desgastam e se degradam, começando pela admiração... E o Meteco que se dissipou em tantas estradas, grita: "Forjei-me inumeráveis ídolos, ergui por toda parte altares em demasia, ajoelhei-me ante uma multidão de deuses. Hoje, cansado de adorar, gastei a dose de delírio com que a sorte me presenteou. Só temos recursos para os absolutos de nossa raça, pois uma alma, como um país, só se expande no interior de suas fronteiras: pago por havê-las transposto, por haver feito do Indefinido uma pátria e de divindades estrangeiras um culto, por haver-me prosternado ante séculos que excluíram meus antepassados. De onde venho, não saberia dizê-lo: nos templos, permaneço sem crença; nas cidades, sem ardor; junto a meus semelhantes, sem curiosidade; sobre a terra, sem certezas. Dê-me um desejo *preciso* e destruirei o mundo. Livre-me desta vergonha dos atos que me faz interpretar, cada manhã, a comédia da ressurreição e cada tarde a do enterro; no intervalo, nada além deste suplício no sudário do tédio... Sonho com querer e tudo o que quero me parece sem valor. Como um vândalo corroído pela melancolia, dirijo-me sem fim, eu sem eu, na direção de já não sei que canto... para descobrir um deus abandonado, um deus que fosse ele próprio ateu, e adormecer à sombra de suas últimas dúvidas e de seus últimos milagres."

O TÉDIO DOS CONQUISTADORES

Paris pesava sobre Napoleão, segundo confissão do próprio, como um "manto de chumbo": dez milhões de homens pereceram em conseqüência disso. É o balanço do "mal do século", quando um René a cavalo torna-se seu agente. Esse *mal*, nascido na ociosidade dos salões do século XVIII, na languidez de uma aristocracia demasiado lúcida, fez estragos ao longe, nos campos: os camponeses tiveram que pagar com seu sangue um tipo de sensibilidade, estranho à sua natureza, e, com eles, todo um continente. As naturezas excepcionais nas quais se insinuou o Tédio, que têm horror de todo lugar e a obsessão de um perpétuo alhures, só exploram o entusiasmo dos povos para multiplicar os cemitérios. Aquele aventureiro que chorava sobre Werther e Ossian, esse Obermann que projetava seu vazio no espaço e que, segundo dizia Josefina, só

foi capaz de alguns momentos de *abandono*, teve como missão inconfessada despovoar a terra. O conquistador sonhador é a maior calamidade para os homens; mas eles nem por isto deixam de idolatrá-lo, fascinados que estão pelos projetos estrambóticos, pelos ideais nocivos, pelas ambições malsãs. Nenhuma pessoa *sensata* foi objeto de culto, deixou um nome, marcou com seu sinal um só acontecimento. Imperturbável ante uma concepção precisa ou um ídolo transparente, a massa se excita em torno do inverificável e dos falsos mistérios. Quem morreu alguma vez em nome do *rigor*? Cada geração ergue monumentos aos carrascos da precedente. Não é menos certo que as vítimas aceitaram de bom grado ser imoladas a partir do momento em que acreditaram na glória, esse triunfo de um só, essa derrota de todos...

A humanidade só adorou os que a fizeram perecer. Os reinos em que os cidadãos se extinguiram pacificamente não figuram na história, nem tampouco o príncipe sensato, sempre desprezado por seus súditos; a multidão gosta do novelesco, mesmo à sua custa, pois o escândalo dos costumes constitui a trama da curiosidade humana e a corrente subterrânea de todo acontecimento. A mulher infiel e o cornudo fornecem à comédia e à tragédia, e mesmo à epopéia, a quase totalidade de seus temas. Como a honestidade não tem nem biografia nem encanto, desde a Ilíada até o vaudeville só o brilho da desonra tem divertido e intrigado. É, portanto, muito natural que a humanidade tenha se oferecido como pasto aos conquistadores, que queira fazer-se pisotear, que uma nação sem tiranos não faça falar dela, que a soma de iniqüidades que um povo comete seja o único índice de sua presença e vitalidade. Uma nação que já não estupra está em plena decadência; é pelo número de estupros que revela seus instintos, seu porvir. Investigue a partir de que guerra deixou de praticar, em grande escala, esse tipo de crime: encontrará o primeiro símbolo de seu declínio; a partir de que momento o amor tornou-se para ela um cerimonial e a cama uma condição do espasmo, e identificará o começo de suas deficiências e o fim de sua herança bárbara.

História universal: história do Mal. Suprimir os desastres do devir humano é o mesmo que conceber a natureza sem estações. Se você não contribuiu para uma catástrofe, desaparecerá sem deixar vestígio. Interessamos aos outros pela desgraça que semeamos à nossa volta. "Nunca fiz ninguém sofrer!" — exclamação para sempre estranha a uma criatura de carne e osso. Quando nos entusiasmamos por um personagem do presente ou do passado, fazemos *inconscientemente* a pergunta: "Para quantos seres foi causa de infortúnio?" Quem sabe se cada um de nós não aspira ao privilégio de matar todos os nossos semelhantes? Mas este privilégio é concedido a um pequeno grupo de pessoas e nunca por inteiro: só esta restrição explica por que a terra ainda está povoada. Assassinos indiretos, constituímos uma massa inerte, uma multidão de objetos frente aos verdadeiros sujeitos do Tempo, frente aos grandes criminosos que tiveram êxito.

Mas consolemo-nos: nossos descendentes próximos ou longínquos nos vingarão. Pois não é difícil imaginar o momento em que os homens se degolarão uns aos outros por nojo de si mesmos, em que o Tédio vencerá a resistência de seus preconceitos e de suas reticências, em que sairão à rua para saciar sua sede de sangue e em que o sonho destruidor prolongado através de tantas gerações chegará a ser patrimônio comum...

MÚSICA E CETICISMO

Busquei a Dúvida em todas as artes e só a encontrei camuflada, furtiva, dissipada nos entreatos da inspiração, surgida do relaxamento do impulso; mas renunciei a buscá-la — mesmo sob essa forma — em música; aí não poderia florescer: ignorando a ironia, a música procede não das malícias do intelecto, mas dos matizes ternos ou veementes da Ingenuidade — tolice do sublime, irreflexão do infinito... Como o chiste não possui equivalente sonoro, chamar um músico de *inteligente* é denegri-lo. Este atributo o diminui e não tem lugar nessa cosmogonia lânguida onde, como um deus cego, improvisa universos. Se fosse consciente de seu dom, de seu gênio, sucumbiria ao orgulho; mas é irresponsável; nascido no oráculo, não pode compreender-se a si mesmo. Cabe aos estéreis interpretá-lo: ele não é crítico, como Deus não é teólogo.

Caso-limite de irrealidade e de absoluto, ficção infinitamente real, mentira mais verdadeira que o mundo, a música perde seus prestígios logo que, secos ou morosos, nos dissociamos da Criação e o próprio Bach nos parece um rumor insípido: é o ponto extremo de nossa não-participação nas coisas, de nossa frieza e de

nossa decadência. *Zombar em pleno sublime*, triunfo sardônico do *princípio subjetivo*, que nos aparenta ao Diabo! Quem já não tem lágrimas para a música, quem vive apenas da lembrança das que derramou, está perdido: a clarividência estéril terá destruído o êxtase de onde surgiam mundos...

O AUTÔMATO

Respiro por preconceito. E contemplo o espasmo das idéias, enquanto que o Vazio sorri a si mesmo... Não há mais *suor* no espaço, não há mais vida; a menor vulgaridade a fará reaparecer: basta um segundo de espera.

Quando se percebe existir, experimenta-se a sensação de um demente maravilhado que surpreende sua própria loucura e busca inutilmente dar-lhe um nome. O hábito embota nosso assombro de existir: *somos*, e vamos além, ocupamos nosso lugar no asilo dos existentes.

Conformista, vivo, tento viver, por imitação, por respeito às regras do jogo, por horror à originalidade. Resignação de autômato: simular fervor e rir disso secretamente; só submeter-se às convenções para repudiá-las às escondidas; figurar em todos os registros, mas sem residência no tempo; salvar a cara, quando seria imperioso perdê-la...

Aquele que despreza tudo deve assumir um ar de dignidade perfeita, induzir ao erro os outros e até ele mesmo: cumprirá assim mais facilmente sua tarefa de *falso vivente*. Para que mostrar nossa ruína se podemos fingir a prosperidade? O inferno não tem *boas maneiras*: é a imagem exasperada de um homem franco e grosseiro, é a terra concebida sem nenhuma superstição de elegância e de civilidade.

Aceito a vida por cortesia: a revolta perpétua é de tão mau gosto como o sublime do suicídio. Aos vinte anos se rompe em impropérios contra os céus e a imundície que cobrem; depois se cansa. A pose trágica só corresponde à puberdade prolongada e ridícula; mas são necessárias mil provas para alcançar o histrionismo do desapego.

Quem, emancipado de todos os princípios do costume, não dispusesse de nenhum dom de comediante, seria o arquétipo do infortúnio, o ser idealmente desgraçado. É inútil construir tal modelo de franqueza: *a vida só é tolerável pelo grau de mistificação que se põe nela*. Tal modelo seria a ruína súbita da sociedade, pois a "doçura" de viver em comum reside na impossibilidade de dar livre curso ao infinito de nossos pensamentos ocultos. É porque somos todos impostores que nos suportamos uns aos outros. Quem não aceitasse mentir veria a terra fugir sob seus pés: estamos *biologicamente* obrigados ao falso. Não há herói moral que não seja ou pueril, ou ineficaz, ou inautêntico; pois a verdadeira autenticidade é o aviltamento na fraude, no decoro da adulação pública e da difamação secreta. Se nossos semelhantes pudessem constatar nossas opiniões sobre eles, o amor, a amizade, o devotamento seriam riscados para sempre dos dicionários; e se tivéssemos a coragem de olhar cara a cara as dúvidas que concebemos timidamente sobre nós mesmos, nenhum de nós proferiria um "eu" sem envergonhar-se. A dissimulação arrasta tudo o que vive, desde o troglodita até o cético. Como só o respeito das aparências nos separa dos cadáveres, precisar o fundo das coisas e dos seres é perecer; conformemo-nos a um nada mais agradável: nossa constituição só tolera uma certa dose de verdade...

Guardemos no mais profundo de nós mesmos uma certeza superior a todas as outras: a vida não tem sentido, *não pode* tê-lo. Deveríamos nos matar imediatamente se uma revelação imprevista nos persuadisse do contrário. Se o ar desaparecesse, respiraríamos ainda; mas sufocaríamos no mesmo instante se nos fosse roubada a alegria da inanidade...

SOBRE A MELANCOLIA

Quando não se pode livrar-se de si mesmo, deleita-se devorando-se. Em vão se chamaria o Senhor das Sombras, o distribuidor de uma maldição precisa: se está doente sem doença e se é réprobo sem vícios. A melancolia é o *estado sonhado do egoísmo*: nenhum objeto fora de si mesmo, nenhum motivo mais de ódio ou de amor.

a não ser essa mesma queda em um lodo lânguido, essa mesma agitação de condenado sem inferno, essas mesmas reiterações de um ardor de perecer... Enquanto que a tristeza contenta-se com uma moldura de fortuna, a melancolia necessita de uma orgia de espaço, de uma paisagem infinita para nela espalhar sua graça desagradável e vaporosa, seu mal sem contornos, que, por medo de curar-se, teme um limite à sua dissolução e às suas ondulações. Floresce — a flor mais estranha do amor-próprio — entre os venenos dos quais extrai sua seiva e o vigor de todos os seus desfalecimentos. Nutrindo-se do que a corrompe, esconde, sob seu nome melodioso, o Orgulho da Derrota e a Compaixão de si mesmo...

A ÂNSIA DE PRIMAR

Um César está mais próximo de um prefeito de lugarejo que de um espírito soberanamente lúcido mas desprovido de instinto de dominação. O importante é mandar: a isso aspira a quase totalidade dos homens. Se tem em suas mãos um império, uma tribo, uma família ou um criado, empregue seu talento de tirano, glorioso ou caricatural: todo um mundo ou uma só pessoa está às suas ordens. Assim se estabelece a série de calamidades que provém da necessidade de primar... Só esbarramos em sátrapas por todos os lugares: cada um — segundo seus meios — trata de obter uma multidão de escravos ou contenta-se com um só. Ninguém se basta a si mesmo: o mais modesto encontrará sempre um amigo ou uma companheira para realizar seu sonho de autoridade. O que obedece se fará, por sua vez, obedecer: de vítima passará a carrasco; é o supremo desejo de todos. Só os mendigos e os sábios não o experimentam; a menos que seu jogo seja ainda mais sutil...

A ânsia de poder permite à História renovar-se e permanecer contudo fundamentalmente igual; as religiões tentam combatê-la; só conseguem exasperá-la. O cristianismo teria tido êxito se a terra fosse um deserto ou um paraíso. Sob as formas variáveis que o homem pode tomar esconde-se uma constante, um fundo idêntico, que explica por que, contra todas as aparências de mudança, andamos em círculo, e por que, se perdêssemos, em conseqüência de uma intervenção sobrenatural, nossa condição de monstros e fantoches, a história desapareceria imediatamente.

Tentem ser livres: morrerão de fome. A sociedade só os tolera se são sucessivamente servis e despóticos; é uma prisão sem guardiões, mas da qual não se escapa sem perecer. Para onde ir, quando só se pode viver na sociedade e quando já não se tem instintos, e quando não se é tão arrojado para mendigar, nem tão equilibrado para entregar-se à sabedoria? No final das contas, continua-se a ser como todo o mundo, fingindo atarefar-se; resigna-se a tal extremo graças aos recursos do artifício, entendendo que é menos ridículo simular a vida que vivê-la.

Enquanto os homens sentirem paixão pela sociedade, reinará nela um canibalismo disfarçado. O instituto político é a conseqüência direta do Pecado, a materialização imediata da Queda. Cada um deveria estar ocupado em sua solidão, mas cada um vigia a dos outros. Os anjos e os bandidos têm seus chefes: como as criaturas intermediárias — o grosso da humanidade — poderiam prescindir deles? Suprima seu desejo de ser escravos ou tiranos: a sociedade ruirá em um abrir e fechar de olhos. O pacto dos símios está para sempre selado; e a história segue seu curso, horda esbaforida entre crimes e sonhos. Nada pode detê-la: mesmo os que a execram participam de sua carreira...

POSIÇÃO DE POBRE

Proprietários e mendigos: duas categorias que se opõem a qualquer mudança, a qualquer desordem renovadora. Colocados nos dois extremos da escala social, temem toda modificação para bem ou para mal: estão igualmente *estabelecidos*, uns na opulência, os outros na miséria. Entre eles situam-se — suor anônimo, fundamento da sociedade — os que se agitam, penam, perseveram e cultivam o absurdo de esperar. O Estado nutre-se de sua anemia; a idéia de cidadão não teria nem conteúdo nem realidade sem eles, tampouco o luxo e a esmola: os ricos e os mendigos são os parasitas do Pobre.

Há mil remédios para a miséria, mas nenhum para a pobreza. Como socorrer os que insistem em não morrer de fome? Nem Deus poderia corrigir sua sorte. Entre os favorecidos da fortuna e os esfarrapados circulam esses esfomeados honoráveis, explorados pelo fausto e pelos andrajos, saqueados por aqueles que, tendo horror ao trabalho, instalam-se, segundo sua sorte ou vocação, no salão ou na rua. E assim avança a humanidade: com alguns ricos, com alguns mendigos — e com todos os seus pobres...

ROSTOS DA DECADÊNCIA

Não consigo tirar de minhas pálpebras
A fadiga dos povos completamente esquecidos

HUGO VON HOFMANNSTHAL

Uma civilização começa a decair a partir do momento em que a Vida torna-se sua única obsessão. As épocas de apogeu cultivam os *valores* por si mesmos: a vida é apenas um meio de realizá-los; o indivíduo não *sabe* que vive, ele *vive*, escravo feliz das formas que engendra, preserva e idolatra. A afetividade o domina e o preenche. Não há criação alguma sem os recursos do "sentimento", que são limitados; no entanto, para aquele que só experimenta sua riqueza, parecem inesgotáveis: esta ilusão *produz* a história. Na decadência, o embrutecimento afetivo só permite duas modalidades de sentir e de compreender: a sensação e a idéia. Ora, é pela afetividade que nos entregamos ao mundo dos valores, que projetamos vitalidade nas categorias e nas normas. A atividade de uma civilização em seus momentos fecundos consiste em fazer sair as idéias de seu nada abstrato, em *transformar os conceitos em mitos*. A passagem do indivíduo anônimo ao indivíduo consciente ainda não se realizou: no entanto, é inevitável. Avaliem: na Grécia, de Homero aos sofistas; em Roma, da antiga República austera às "sabedorias" do Império; no mundo moderno, das catedrais às rendas do século XVIII.

Uma nação não poderia criar indefinidamente. Está chamada a dar expressão e sentido a um conjunto de valores que esgotam-se com a alma que os engendrou. O cidadão desperta de uma hipnose produtiva, o reino da lucidez começa: as massas só manejam categorias vazias. *Os mitos tornam-se novamente conceitos*: é a decadência. E as conseqüências se fazem sentir: o indivíduo *quer* viver, converte a vida em finalidade, eleva-se à categoria de pequena exceção. O balanço dessas exceções, ao compor o déficit de uma civilização, prefigura seu desaparecimento. Todo o mundo alcançou a delicadeza; mas não é a radiante estupidez dos simplórios que realiza a obra das grandes épocas?

Montesquieu afirma que, no final do Império, o exército romano era composto apenas pela cavalaria. Mas esquece de indicar-nos a razão disso. Imaginemos o legionário saturado de glória, de riqueza e de devassidão depois de haver percorrido inúmeros países e perdido sua fé e seu vigor ao contato de tantos templos e vícios, imaginemo-lo *a pé*! Conquistou o mundo como infante; o perderá como cavaleiro. Em toda brandura revela-se uma incapacidade fisiológica de aderir por mais tempo aos mitos da comunidade. O soldado emancipado e o cidadão lúcido sucumbem sob o bárbaro. A *descoberta* da Vida aniquila a vida.

Quando todo um povo, em diferentes graus, está à espreita de sensações raras, quando, pelas sutilezas do gosto, complica seus reflexos, chegou a um nível de superioridade fatal. A decadência não é outra coisa senão o instinto tornado impuro pela ação da consciência. Assim, não se pode superestimar a importância da gastronomia na existência de uma coletividade. O ato *consciente* de comer é um fenômeno alexandrino; o bárbaro se *alimenta*. O ecletismo intelectual e religioso, o engenho sensual, o esteticismo e a obsessão hábil da boa mesa são os sinais diferentes de uma mesma forma de espírito. Quando Gabius Apicius peregrinava pelas costas da África para buscar lagostas, sem estabelecer-se em parte alguma porque não as encontrava a seu gosto, era contemporâneo das almas inquietas que adoravam uma multidão de deuses estrangeiros sem encontrar satisfação nem repouso. *Sensações raras, deidades diversas*, frutos paralelos de uma mesma secura, de uma mesma curiosidade sem força interior. O cristianismo apareceu: *um só Deus* — e o *jejum*. E a era do trivial e do sublime começou...

Um povo está prestes a morrer quando já não tem força para inventar outros deuses, outros mitos, outros absurdos; seus ídolos empalidecem e desaparecem; busca outros, em outra parte, e sente-se só ante monstros desconhecidos. Também isto é a decadência. Mas se um desses monstros o vence, outro mundo se põe em movimento, rude, obscuro, intolerante até que esgota seu deus e se liberta dele; pois o homem só é livre — e estéril — nos intervalos em que os deuses morrem; escravo — e criador — quando, tiranos, prosperam.

Meditar as sensações — *saber* que se come — é uma tomada de consciência graças à qual um ato elementar ultrapassa seu objetivo imediato. Ao lado do nojo intelectual desenvolve-se outro, mais profundo e mais perigoso: proveniente das vísceras, desemboca na forma mais grave de niilismo, o niilismo da repleção. As considerações mais amargas não poderiam comparar-se, em seus efeitos, à visão que se segue a um festim opulento. Toda refeição que ultrapassa em duração os escassos minutos e, em iguarias, o necessário, desagrega nossas certezas. O abuso culinário e a saciedade destruíram o Império mais implacavelmente do que o fizeram as seitas orientais e as doutrinas gregas mal assimiladas. Só se experimenta um autêntico arrepio de ceticismo em torno de uma mesa copiosa. O "Reino dos Céus" devia oferecer-se como uma tentação depois de tantos excessos ou como uma surpresa deliciosamente perversa na monotonia da digestão. A fome busca na religião uma via de salvação; a saciedade, um veneno. "Salvar-se" por meio dos vírus e, na indistinção das orações e dos vícios, fugir do mundo e chafurdar-se nele pelo mesmo ato... esta é sem dúvida a suma das amarguras do alexandrinismo.

Há uma *plenitude de diminuição* em toda civilização demasiado madura. Os instintos tornam-se flexíveis; os prazeres se dilatam e não correspondem mais à sua função biológica; o prazer torna-se um fim em si, seu prolongamento uma arte, a escamoteação do orgasmo uma técnica, a sexualidade uma ciência. Procedimentos e inspirações livrescas para multiplicar as vias do desejo, a imaginação torturada para diversificar os preliminares do gozo, o espírito mesmo misturado com um setor estranho à sua natureza e sobre o qual não deveria ter nenhum domínio — tantos sintomas de empobrecimento do sangue e de intelectualização mórbida da carne. O amor concebido como *ritual* torna a inteligência soberana no império da besteira. Ressentem-se disto os automatismos; entravados, perdem sua impaciência por provocar uma inconfessável contorção; os nervos tornam-se o teatro de mal-estares e arrepios clarividentes e finalmente a *sensação* prolonga-se além de sua duração bruta graças à habilidade de dois carrascos da volúpia estudada. Trata-se do *indivíduo enganando a espécie*, do sangue demasiado tíbio para aturdir ainda o espírito, é o sangue esfriado e enfraquecido pelas idéias, o *sangue racional*...

Instintos corroídos pela conversação...

Do diálogo nunca saiu nada monumental, explosivo, "grande". Se a humanidade não houvesse se comprazido em *discutir* suas próprias forças, não teria superado a visão e os modelos de Homero. Mas a dialética, estragando a espontaneidade dos reflexos e o frescor dos mitos, reduziu o herói a um modelo titubeante. Os Aquiles

de hoje devem temer mais do que um calcanhar... A vulnerabilidade, outrora parcial e sem importância, tornou-se o privilégio maldito, a essência de cada ser. A consciência penetrou em todas as partes e reside até na medula; de tal modo que o homem já não vive na existência, mas na *teoria* da existência...

Quem, lúcido, se compreenda, se explique, se justifique e domine seus atos, jamais fará um gesto memorável. A *psicologia* é o túmulo do herói. Os milhares de anos de religião e raciocínio debilitaram os músculos, a decisão e o impulso aventureiro. Como não desprezar as empresas da glória? Todo ato que não é presidido pela maldição luminosa do espírito representa uma sobrevivência da estupidez ancestral. As ideologias só foram inventadas para dar um brilho ao fundo de barbárie que se mantém através dos séculos, para cobrir as inclinações assassinas comuns a todos os homens. Hoje mata-se em nome de algo; ninguém se atreve a fazê-lo espontaneamente; de tal sorte que até os carrascos devem invocar motivos e, estando o heroísmo em desuso, quem se deixa tentar por ele, mais resolve um problema do que consome um sacrifício. A *abstração* insinuou-se na vida e na morte; os "complexos" apoderam-se de grandes e pequenos. *Da Ilíada à psicopatologia*: este é todo o caminho do homem...

Nas civilizações em retrocesso, o crepúsculo é o sinal de um nobre castigo. Que deliciosa ironia devem experimentar ao ver-se excluídos do devir, após haver fixado durante séculos as normas do poder e os critérios do gosto! Com cada uma delas, todo um mundo se extingue. Sensações do último Grego, do último Romano! Como não deixar-se cativar pelos grandes ocasos? O encanto agônico que rodeia uma civilização, depois que abordou todos os problemas e os falseou maravilhosamente, oferece mais atrativos do que a ignorância inviolada por onde começou.

Cada civilização representa uma resposta às interrogações que o universo suscita; mas o mistério permanece intacto; outras civilizações, com novas curiosidades, se aventurarão nele, igualmente em vão, pois cada uma delas é apenas *um sistema de equívocos*...

No apogeu, engendram-se os valores; no crepúsculo, gastos e derrotados, são abolidos. Fascinação da decadência, das épocas em que as verdades já não têm vida..., em que amontoam-se como esqueletos na alma pensativa e seca, no ossário dos sonhos...

Como me é caro esse filósofo de Alexandria chamado Olimpius que, ao escutar uma voz cantar a Aleluia no Serapeion, expatriou-se para sempre! Isto aconteceu por volta do final do século quarto: a sombria loucura da Cruz já lançava suas sombras sobre o Espírito.

Mais ou menos na mesma época, um gramático, Paladas, por acaso escrevia: "Nós, os gregos, já não somos senão cinzas. Nossas esperanças estão tão enterradas como as dos mortos." E isto é verdadeiro para todas as inteligências da época.

Em vão os Celso, Porfírio, Juliano o Apóstata obstinam-se em deter a invasão dessa sublimidade nebulosa que transborda das catacumbas: os apóstolos deixaram seus estigmas nas almas e multiplicaram seus estragos nas cidades. A era da grande Deformidade começa: uma histeria sem qualidade espalha-se pelo mundo. São Paulo — o agente eleitoral mais considerável de todos os tempos — fez suas excursões, infectando com suas epístolas a claridade do crepúsculo antigo. Um epiléptico triunfa sobre cinco séculos de filosofia! A Razão confiscada pelos Padres da Igreja!

E se busco a data mais mortificante para o orgulho do espírito, se percorro o inventário das intolerâncias, não encontro nada comparável a esse ano 529, no qual, por ordem de Justiniano, a escola de Atenas foi fechada. Uma vez oficialmente suprimido o direito à decadência, *crer* torna-se uma obrigação... Este é o momento mais doloroso na história da Dúvida.

Quando um povo já não tem nenhum preconceito no sangue, só lhe resta como último recurso a vontade de desagregar-se. Imitando a música, essa disciplina da dissolução, despede-se das paixões, da dissipação lírica, do sentimentalismo, da cegueira. A partir de então, já não poderá adorar sem ironia: o *sentimento das distâncias* será para sempre seu atributo.

O preconceito é uma verdade orgânica, falsa em si mesma, mas acumulada pelas gerações e transmitida: não há modo de livrar-se dela impunemente. O povo que renuncia a ela sem escrúpulos renega-se sucessivamente até que não tenha mais nada a renegar. A duração e a consistência de uma coletividade coincidem com a duração e a consistência de seus preconceitos. Os povos orientais devem sua perenidade à sua fidelidade a eles mesmos: não tendo evoluído quase nada, não se traíram; não *viveram*, no sentido em que a vida é concebida pelas civilizações de ritmo precipitado, as únicas de que se ocupa a história; pois esta disciplina das auroras e das agonias arquejantes é um romance que se pretende rigoroso e que extrai seus temas dos arquivos do sangue...

O alexandrinismo é um período de sábias negações, um estilo de inutilidade e de recusa, um passeio de erudição e sarcasmo através da confusão dos valores e das crenças. Seu espaço ideal se encontraria na interseção da Hélade e da Paris de outrora, no ponto de confluência da ágora e do salão. Uma civilização evolui da agricultura ao paradoxo. Entre estes dois extremos desenvolve-se o combate entre a barbárie e a neurose: disto resulta o equilíbrio instável das épocas criadoras. Tal combate aproxima-se de seu fim: todos os horizontes se abrem sem que nenhum possa excitar uma curiosidade simultaneamente fatigada e desperta. Cabe então ao indivíduo desenganado florescer no vazio e ao vampiro intelectual saciar-se no sangue viciado das civilizações.

Deve-se levar a História a sério ou assisti-la como espectador? Ver nela um esforço na direção de uma meta ou o jogo de uma luz que se aviva e empalidece sem necessidade nem razão? A resposta depende de nosso grau de ilusão sobre o homem, de nossa curiosidade em adivinhar a maneira como se resolverá essa mistura de valsa e de matadouro que compõe e estimula seu devir.

Há um *Weltschmerz*, um mal do século, que é apenas a doença de uma geração; há outro que resulta de toda a experiência histórica e que se impõe como única conclusão para os tempos vindouros. Trata-se do "vago na alma", da melancolia do "fim do mundo". Tudo muda de aspecto, até o sol, tudo envelhece, até a desgraça...

Incapazes da retórica, somos os românticos da decepção clara. Hoje, Werther, Manfredo, René conhecedores de sua doença, a ostentariam sem pompa. Biologia, fisiologia, psicologia — nomes grotescos que, ao suprimir a ingenuidade de nosso desespero e introduzir a análise em nossos cantos, nos fazem desprezar a declamação! Filtradas pelos *Tratados*, nossas doutas amarguras explicam nossas vergonhas e classificam nossos frenesis.

Quando a consciência chegar a inclinar-se sobre todos os nossos segredos, quando for evacuado de nossa desgraça o último vestígio de mistério, guardaremos ainda um resto de febre e de exaltação para contemplar a ruína da existência e da poesia?

Sentir o peso da história, o fardo do devir e esse abatimento sob o qual se dobra a consciência quando considera o conjunto e a inanidade dos acontecimentos passados ou possíveis... A nostalgia, em vão, invoca um impulso ignorante das lições que se depreendem

de tudo o que foi; há um cansaço, para o qual o próprio futuro é um cemitério, um cemitério virtual como tudo o que espera chegar a ser. Os séculos tornaram-se onerosos e pesam sobre cada instante. Estamos mais apodrecidos que todas as épocas, mais decompostos que todos os impérios. Nosso esgotamento interpreta a história, nossa prostração nos faz escutar os estertores das nações. Como atores cloróticos, nos preparamos para interpretar os papéis de parte supérflua no tempo castigado: o pano de boca do universo está roído pelas traças e, através de seus furos, só se vêem máscaras e fantasmas...

O erro dos que captam a decadência é querer combatê-la, enquanto seria preciso fomentá-la: ao desenvolver-se, esgota-se e permite o advento de outras formas. O verdadeiro precursor não é o que propõe um sistema quando ninguém o quer, mas o que precipita o Caos e é seu agente e turiferário. É uma vulgaridade apregoar dogmas em plena época extenuada na qual todo sonho de futuro parece delírio ou impostura. Encaminhar-se para o fim da história com uma flor na lapela: único traje apropriado no desenvolvimento do tempo. Que lástima que não haja um Juízo Final, que não tenhamos ocasião para um grande desafio! Os crentes: farsantes da eternidade; a fé: necessidade de uma *cena* intemporal... Mas nós, descrentes, morremos com nossos cenários e demasiado cansados para nos deixar enganar pelas pompas prometidas a nossos cadáveres...

Segundo Mestre Eckhart, a *divindade* precede Deus, e é sua essência, seu fundo insondável. O que encontraríamos no mais íntimo do homem que definisse sua substância por oposição à essência divina? A *neurastenia*; esta é para o homem o que a divindade é para Deus.

Vivemos em um clima de esgotamento: o ato de criar, de forjar, de fabricar é menos significativo por si mesmo que pelo vazio, pela queda que se segue a ele. Comprometido por nossos esforços sempre e inevitavelmente, o fundo divino e inesgotável situa-se fora do campo de nossos conceitos e de nossas sensações. O homem nasceu com a vocação da fadiga: quando adotou a posição vertical e diminuiu assim suas possibilidades de *apoio*, condenou-se a debilidades desconhecidas para o animal que foi. Levar sobre duas pernas tanta matéria e todas as repugnâncias ligadas a ela! As gerações acumulam a fadiga e a transmitem; nossos pais

nos legam um patrimônio de anemia, reservas de desânimo, recursos de decomposição e uma energia de morte que chega a ser mais poderosa que nossos instintos de vida. E é assim que o costume de desaparecer, apoiado por nosso capital de lassidão, nos permitirá realizar, na carne difusa, a neurastenia — nossa essência...

Não há nenhuma necessidade de crer em uma verdade para sustentá-la nem de amar uma época para justificá-la, pois todo princípio é demonstrável e todo acontecimento legítimo. O conjunto dos fenômenos — frutos do espírito ou do tempo, indiferentemente — é suscetível de ser aceitado ou negado segundo nossa disposição do momento: os argumentos, surgidos de nosso rigor ou de nosso capricho, equivalem-se em tudo. Nada é indefensável, desde a proposição mais absurda ao crime mais monstruoso. A história das idéias, como a dos fatos, desenrola-se em um clima insensato: quem poderia, de boa-fé, encontrar um árbitro que conciliasse os litígios desses gorilas anêmicos ou sanguinários? Este mundo é o lugar onde se pode afirmar tudo com igual verossimilhança: axiomas e delírios são intercambiáveis; ímpetos e desfalecimentos se confundem; elevações e baixezas participam de um mesmo movimento. Indique-me um só *caso* em defesa do qual não se pudesse encontrar nada. Os advogados do inferno não têm menos títulos de verdade que os do céu, e eu defenderia a causa do sábio e a do louco com igual fervor. O tempo corrompe tudo o que se manifesta e age: uma idéia ou um acontecimento, quando se atualizam, tomam uma forma e se degradam. Assim, da comoção da turba dos seres derivou a História e, com ela, o único desejo puro que inspirou: que se acabe de uma maneira ou de outra.

Demasiado maduros para outras auroras, e tendo compreendido demasiados séculos para desejar outros novos, só nos resta chafurdar na escória das civilizações. A marcha do tempo só seduz ainda os imberbes e os fanáticos...

Somos os grandes decrépitos, oprimidos pelos antigos sonhos, para sempre inaptos para a utopia, técnicos de fadigas, coveiros do futuro, horrorizados pelos avatares do velho Adão. A árvore da Vida não conhecerá mais primaveras: é madeira seca; com ela se farão ataúdes para nossos ossos, nossos sonhos e nossas dores. Nossa carne herdou o fedor das belas carcaças disseminadas pelos milênios. Sua glória nos fascinou e a esgotamos. No cemitério do Espírito repousam os princípios e as fórmulas: o Belo está definido e ali jaz enterrado. E também o Verdadeiro, o Bem, o Saber

e os Deuses. Ali apodrecem todos (a história: âmbito onde se decompõem as maiúsculas e, com elas, os que as imaginaram e veneraram).

Passeio. Sob esta cruz dorme seu último sono a Verdade, a seu lado, o Encanto; mais diante, o Rigor e sobre uma multidão de lajes que cobrem delírios e hipóteses ergue-se o mausoléu do Absoluto: nele jazem as falsas consolações e os cumes enganosos da alma. Mas mais alto ainda, coroando esse silêncio, o Erro paira — e detém os passos do fúnebre sofista.

Como a existência do homem é a aventura mais considerável e mais estranha que a natureza já conheceu, é inevitável que seja também a mais curta; seu fim é previsível e desejável: prolongá-la indefinidamente seria indecente. Tendo percebido os riscos de sua exceção, o animal paradoxal vai jogar ainda durante séculos e mesmo milênios sua última cartada. Devemos lamentá-lo? Evidentemente jamais igualará suas glórias passadas, pois nada indica que suas possibilidades suscitem um dia um rival de Bach ou de Shakespeare. A Decadência manifesta-se em primeiro lugar nas artes: a "civilização" sobrevive certo tempo à sua decomposição. Assim ocorrerá com o homem: continuará suas proezas, mas seus recursos espirituais se esgotarão, da mesma forma que o vigor de sua inspiração. A sede de poder e de domínio apossou-se demasiado de sua alma: quando for dono de tudo, já não o será de seu fim. Como ainda não possui todos os meios para destruir e destruir-se, não perecerá de imediato; mas é indubitável que forjará um instrumento de aniquilação total antes de descobrir uma panacéia, a qual, de resto, não parece entrar nas possibilidades da natureza. Se aniquilará enquanto criador: devemos concluir que todos os homens desaparecerão da terra? Não é preciso ver as coisas cor-de-rosa. Uma boa parte, os sobreviventes, continuarão se arrastando, raça de sub-homens, exploradores do apocalipse...

Não está nas mãos do homem evitar perder-se. Seu instinto de conquista e de análise aumenta seu império para em seguida destruir o que encontra; o que acrescenta à vida volta-se contra ela. Escravo de suas criações, é — enquanto criador — um agente do Mal. Isto é tão certo aplicado a um remendão como a um sábio, e — em um plano absoluto — ao menor inseto e a Deus. A humanidade poderia ter permanecido na estagnação e prolongado sua duração se fosse composta apenas por brutos e céticos; mas, sequiosa de eficácia, promoveu essa multidão ofegante e positiva,

condenada à ruína por excesso de trabalho e curiosidade. Ávida de seu próprio pó, preparou seu fim e o prepara todos os dias. Assim, mais próxima de seu desenlace que de seu começo, só reserva a seus filhos o ardor desiludido ante o apocalipse...

A imaginação concebe facilmente um porvir em que os homens gritarão em coro: "Somos os últimos: cansados do futuro, e ainda mais de nós mesmos, extraímos o sumo da terra e despojamos os céus. Nem a matéria nem o espírito podem continuar alimentando nossos sonhos: este universo está tão seco como nossos corações. Já não há substância em parte alguma: nossos ancestrais nos legaram sua alma em farrapos e sua medula carcomida. A aventura chega ao seu fim; a consciência expira; nossos cantos se desvaneceram; eis que brilha o sol dos moribundos!"

Se, por acaso ou por milagre, as palavras se volatilizassem, mergulharíamos em uma angústia e em um embotamento intoleráveis. Tal mutismo nos exporia ao mais cruel suplício. É o uso do conceito que nos torna donos de nossos temores. Dizemos: a Morte, e esta abstração nos exime de experimentar sua infinitude e seu horror. Batizando as coisas e os acontecimentos eludimos o Inexplicável: a atividade do espírito é uma trapaça salutar, um exercício de escamoteação; permite-nos circular por uma realidade suavizada, confortável e inexata. Aprender a manejar os conceitos — desaprender a olhar as coisas... A reflexão nasceu em um dia de fuga; dela resultou a pompa verbal. Mas quando se volta a si mesmo e se está só — *sem a companhia das palavras* —, redescobre-se o universo inqualificado, o objeto puro, o acontecimento nu: de onde extrair a audácia para enfrentá-los? Já não se especula sobre a morte, se *é* a morte; em vez de adornar a vida e atribuir-lhe fins, arrancamos seus ornamentos e reduzimo-la a sua justa significação: *um eufemismo para o Mal*. As grandes palavras: destino, infortúnio, desgraça, despojam-se de seu brilho; e é então que se percebe a criatura brigando com órgãos enfraquecidos, vencida por uma matéria prostrada e atônita. Retire do homem a mentira da Desgraça, dê-lhe o poder de olhar por debaixo desse vocábulo: não poderá suportar um só instante *sua* desgraça. É a abstração, as sonoridades sem conteúdo, dilapidadas e empoladas, que o impediram de desaparecer, e não as religiões e os instintos.

Quando Adão foi expulso do Paraíso, em vez de insultar seu perseguidor, apressou-se em batizar as coisas: era a única maneira de acomodar-se com elas e de esquecê-las; foram assentadas as

bases do idealismo. E o que foi apenas um gesto, uma reação de defesa no primeiro balbuciador, tornou-se teoria em Platão, Kant e Hegel.

Para não nos determos demais em nosso acidente, convertemos em entidade até nosso nome: como morrer quando nos chamamos Pedro ou Paulo? Cada um de nós, mais atento à aparência imutável de seu nome que à fragilidade de seu ser, entrega-se a uma ilusão de imortalidade; uma vez desvanecida a articulação, ficaríamos totalmente sós; o místico que adota o silêncio renunciou à sua condição de criatura. Imaginemo-lo, além disso, sem fé — místico niilista — e temos o coroamento desastroso da aventura terrestre.

... É muito natural pensar que o homem, cansado das palavras, ao cabo da repetição fastidiosa do tempo, desbatizará as coisas e queimará seus nomes e o seu em um grande auto-de-fé onde sumirão suas esperanças. Todos nós corremos na direção desse modelo final, na direção do homem mudo e desnudo...

Experimento a idade da Vida, sua velhice, sua decrepitude. Desde épocas incalculáveis, transcorre sobre a superfície do globo graças ao milagre dessa falsa imortalidade que é a inércia; demora-se ainda nos reumatismos do Tempo, nesse tempo mais velho do que ela, extenuado em seu delírio senil, no fastio repetitivo de seus instantes, de sua duração caduca.

E sinto todo o peso da espécie e assumo toda a sua solidão. Oxalá desaparecesse! — mas sua agonia prolonga-se em uma eternidade de podridão. Proporciono a cada instante a opção de destruir-me: não envergonhar-se de respirar é uma canalhice. Nem pacto com a vida, nem pacto com a morte: havendo desaprendido a ser, consinto em apagar-me. O Devir, que crime enorme!

Exaurido por todos os pulmões, o ar já não se renova. Cada dia vomita sua manhã e em vão esforço-me para imaginar o rosto de um só desejo. Tudo me é pesado: extenuado como uma besta de carga à qual se tivesse atrelado a Matéria, arrasto os planetas.

Que me ofereçam outro universo, ou sucumbo.

Só amo a irrupção e a ruína das coisas, o fogo que as suscita e o que as devora. A duração do mundo me exaspera; seu nascimento e seu desvanecimento me encantam. Viver sob a fascinação do sol virginal e do sol decrépito; saltar as pulsações do tempo para captar a original e a última..., sonhar com a improvisação dos astros e com sua decantação; desdenhar a rotina de

ser e precipitar-se nos dois abismos que a ameaçam: esgotar-se no início e no término dos instantes...

... Assim se descobre dentro de si o Selvagem e o Decadente, coabitação predestinada e contraditória: dois personagens que sofrem a mesma atração da *passagem*, um do nada para o mundo, o outro do mundo para o nada: é a necessidade de uma dupla convulsão, em *escala metafísica*. Tal necessidade traduz-se, na escala da história, na obsessão de Adão que o Paraíso expulsou, e daquele que a Terra expulsará: os dois extremos da *impossibilidade* do homem.

Pelo que há de "profundo" em nós, estamos expostos a todos os males: não há salvação enquanto conservemos a conformidade com nosso ser. *Algo* deve desaparecer de nossa composição e uma fonte nefasta deve secar; só há uma saída: *abolir a alma*, suas aspirações e seus abismos; ela envenenou nossos sonhos; é preciso extirpá-la, como também sua necessidade de "profundidade", sua fecundidade "interior", e suas demais aberrações. O *espírito* e a *sensação* nos bastarão; de seu concurso nascerá uma *disciplina da esterilidade* que nos preservará dos entusiasmos e das angústias. Que nenhum "sentimento" torne a preocupar-nos, e que a "alma" se transforme na velharia mais ridícula...

A SANTIDADE E AS CARETAS DO ABSOLUTO

"Sim, na verdade, parece-me que os demônios jogam bola com a minha alma..."

TERESA DE ÁVILA

A NEGATIVA DE PROCRIAR

Aquele que, havendo gasto seus apetites, aproxima-se de uma forma limite de desapego, já não quer perpetuar-se; detesta sobreviver em outro, ao qual de resto não teria mais nada a transmitir; a *espécie* o apavora; é um monstro e os monstros não engendram. O "amor" o cativa ainda: aberração entre seus pensamentos. Busca um pretexto para retornar à condição comum; mas o *filho* lhe parece inconcebível, como a família, a hereditariedade, as leis da natureza. Sem profissão nem progenitura, cumpre — última hipóstase — seu próprio acabamento. Mas por afastado que esteja da fecundidade, um monstro mais audacioso o supera: o santo, exemplar ao mesmo tempo fascinante e repulsivo, em relação ao qual sempre se está a meio caminho e em uma posição falsa; a sua, pelo menos, é clara: já não há jogo possível, nem diletantismo. Alçado aos cumes dourados de suas repugnâncias, às antípodas da Criação, faz de seu nada uma auréola. A natureza jamais conheceu tamanha calamidade: do ponto de vista da perpetuação, marca um fim absoluto, um desenlace radical. Entristecer-se, como Léon Bloy, porque não somos santos é desejar o desaparecimento da humanidade... *em nome da fé*! Como parece positivo, ao contrário, o diabo, já que, obrigando-nos a fixar-nos em nossas imperfeições, trabalha — involuntariamente, e traindo sua essência — para conservar-nos! Destrua os pecados: a vida murcha bruscamente. As loucuras da procriação desaparecerão um dia, mais por cansaço do que por santidade. O homem se esgotará menos por haver buscado a perfeição do que por haver-se dissipado; parecerá então um *santo vazio* e estará tão distante da fecundidade da natureza como o está esse modelo de acabamento e de esterilidade.

O homem só engendra se permanece fiel ao destino geral. Se se aproxima da essência do demônio ou do anjo, torna-se estéril ou procria abortos. Para Raskolnikov, para Ivan Karamazov ou Stavroguin o amor é apenas um pretexto para acelerar sua perdição; e mesmo tal pretexto desvanece-se para Kirilov: já não se mede com os homens, mas com Deus. Quanto ao Idiota ou a Aliocha, o fato de que um imite Jesus e o outro os anjos coloca-os de saída entre os impotentes...

Mas, arrancar-se da cadeia dos seres e recusar a idéia de ascendência ou de posteridade não é, contudo, rivalizar com o santo, cujo orgulho excede toda dimensão terrestre. Na realidade, sob a decisão pela qual se renuncia a tudo, sob a incomensurável façanha desta humildade, oculta-se uma efervescência demoníaca: o ponto inicial, o botão de partida da santidade toma a forma de um desafio lançado ao gênero humano; depois, o santo sobe a escada da perfeição, começa a falar de amor, de Deus, volta-se para os humildes, intriga as massas — e nos irrita. Mas não deixa de nos haver lançado um desafio...

O ódio à "espécie" e a seu "gênio" os aparenta aos assassinos, aos dementes, às divindades, e a todos os grandes estéreis. A partir de um certo grau de solidão, seria preciso deixar de amar e de cometer a fascinante desonra da cópula. Quem quer perpetuar-se a todo custo mal se distingue do cão: ainda é *natureza*; não compreenderá jamais que se possa sofrer o império dos instintos e rebelar-se contra eles, gozar das vantagens da espécie e desprezá-las: um fim de raça — *com apetites*. Este é o conflito de quem adora e abomina a mulher, extremamente indeciso entre a atracão e o nojo que ela inspira. Por isso — não conseguindo renegar totalmente a espécie — resolve esse conflito sonhando, sobre os seios, com o deserto e mesclando um perfume claustral ao odor de suores demasiado concretos. As *insinceridades da carne* o aproximam dos santos...

Solidão do ódio... Sensação de um deus voltado para a destruição, pisoteando as esferas, babando sobre o céu e sobre as constelações..., de um deus frenético, sujo e malsão; um demiurgo ejaculando, através do espaço, paraísos e latrinas: cosmogonia de *delirium tremens*; apoteose convulsiva em que o fel coroa os elementos... As criaturas se lançam na direção de um arquétipo de fealdade e suspiram por um ideal de deformidade... Universo da careta, júbilo da toupeira, da hiena e do piolho... Nenhum horizonte mais, salvo para os monstros e para os vermes. Tudo se encaminha para o repulsivo e para o gangrenoso: este globo que supura enquanto que os viventes mostram suas feridas sob os raios do cancro luminoso.

O ESTETA HAGIÓGRAFO

Não é um sinal de bênção haver estado obcecado pela existência dos santos. Mistura-se a esta obsessão um gosto pelas enfermidades e uma avidez de depravações. Só nos inquietamos pela santidade se tivermos sido decepcionados pelos paradoxos *terrestres*; busca-se então outros, de teor mais estranho, impregnados de perfumes e de verdades desconhecidos; confia-se em loucuras inencontráveis nos estremecimentos quotidianos, loucuras grávidas de um exotismo celeste; topa-se assim com os santos, com seus gestos, com sua temeridade, com seu universo. Insólito espetáculo! Permite-se permanecer debruçado sobre ele toda a vida, examiná-lo com voluptuosa devoção, afastar-se de outras tentações porque enfim encontrou-se a verdadeira e inaudita. Eis o esteta transformado em Hagiógrafo, dedicado a uma peregrinação erudita... Entrega-se a ela sem suspeitar que é apenas um passeio e que neste mundo tudo decepciona, até a santidade...

O DISCÍPULO DAS SANTAS

Houve um tempo em que somente pronunciar o *nome* de uma santa enchia-me de delícias, em que invejava os cronistas dos conventos, íntimos de tantas histerias inefáveis, de tantas iluminações e de tantas palidezes. Julgava que ser *secretário* de uma santa constituía a mais alta carreira reservada a um mortal. E imaginar o papel de confessor junto às bem-aventuradas ardentes e todos os detalhes, todos os segredos que um Pedro de Alvastra nos ocultou sobre Santa Brígida, Henri de Halle sobre Mechtilda de Magdeburg, Raymond de Capoue sobre Catarina de Siena, o irmão Ar-

noldo sobre Angela de Foligno, Jean de Marienwerder sobre Dorotéia de Montau, Brentano sobre Catarina Emmerich... Parecia-me que uma Diodata degli Ademari ou uma Diana d'Andolo elevaram-se ao céu apenas pelo prestígio de seu nome: elas me davam o gosto *sensual* de outro mundo.

Quando recapitulava as provações de Rosa de Lima, de Lydwina de Schiedam, de Catarina de Ricci e de tantas outras, pensava em seu refinamento de crueldade para com elas mesmas, em seus suplícios de carrascos de si mesmas, e nesse espezinhamento voluntário de seus encantos e de suas graças — odiava o parasita de seus tormentos, o Noivo sem escrúpulos, insaciável e celeste Don Juan, que tinha em seu coração o direito de primeiro ocupante. Farto dos suspiros e suores do amor terrestre, voltava-me para elas, ainda que fosse apenas por sua busca de outro modo de amar. "Se uma simples gota do que sinto", dizia Catarina de Gênova, "caísse no Inferno, o transformaria imediatamente em Paraíso." Eu esperava essa gota que, se houvesse caído, teria me alcançado no fim de sua queda...

Repetindo-me as exclamações de Teresa de Ávila, a via gritar aos seis anos: "Eternidade, eternidade", depois seguia a evolução de seus delírios, de seus ardores, de suas securas. Nada mais cativante do que as revelações *privadas*, que desconcertam os dogmas e comprometem a Igreja... Teria gostado de guardar o diário dessas confissões equívocas, deleitar-me com todas essas nostalgias suspeitas... Não é em uma cama que se alcança o cume da voluptuosidade: como encontrar no êxtase sublunar o que as santas nos deixam pressentir em seus arroubos? Foi Bernini quem nos fez conhecer a qualidade de seus segredos na estátua de Roma, em que a santa espanhola nos incita a muitas considerações sobre a ambigüidade de seus desfalecimentos.

Quando torno a pensar a quem devo haver suspeitado o extremo da paixão, os estremecimentos mais turvos como os mais puros, e essa espécie de desvanecimento em que as noites se incendeiam, onde tanto o menor fiapo de relva como os astros fundem-se em uma voz de gozo e crispação — infinito instantâneo, incandescente e sonoro, tal como o conceberia um deus feliz e demente —, quando torno a pensar em tudo isto, só um nome me obseda: Teresa de Ávila, e as palavras de uma de suas revelações que eu me repetia diariamente: "Não deves falar com os homens, mas com os anjos."

Vivi anos à sombra das santas, duvidando que um poeta, um sábio ou um louco pudesse igualá-las algum dia. Gastei em meu fervor por elas toda a potência de adorar, a vitalidade nos desejos, o ardor nos sonhos de que era capaz. E depois... deixei de amá-las.

SABEDORIA E SANTIDADE

De todos os grandes enfermos, são os santos os que melhor sabem tirar partido de seus males. Naturezas voluntariosas, desenfreadas, exploram seu próprio desequilíbrio com habilidade e violência. O Salvador, seu modelo, foi um exemplo de ambição e de audácia, um conquistador sem rival: sua força de insinuação, seu poder de identificar-se com as insuficiências e as taras da alma permitiram-lhe estabelecer um reino como nenhuma espada jamais sonhou. Apaixonado com *método*: é esta habilidade que imitaram os que o tomaram por ideal.

Mas o sábio, desdenhoso do drama e do fausto, sente-se tão distante do santo como do pândego, ignora o novelesco e compõe um equilíbrio de desilusão e desinteresse. Pascal é um santo *sem temperamento*: a doença fez dele um pouco mais que um sábio, um pouco menos que um santo. Isto explica suas oscilações e a sombra cética que acompanha seus fervores. Uma *alma bela* no Incurável...

Do ponto de vista do sábio, não pode haver ser mais impuro que o santo; do ponto de vista deste último, não há ser mais vazio que o sábio. Aí está toda a diferença entre o homem que compreende e o homem que aspira.

A MULHER E O ABSOLUTO

"Enquanto Nosso Senhor me falava, e eu contemplava sua maravilhosa beleza, notava a doçura e às vezes a severidade com a qual sua boca tão bela e divina proferia as palavras. Eu tinha um extre-

mo desejo de saber qual era a cor de seus olhos e as proporções de sua estatura, a fim de poder contá-lo: mas nunca mereci ter tal conhecimento. Todo esforço para isso é inteiramente inútil." (Santa Teresa)

A cor de seus olhos... Impurezas da santidade feminina! Manter até no céu a indiscrição de seu sexo, isto pode consolar e compensar a todos os que — e mais ainda, as que — permaneceram aquém da aventura divina. O primeiro homem, a primeira mulher: eis o fundo permanente da Queda, que nada, nem o gênio nem a santidade, resgatará jamais. Alguma vez se viu um só homem *novo*, totalmente superior à sua condição? Para o próprio Jesus, a Transfiguração só significou talvez um acontecimento fugaz, uma etapa sem relevância...

Entre Santa Teresa e as outras mulheres só haveria então uma diferença na capacidade de delirar, uma questão de intensidade e direção dos *caprichos*. O amor — humano ou divino — nivela os seres: amar uma prostituta ou amar a Deus pressupõe o *mesmo* movimento: nos dois casos, segue-se um impulso de *criatura*. Só o *objeto* muda; mas que interesse apresenta este, já que é apenas um pretexto da necessidade de adorar, e que Deus é somente um exutório entre tantos outros?

ESPANHA

Cada povo traduz no devir e à sua maneira os atributos divinos; o ardor da Espanha permanece, no entanto, único; se tivesse sido repartido pelo resto do mundo, Deus estaria esgotado, desprovido e vazio d'Ele mesmo. E é para não desaparecer que faz prosperar em *seus* países — por autodefesa — o ateísmo. Temendo os ardores que inspirou, reage contra seus filhos, contra seu frenesi que o diminui; seu amor abala o Seu poder e a Sua autoridade; só a descrença o deixa intacto; não são as dúvidas que o deterioram, mas a fé. Há séculos a Igreja banaliza seus prestígios e, tornando-o acessível, prepara-lhe, graças à teologia, uma morte sem enigmas, uma agonia comentada, esclarecida: se está oprimido sob as orações, como não o estaria sob as explicações? Teme a Espanha como teme a Rússia: em ambos os lugares multiplica os ateus. Seus ataques, ao menos, lhe permitem guardar ainda a ilusão da onipotência: sempre é um atributo de salvação! Mas, os crentes! Dostoievski, El Greco: há inimigos mais febris? Como não preferiria Baudelaire a João da Cruz? Teme os que o vêem e aqueles através dos quais Ele vê.

Toda santidade é mais ou menos espanhola: se Deus fosse ciclope, a Espanha lhe serviria de olho.

HISTERIA DA ETERNIDADE

Concebo que se possa ter gosto pela cruz, mas reproduzir todos os dias o acontecimento batido do Calvário, tem algo de maravilhoso, de insensato e de estúpido. Pois, afinal de contas, se se abusa dos prestígios do Salvador, Ele se torna tão fastidioso como qualquer outro.

Os santos foram grandes perversos, como as santas magníficas voluptuosas. Ambos — loucos de uma só idéia — transformaram a cruz em vício. A "profundidade" é a dimensão dos que não podem variar seus pensamentos e seus apetites, e que exploram uma mesma região do prazer e da dor.

Atentos à flutuação dos instantes, não podemos admitir um acontecimento absoluto: Jesus não seria capaz de dividir a história em duas partes, nem a irrupção da cruz de romper o curso imparcial do tempo. O pensamento religioso — forma de pensamento obsessivo — subtrai do conjunto dos acontecimentos uma porção temporal e a reveste com todos os atributos do incondicionado. É assim que os deuses e seus filhos foram possíveis...

A vida é o lugar de minhas paixões: tudo o que arranco da indiferença, restituo-lhe quase imediatamente. Não é esse o procedimento dos santos: *escolhem* de uma vez por todas. Vivo para desprender-me de tudo o que amo; eles, para embevecer-se com um só objeto; eu saboreio a eternidade, eles se abismam nela.

As maravilhas da terra — e, com mais razão, as do céu — resultam de uma histeria duradoura. A santidade: sismo do coração, aniquilação por excesso de crença, expressão culminante da sensibilidade fanática, deformidade transcendente... Entre um iluminado e um simples de espírito, há mais correspondência do que entre o primeiro e um cético. Tal é a distância que separa a fé do conhecimento sem esperança, da existência *sem resultado*.

ETAPAS DO ORGULHO

Às vezes nos acontece, ao freqüentar a loucura dos santos, de esquecer nossos limites, cadeias, fardos e gritar: "Sou a alma do mundo; acendo o universo com minhas chamas. Não haverá mais noite: preparei a festa eterna dos astros; o sol é supérfluo: tudo brilha, e as pedras são mais leves que as asas dos anjos."

E depois, entre o frenesi e o recolhimento: "Se não sou essa Alma, ao menos aspiro a sê-lo. Não dei meu nome a todos os objetos? Tudo me proclama, desde os muladares até as abóbadas: não sou o silêncio e o estrondo das coisas?"

E, depois, passada a embriaguez: "Sou a tumba das centelhas, a irrisão do verme, um êmulo carnavalesco dos céus, um ex-Nada e sem sequer o privilégio de haver apodrecido alguma vez. A que perfeição de abismo cheguei, que já não me resta espaço para decair mais?"

CÉU E HIGIENE

A santidade: fruto supremo da enfermidade; quando se está saudável, parece monstruosa, ininteligível e malsã ao mais alto grau. Mas basta que esse hamletismo automático chamado Neurose reclame seus direitos para que os céus tomem forma e constituam a moldura da inquietude. Defende-se da santidade se tratando: ela

provém de uma sujeira particular do corpo e da alma. Se o cristianismo tivesse proposto, em lugar do Inverificável, a higiene, em vão buscaríamos, em sua história, um só santo; mas cultivou nossas chagas e nossa imundície, uma imundície intrínseca, fosforescente...

A saúde: arma decisiva contra a religião. Invente o elixir universal: o céu desaparecerá para nunca mais voltar. É inútil seduzir o homem com outros ideais: sempre serão mais fracos que as doenças. Deus é nossa ferrugem, a deterioração insensível de nossa substância: quando penetra em nós, pensamos elevar-nos mas decaímos cada vez mais; chegados a nosso término, coroa nossa decadência e eis-nos "salvos" para sempre. Superstição sinistra, câncer coberto de auréolas que corrói a terra há milênios...

Odeio todos os deuses; não estou suficientemente saudável para desprezá-los. É a grande humilhação do Indiferente.

SOBRE CERTAS SOLIDÕES

Há corações que Deus não poderia contemplar sem perder sua inocência. A tristeza começou aquém da criação: se o Criador houvesse penetrado antes no mundo teria comprometido seu equilíbrio. Quem crê que ainda pode morrer não conheceu certas solidões, nem o *inevitável* da imortalidade percebida em certas angústias...

A sorte dos modernos é haver localizado o inferno em nós: se tivéssemos conservado sua figura antiga, o medo, sustentado por dois mil anos de ameaças, nos teria petrificado. Não há pavores que não estejam transpostos para o subjetivo: a *psicologia* é nossa salvação, nosso subterfúgio. Antigamente, pensou-se que este mundo havia surgido de um bocejo do diabo; hoje, só é erro dos sentidos, preconceito do espírito, vício do sentimento. Sabemos a que nos ater ante a visão do Juízo Final de Santa Hildegarda ou ante a do inferno de Santa Teresa: o sublime — seja o do horror ou o da elevação — está classificado em qualquer tratado de doenças mentais. E embora nossos males nos sejam conhecidos, nem por isso estamos livres de visões, mas já não cremos nelas. Versados na química dos mistérios, *explicamos* tudo, até nossas lágrimas. Algo permanece, porém, inexplicável: se a alma é tão pouca coisa, de onde

vem nosso sentimento da solidão? Que espaço ocupa? E como substitui, subitamente, a imensa realidade desvanecida?

OSCILAÇÃO

Buscas em vão teu modelo entre os seres: dos que foram mais longe que tu, só aproveitaste o aspecto comprometedor e nocivo: do sábio, a preguiça; do santo, a incoerência; do esteta, a aspereza; do poeta, a falta de vergonha — e de todos, o desacordo consigo mesmo, o equívoco nas coisas cotidianas e o ódio do que vive só por viver. Puro, tens nostalgia da torpeza; sórdido, do pudor; sonhador, da brutalidade. Nunca serás mais do que o que não és, e a tristeza de ser o que és. Que contrastes impregnaram tua substância e que gênio mestiço presidiu o teu confinamento no mundo? A obstinação em diminuir-te te fez adotar o apetite de queda dos outros: de tal músico, tal enfermidade; de tal profeta, tal tara; das mulheres — poetisas, libertinas ou santas —, sua melancolia, sua seiva alterada, sua corrupção de carne e de sonho. A amargura, princípio de tua determinação, teu modo de agir e de compreender, é o único ponto fixo em tua oscilação entre o nojo do mundo e a piedade por ti mesmo.

AMEAÇA DE SANTIDADE

Não podendo viver senão aquém ou além da vida, o homem está exposto a duas tentações: a imbecilidade e a santidade: sub-homem ou super-homem, mas jamais *ele mesmo*. Mas se não sente medo de ser *menos* do que é, a perspectiva de ser *mais* o aterroriza. Engajado na dor, teme seu desenlace: como aceitaria precipitar-se nesse abismo de perfeição que é a santidade, e nele perder seu próprio controle? Resvalar para a imbecilidade ou para a santidade, é deixar-se arrastar *para fora* de si. No entanto, não se teme a perda de consciência que implica a aproximação da idiotia, enquanto que a perspectiva da perfeição é inseparável da vertigem. Graças à imperfeição somos superiores a Deus; é o temor de perdê-la que nos faz fugir da santidade! O terror de um porvir no qual não estaríamos mais desesperados..., onde, ao cabo de nossos desastres, apareceria outro, não desejado: o da salvação; o terror de se tornar santos...

Quem adora suas imperfeições inquieta-se com uma transfiguração que seus sofrimentos *poderiam* provocar. Desaparecer em uma luz transcendente... Mais vale encaminhar-se para o absoluto das trevas, para as doçuras da imbecilidade...

A CRUZ INCLINADA

Miscelânea sublime, o cristianismo é demasiado profundo — e sobretudo demasiado impuro — para continuar durando: está com os séculos contados. Jesus torna-se cada dia mais insosso; tanto seus preceitos como sua mansidão irritam; seus milagres e sua divindade provocam sorrisos. A Cruz se inclina: de símbolo, volta a ser matéria..., e entra de novo na ordem da decomposição na qual perecem sem exceção as coisas indignas ou honoráveis. Dois milênios de êxito! Resignação fabulosa por parte do mais inconstante animal... Mas nossa paciência tem um limite. A idéia de que pude — como todo o mundo — ser sinceramente cristão, ainda que por um segundo, lança-me na perplexidade. O Salvador me aborrece. Sonho com um universo isento de intoxicações celestes, com um universo sem cruz nem fé.

Como não prever o momento em que não haverá mais religião, em que o homem, claro e vazio, não disporá mais de nenhuma palavra para designar seus abismos? O Desconhecido será tão insípido como o conhecido; tudo carecerá de interesse e de sabor. Sobre as ruínas do Conhecimento, uma letargia sepulcral fará de todos nós espectros, heróis lunares da Indiferença...

TEOLOGIA

Estou de bom humor: Deus é bom; estou melancólico: é mau; indiferente: é neutro. Meus estados lhe conferem atributos correspon-

dentes: quando gosto do saber, é onisciente, e quando adoro a força, é todo-poderoso. Parece-me que as coisas existem? Ele existe; parecem-me ilusórias? Ele se evapora. Mil argumentos o apóiam, mil o destroem; se meus entusiasmos o animam, meus maus humores o sufocam. Não saberíamos formar imagem mais mutável: o tememos como a um monstro e o esmagamos como a um inseto; se o idolatramos, é o Ser; se o repudiamos, é o Nada. A oração, ainda que pudesse suplantar a gravitação, não conseguiria nunca assegurar-lhe uma duração universal: sempre permaneceria à mercê de nossas horas. Seu destino quis que só permanecesse imutável aos olhos dos ingênuos ou dos ignorantes. Um exame o revela: causa inútil, absoluto sem-sentido, modelo dos bobos, passatempo de solitários, ouropel ou fantasma conforme divirta nosso espírito ou freqüente nossas febres.

Se sou generoso, enche-se de atributos; amargo, peso de tanta ausência. Vivi-o sob todas as suas formas: não *resiste* nem à curiosidade nem à investigação: seu mistério, seu infinito, se degrada; seu brilho se obscurece; seus prestígios diminuem. É uma roupa surrada que é preciso jogar fora: como continuar se vestindo com um deus em farrapos? Sua miséria, sua agonia, prolonga-se através dos séculos; mas não sobreviverá a nós, pois já envelhece: seus estertores precederão os nossos. Esgotados seus atributos, ninguém terá mais energia para forjar-lhe outros novos; e a criatura que os assumiu, e depois os rejeitou, irá reunir-se no nada com sua mais alta invenção: seu criador.

O ANIMAL METAFÍSICO

Se se pudesse apagar tudo o que a Neurose inscreveu no espírito e no coração, todas as marcas malsãs que deixou neles, todas as sombras impuras que a acompanham! O que não é superficial, é sujo. Deus: fruto da inquietude de nossas entranhas e dos borborigmos de nossas idéias... Só a aspiração ao Vazio nos preserva desse exercício aviltante que é o ato de crer. Que limpidez na Arte da aparência, na indiferença a nossos fins e a nossos desastres! Pensar em Deus, tender a Ele, invocá-lo ou suportá-lo — movimentos de um corpo avariado e de um espírito confuso! As épocas nobremente

superficiais — o Renascimento, o século XVIII — zombaram da religião, desprezando seus jogos rudimentares. Mas, ai de mim!, existe em nós uma tristeza de ralé que obscurece nossos fervores e nossos conceitos. Em vão sonhamos com um universo de ornato; Deus, surgido de nossas profundezas, de nossa gangrena, profana tal sonho de beleza.

Somos animais metafísicos pela podridão que abrigamos dentro de nós. História do pensamento: desfile de nossos desfalecimentos; vida do Espírito: sucessão de nossas vertigens. Nossa saúde declina? O universo paga por isso, e sofre a queda de nossa vitalidade.

Repisar o "porquê" e o "como"; remontar a todo instante até a causa — e a todas as causas — denota uma desordem das funções e das faculdades, que acaba em "delírio metafísico", caducidade do abismo, degringolada da angústia, última fealdade dos mistérios...

GÊNESE DA TRISTEZA

Não há insatisfação profunda que não seja de natureza religiosa: nossos fracassos provêm de nossa incapacidade para conceber o Paraíso e aspirar a ele, como nossos mal-estares da fragilidade de nossas relações com o absoluto. "Sou um animal religioso incompleto, padeço duplamente todos os males" — adágio da Queda, que o homem se repete para consolar-se. Ao não consegui-lo, recorre à moral, decide seguir, expondo-se ao ridículo, seu conselho edificante. "*Resolve-te* a não estar mais triste", lhe responde esta. E ele se esforça por entrar no universo do Bem e da Esperança... Mas seus esforços são ineficazes e *antinaturais*: a tristeza remonta à raiz de nossa perdição..., a tristeza é a poesia do pecado original...

DIVAGAÇÕES EM UM CONVENTO

Não há para o descrente, amante da dissipação e da dispersão, espetáculo mais desconcertante que o destes ruminantes do abso-

luto... De onde extraem tanta obstinação no inverificável, tanta atenção para o indefinido e tanto ardor para apreendê-lo? Não concebo nada de suas certezas nem de sua serenidade. São felizes e os censuro por isso. Se pelo menos se odiassem!, mas apreciam sua "alma" mais do que o universo; esta falsa avaliação é a fonte de sacrifícios e renúncias de um absurdo imponente. Enquanto nós fazemos experiências sem continuidade nem sistema, levados pelo acaso e por nossos humores, eles só fazem uma, sempre a mesma, de uma monotonia e de uma profundidade que repugnam. É verdade que seu objeto é Deus; mas que interesse podem ter Nele ainda? Sempre igual a Si mesmo, infinito de igual natureza, não se *renova* nunca; eu poderia refletir sobre Ele de passagem, mas ocupar as horas assim!

... Ainda não amanheceu. De minha cela ouço vozes, e os estribilhos seculares, oferendas a um céu latino e banal. Antes, à noite, passos precipitaram-se para a igreja. As matinas! E, no entanto, mesmo que Deus em pessoa assistisse à sua própria celebração, eu não desceria com um frio desses! Mas, em todo caso, Ele *deve* existir, porque se não estes sacrifícios de criaturas de carne e osso, sacudindo sua preguiça para adorá-lo, seriam de tal insanidade que a razão não poderia suportar seu pensamento. As provas da teologia são fúteis comparadas a estes excessos que deixam perplexo o descrente, e o obrigam a atribuir um sentido e uma utilidade a tantos esforços. A menos que se resigne a uma perspectiva estética sobre estas insônias voluntárias e que veja na vaidade destas vigílias a mais gigantesca aventura, empreendida em busca de uma Beleza de sem-sentido e pavor... O esplendor de uma oração que não se dirige a ninguém! Mas *algo* deve existir; quando o provável transmuta-se em certeza, a felicidade já não é uma simples palavra, tanto é que a única resposta ao nada encontra-se na ilusão. Esta ilusão, chamada, no plano absoluto, *graça* — como a adquiriram? Por qual privilégio foram induzidos a esperar o que nenhuma esperança do mundo nos deixa entrever? Com que direito instalaram-se na eternidade que tudo nos recusa? Estes proprietários — os únicos *verdadeiros* que jamais encontrei —, por meio de qual subterfúgio usurparam o mistério para desfrutar dele? Deus lhes pertence: seria vão tentar subtraí-lo deles: nem eles mesmos sabem o *procedimento* graças ao qual se apoderaram dele. *Um belo dia*, creram. Um converteu-se por uma simples chamada: acreditava sem ser consciente disso: quando o foi, tomou o hábito. Outro

conheceu todos os tormentos: cessaram ante uma luz súbita. Não se pode *querer* a fé; como uma doença, ela se insinua em nós ou nos fere; ninguém pode comandá-la e é absurdo desejá-la se não se está predestinado. Se é crente ou não se é, como se é louco ou normal. Eu não posso crer nem desejar crer: a fé é uma forma de delírio ao qual não sou propenso... A posição do descrente é tão impenetrável quanto a do crente. Entrego-me ao *prazer de estar desenganado*; acima da Dúvida só coloco a satisfação que proporciona...

E respondo a todos esses monges rosados ou cloróticos: "Perdem o tempo insistindo. Eu também olhei para o céu, mas não vi nada. Renunciem a convencer-me: se alguma vez consegui encontrar Deus por dedução, nunca o encontrei em meu coração: e se o encontrasse, não poderia segui-los em seu caminho ou em suas caretas, ainda menos nesses balés que são suas matinas e suas completas. Nada supera as delícias do ócio: mesmo que chegasse o fim do mundo, não deixaria a minha cama em uma hora indevida: como iria então correr em plena noite para imolar meu sono no altar do Incerto? Mesmo se a graça me cegasse e os êxtases me fizessem estremecer sem parar, alguns sarcasmos bastariam para distrair-me. Oh, não, vejam, temo gargalhar em minhas orações, e condenar-me assim mais pela fé do que pela incredulidade! Poupem-me um excesso de esforço: em todo caso, meus ombros estão demasiado cansados para sustentar o céu..."

EXERCÍCIO DE INSUBMISSÃO

Como execro, Senhor, a torpeza de tua obra e essas larvas viscosas que te incensam e se assemelham a ti! Ao odiar-te, escapei das guloseimas de teu reino, das sandices de teus fantoches. És o extintor de nossas chamas e de nossas rebeldias, o bombeiro de nossos ardores, o repressor de nossos vícios. Antes mesmo de haver-te relegado a simples fórmula, pisoteei teus arcanos, desprezei tuas artimanhas e todos esses artifícios que te compõem uma toalete de Inexplicável. Tu me concedeste em profusão o fel que tua misericórdia poupa a teus escravos. Como só há repouso à sombra de tua nulidade, basta para a salvação do bruto entregar-se a ti ou a tuas falsi-

ficações. Entre teus acólitos e mim, não sei quem lastimar mais: procedemos todos em linha direta de tua incompetência: *troça, logro, arremedo*, vocábulos da Criação, de tua confusão...

De tudo o que foi tentado aquém do nada, há algo mais lamentável do que este mundo, a não ser a idéia que o concebeu? Onde quer que algo respire, há uma doença a mais: não há palpitação que não confirme a desvantagem de existir; a carne me apavora: esses homens, essas mulheres, tripas que grunhem graças a espasmos... já não tenho parentesco com o planeta: cada instante é apenas um sufrágio na urna de meu desespero.

Que tua alma cesse ou se prolongue, que importa! Teus subalternos não seriam capazes de aperfeiçoar o que tu arriscaste sem talento. Da cegueira em que os mergulhaste, acabarão saindo, entretanto; mas, terão forças para vingar-se e tu, para defender-te? Esta raça está enferrujada e tu estás mais enferrujado ainda. Voltando-me para o teu Inimigo, espero o dia em que roube teu sol para dependurá-lo em outro universo.

O CENÁRIO DO SABER

Nossas verdades não valem mais que as de nossos antepassados. Depois de haver substituído seus mitos e seus símbolos por conceitos, nos julgamos mais "avançados"; mas esses mitos e esses símbolos não *exprimem* menos que nossos conceitos. A Árvore da Vida, a Serpente, Eva e o Paraíso significam tanto como: Vida, Conhecimento, Tentação, Inconsciente. As configurações concretas do mal e do bem na mitologia vão tão longe quanto o Mal e o Bem da ética. O Saber — no que tem de profundo — não muda nunca: só o seu cenário varia. O amor prossegue sem Vênus, a guerra sem Marte e, se os deuses já não intervêm nos acontecimentos, nem por isso tais acontecimentos são mais explicáveis nem menos desconcertantes: apenas, um aparato de fórmulas substitui a pompa das antigas lendas, sem que por isso as constantes da vida humana encontrem-se modificadas, pois a ciência não as apreende mais intimamente que os relatos poéticos.

A auto-suficiência moderna não tem limites: nos julgamos mais esclarecidos e mais profundos do que todos os séculos passados, esquecendo que o ensinamento de um Buda pôs milhares de seres ante o problema do nada, problema que imaginamos haver descoberto porque mudamos seus termos e introduzimos um pouquinho de erudição. Mas, que pensador ocidental poderia ser comparado com um monge budista? Nós nos perdemos em textos e em terminologias: a *meditação* é um dado desconhecido para a filosofia moderna. Se queremos conservar certa decência intelectual, o entusiasmo pela civilização deve ser banido de nosso espírito, assim como a superstição da História. No que se refere aos grandes problemas, não temos nenhuma vantagem sobre nossos antepassados ou sobre nossos predecessores mais recentes: sempre se soube *tudo*, ao menos no que concerne ao Essencial; a filosofia moderna não acrescenta nada à filosofia chinesa, hindu ou grega. Além do que, não poderia haver um *problema novo*, embora nossa ingenuidade ou nossa enfatuação queiram persuadir-nos do contrário. No tocante ao *jogo*

das idéias, quem igualou alguma vez um sofista chinês ou grego, quem levou mais longe que ele a ousadia na abstração? Todos os extremos do pensamento foram alcançados desde sempre e em todas as civilizações. Seduzidos pelo demônio do Inédito, esquecemos rápido demais que somos os epígonos do primeiro pitecantropo que se pôs a refletir.

Hegel é o grande responsável pelo otimismo moderno. Como não viu que a consciência muda somente de forma e de modalidade, mas não progride em nada? O devir exclui uma realização absoluta, uma meta: a aventura temporal desenrola-se sem um objetivo exterior a ela, e acabará quando suas possibilidades de caminhar tenham-se esgotado. O grau de consciência varia com as épocas, sem que a dita consciência aumente com sua sucessão. Não somos mais conscientes do que o mundo greco-romano, o Renascimento ou o século XVIII; cada época é perfeita em si mesma, e perecível. Há momentos privilegiados em que a consciência se exaspera, mas jamais houve eclipse de lucidez tal que o homem fosse incapaz de abordar os problemas essenciais, pois a história é apenas uma perpétua crise, uma quebra da *ingenuidade*. Os *estados negativos* — que são precisamente os que exasperam a consciência — distribuem-se diversamente, contudo, estão presentes em todos os períodos históricos; se são equilibrados e "felizes", conhecem o tédio — término natural da felicidade; se descentrados e tumultuosos, sofrem o Desespero, e as crises religiosas que dele derivam. A idéia de Paraíso terrestre foi composta com todos os elementos incompatíveis com a História, com o espaço onde florescem os estados negativos.

Todas as vias, todos os procedimentos de conhecer são válidos: raciocínio, intuição, repugnância, entusiasmo, gemido. Uma visão do mundo articulada em conceitos não é mais legítima do que outra surgida das lágrimas: argumentos e suspiros são modalidades igualmente convincentes e igualmente nulas. Construo uma *forma* de universo: creio nela, e é o universo, o qual desmorona, entretanto, sob o assalto de outra certeza ou de outra dúvida. O último dos iletrados e Aristóteles são igualmente irrefutáveis e frágeis. O absoluto e a caducidade caracterizam a obra amadurecida durante anos tanto como o poema surgido graças ao instante. Há mais verdade na *Fenomenologia do Espírito* do que no *Epipsychidion*? A inspiração fulgurante, assim como o aprofundamento laborioso, apresentam-nos resultados definitivos e irrisórios. Hoje, prefiro tal escritor a tal outro; amanhã, chegará a vez de uma obra que outrora abominava.

As criações do espírito — e os princípios que as presidem — seguem o destino de nossos humores, de nossa idade, de nossas febres e de nossas decepções. Questionamos tudo o que outrora amamos, e temos sempre razão e sempre estamos equivocados; pois tudo é válido e tudo carece de importância. Sorrio: nasce um mundo; entristeço-me: desaparece, e já se delineia outro. Não há opinião, sistema ou crença que não seja justa e ao mesmo tempo absurda, conforme adiramos ou nos separemos dela.

Não se encontra mais rigor na filosofia que na poesia, nem no espírito que no coração; o rigor só existe na medida em que nos identificamos com o princípio ou com a coisa que abordamos ou sofremos; do exterior, tudo é arbitrário: razões e sentimentos. O que chamam verdade é um erro insuficientemente vivido, ainda não esvaziado, mas que não demorará a envelhecer, um erro novo, e que espera comprometer sua novidade. O saber floresce e murcha juntamente com nossos sentimentos. E se percorremos todas as verdades, é porque nos esgotamos juntos, e já não há mais seiva em nós que nelas. A história é inconcebível fora *daquele a quem decepciona*. Deste modo precisa-se o desejo de deixar-nos arrastar pela melancolia e de morrer dela...

O verdadeiro saber reduz-se às vigílias nas trevas: só o conjunto de nossas insônias nos distingue dos animais e de nossos semelhantes. Que idéia rica e estranha foi alguma vez fruto de um adormecido? Seu sono é bom? Seus sonhos tranqüilos? Engrossará a turba anônima. O dia é hostil aos pensamentos, o sol os obscurece; só florescem em plena noite... Conclusão do saber noturno: quem chega a uma conclusão tranqüilizadora sobre o que quer que seja dá provas de imbecilidade ou de falsa caridade. Quem achou algum dia uma só verdade alegre que fosse válida? Quem salvou a honra do intelecto com propósitos diurnos? Feliz daquele que pode dizer: "Tenho o saber triste."

A história é a ironia *em marcha*, a gargalhada do Espírito através dos homens e dos acontecimentos. Hoje triunfa tal crença; amanhã, vencida, será amaldiçoada e substituída: os que creram nela a seguirão em sua derrota. Depois, vem outra geração: a antiga crença entra de novo em vigor; seus movimentos demolidos são construídos de novo..., na espera de que pereçam outra vez. Nenhum princípio imutável regula os favores e as severidades da sorte: sua sucessão participa da imensa farsa do Espírito, que confunde, em seu jogo, os impostores e os entusiastas, as astúcias e os ardo-

res. Contemplem as polêmicas de cada século: não parecem motivadas nem necessárias. No entanto, foram a vida desse século. Calvinismo, quietismo, Port-Royal, a enciclopédia, Revolução, positivismo etc..., que seqüência de absurdos... que precisaram existir, que desgaste inútil, e contudo fatal! Desde os concílios ecumênicos até as controvérsias políticas contemporâneas, as ortodoxias e as heresias assaltaram a curiosidade do homem com seu irresistível sem-sentido. Sob disfarces diversos, sempre haverá *anti* e *pró*, seja a propósito do Céu ou do Bordel. Milhares de homens sofreram por sutilezas relativas à Virgem e a seu Filho; outros mil atormentaram-se por dogmas menos gratuitos, mas igualmente improváveis. Todas as verdades constituem seitas que acabam por ter um destino tipo Port-Royal, sendo perseguidas e destruídas; depois, suas ruínas chegam a ser veneradas, e aureoladas pela iniqüidade sofrida, transformam-se em lugares de peregrinação...

Não é mais razoável atribuir mais interesse às discussões sobre a democracia e suas formas, do que às que tiveram lugar, na Idade Média, sobre o nominalismo e o realismo: cada época intoxica-se com um absoluto, menor e fastidioso, mas de aparência única; não se pode evitar ser contemporâneo de uma fé, de um sistema, de uma ideologia, ser, em suma, de seu tempo. Para emancipar-se, seria preciso ter a frieza de um *deus do desprezo*...

Que a História não tenha nenhum sentido, é algo que deveria alegrar-nos. Nos atormentaríamos por uma solução feliz do devir, por uma festa final na qual nossos suores e desastres arcassem com todos os gastos? Por idiotas futuros exultando sobre nossas penas e dançando sobre nossas cinzas? A visão de um desenlace paradisíaco supera, por seu absurdo, as piores divagações da esperança. Tudo o que poderíamos alegar em desculpa do Tempo, é que se encontram nele momentos mais aproveitáveis que outros, acidentes sem importância em uma intolerável monotonia de perplexidades. O universo começa e acaba com cada indivíduo, seja Shakespeare ou joão-ninguém; pois cada indivíduo vive *no absoluto* seu mérito ou sua nulidade.

Por que truque o que *parece* ser escapou ao controle do que não é? Bastou um momento de desatenção, de fraqueza no seio do Nada: as larvas se aproveitaram; uma lacuna em sua vigilância: e aqui estamos. E assim como a vida suplantou o nada, foi suplantada, por sua vez, pela história: assim, a existência embrenhou-se em um ciclo de heresias que minaram a ortodoxia do nada.

ABDICAÇÕES

A CORDA

Não sei como me foi dado coligir esta confidência: "Sem profissão nem saúde, sem projetos nem recordações, releguei para longe de mim o porvir e o saber, e só possuo uma cama miserável sobre a qual devo desaprender o sol e os suspiros. Permaneço estirado nela, e conto as horas; em torno de mim, utensílios, objetos que me intimam a perder-me. O prego me sussurra: atravessa-te o coração, as poucas gotas que sairiam não deveriam assustar-te. A faca insinua: minha lâmina é infalível: um segundo de decisão e triunfarás sobre a miséria e a vergonha. A janela abre-se sozinha, rangendo no silêncio: compartilhas com os pobres as alturas da cidade; atira-te, minha abertura é generosa: sobre a calçada, em um abrir e fechar de olhos, te espedaçarás com o sentido ou o sem-sentido da vida. E uma corda se enrosca como sobre um pescoço ideal, assumindo um tom de força suplicante: espero-te desde sempre, assisti teus terrores, teus abatimentos e tuas asperezas, vi tuas cobertas amarrotadas, o travesseiro que tua raiva mordia, como também escutei as blasfêmias com que obsequiavas os deuses. Caridosa, tenho compaixão de ti e ofereço-te meus serviços. Pois nasceste para te enforcar, como todos os que desdenham uma resposta às suas dúvidas ou uma fuga ao seu desespero."

OS SEGREDOS DE UMA OBSESSÃO

A idéia do nada não é o apanágio da humanidade laboriosa: os que trabalham não têm nem tempo nem vontade de avaliar seu pó;

resignam-se às durezas ou às ninharias da sorte; esperam: a esperança é uma virtude de escravos.

São os vaidosos, os presunçosos e as coquetes que, temendo os cabelos brancos, as rugas e os estertores, preenchem seu ócio cotidiano com a imagem de seu cadáver: veneram-se e desesperam-se; seus pensamentos oscilam entre o espelho e o cemitério, e descobrem nos traços ameaçados de seu rosto verdades tão graves como as das religiões. Toda metafísica começa com uma angústia do corpo, que torna-se depois universal; de forma que os inquietos *por frivolidade* prefiguram os espíritos autenticamente atormentados. O ocioso superficial, obcecado pelo espectro da velhice, está mais próximo de Pascal, de Bossuet ou de Chateaubriand do que o sábio que não se inquieta por si mesmo. A vaidade tem uma gota de gênio: aí tens o grande orgulhoso, que acomoda-se mal à morte e a sente como uma *ofensa pessoal*. O próprio Buda, superior a todos os sábios, foi apenas um presumido *em escala divina*. Descobriu a morte, a *sua* morte e, ferido, renunciou a tudo e impôs sua renúncia aos outros. Assim, os sofrimentos mais terríveis e mais inúteis nascem deste orgulho ferido, o qual, para fazer frente ao Nada, transforma-o, por vingança, em Lei.

EPITÁFIO

"Teve o orgulho de jamais mandar, de não dispor de nada nem de ninguém. Sem subalternos, sem amos, não deu nem recebeu ordens. Excluído do império das leis, e como se fosse anterior ao bem e ao mal, nunca fez ninguém padecer. Em sua memória apagaram-se os nomes das coisas; olhava sem perceber, escutava sem ouvir: os perfumes e aromas se desvaneciam ao aproximar-se de suas narinas e de seu paladar. Seus sentidos e seus desejos foram seus únicos escravos: de tal modo que mal sentiram, mal desejaram. Esqueceu felicidade e infelicidade, sede e temores; e se em alguma ocasião tornava a lembrar-se deles, desdenhava nomeá-los e rebaixar-se assim à esperança ou à nostalgia. O gesto mais ínfimo custava-lhe mais esforços que os que custam a outros fundar ou derrubar um império. Nascido cansado de nascer, se quis sombra: quando viveu então? E por culpa de qual nascimento? E se portou seu sudário em vida, por que milagre conseguiu morrer?"

SECULARIZAÇÃO DAS LÁGRIMAS

Só a partir de Beethoven a música se dirige aos homens: antes, só conversava com Deus. Bach e os grandes Italianos não conheceram esse deslize para o humano, esse falso titanismo que altera, desde o Surdo, a arte mais pura. A torção do querer substituiu as suavidades; a contradição dos sentimentos, o ímpeto ingênuo; o frenesi, o suspiro disciplinado. O pecado fluía antes em doces prantos; veio o momento em que transbordou: a declamação venceu a oração, o romantismo da Queda triunfou sobre o sonho harmonioso da decadência...

Bach: languidez de cosmogonia; escada de lágrimas por onde sobem nossos desejos de Deus; arquitetura de nossas fragilidades, dissolução positiva — e a mais alta — de nossa vontade; ruína celeste na Esperança; único modo de perder-nos sem desmoronar e de desaparecer sem morrer...

É tarde demais para reaprender esses desvanecimentos? Precisamos continuar desfalecendo fora dos acordes do órgão?

FLUTUAÇÕES DA VONTADE

Conheces essa fornalha da vontade na qual nada resiste a teus desejos, onde a fatalidade e a gravidade perdem seu império e volatilizam-se ante a magia de teu poder? Certo de que teu olhar res-

suscitaria um morto, de que tua mão posta sobre a matéria a faria estremecer, de que a teu contato as pedras palpitariam, de que todos os cemitérios floresceriam em um sorriso de imortalidade, repetes a ti mesmo: "De agora em diante só haverá uma primavera eterna, uma dança de prodígios e o fim de todos os sonos. Trouxe um outro fogo: os deuses empalidecem e as criaturas se regozijam; a consternação apoderou-se da abóbada celeste e a algazarra desceu até as tumbas."

... E o amante dos paroxismos, sem fôlego, cala-se um instante para proferir, com tom de quietismo, palavras de abandono:

"Experimentaste alguma vez esta sonolência que se transmite às coisas, este langor que torna anêmicas as seivas, e as faz sonhar com um outono vencedor das outras estações? À minha passagem, as esperanças adormecem, as flores murcham, os instintos enfraquecem: tudo pára de querer, tudo se arrepende de haver querido. E cada ser me sussurra: "Gostaria que outro vivesse minha vida, fosse Deus ou uma lesma. Suspiro por uma vontade de inação, um infinito em suspenso, uma atonia extática dos elementos, uma hibernação em pleno sol, que entorpeceria tudo, do porco à libélula..."

TEORIA DA BONDADE

"Já que para você não há último critério nem irrevogável princípio, e nenhum deus, o que o impede de perpetrar todos os crimes?"

— "Descubro em mim tanto mal como em qualquer outro, mas, como execro a ação — mãe de todos os vícios —, não sou causa de sofrimentos para ninguém. Inofensivo, sem avidez, e sem a suficiente energia e indecência para enfrentar os outros, deixo o mundo tal como o encontrei. Vingar-se pressupõe uma vigilância de cada instante e um espírito sistemático, uma continuidade custosa, enquanto que a indiferença do perdão e do desdém torna as horas agradavelmente vazias. Todas as morais representam um perigo para a bondade; só a incúria a salva. Por haver escolhido a fleuma de imbecil e a apatia do anjo, excluí-me dos atos e, como a bondade é incompatível com a vida, apodreci-me para ser bom."

A PARTE DAS COISAS

É preciso uma considerável dose de inconsciência para entregar-se sem reservas a qualquer coisa. Os crentes, os apaixonados, os discípulos, só percebem uma face de suas deidades, de seus ídolos, de seus mestres. O entusiasta permanece inelutavelmente ingênuo. Há sentimento puro onde a mescla de graça e imbecilidade não se traia, e admiração devota sem eclipse da inteligência? Quem entrevê simultaneamente todos os aspectos de alguém ou de algo permanece para sempre indeciso entre o arrebatamento e o estupor. Disse que qualquer crença: que fausto do coração — e quanta ignomínia por baixo! É o infinito sonhado em um esgoto e que conserva, indeléveis, sua marca e seu fedor. Há um notário em cada santo, um quitandeiro em todo herói, um porteiro no mártir. No fundo dos suspiros esconde-se uma careta; aos sacrifícios e às orações misturam-se os vapores do bordel terrestre. Consideremos o amor: há expansão mais nobre, arrebatamento menos suspeito? Seus estremecimentos competem com a música, rivalizam com as lágrimas da solidão e do êxtase: é o sublime, mas um sublime inseparável das vias urinárias: transportes vizinhos à excreção, céu das glândulas, santidade súbita dos orifícios... Basta um momento de *atenção* para que essa embriaguez, abalada, nos lance nas imundícies da fisiologia, ou um instante de fadiga para constatar que tanto ardor só produz uma variedade de ranho. O estado de vigília altera o sabor de nossos arroubos e transforma quem os sofre em um visionário pisoteando pretextos inefáveis. Não se pode amar e conhecer ao mesmo tempo, sem que o amor padeça e expire sob o olhar do espírito. Investigue suas admirações, perscrute os beneficiários de seu culto e os que se aproveitam de seus abandonos: sob seus pensamentos mais desinteressados descobrirá o amor-próprio, o aguilhão da glória, a sede de domínio e de poder. Todos os pensadores são fracassados da ação que se vingam de seu fracasso por meio de conceitos. Nascidos *aquém* dos atos, os exaltam ou os menosprezam, conforme aspirem ao reconhecimento dos homens ou à outra

forma de glória: seu ódio; elevam indevidamente suas próprias deficiências, suas próprias misérias à categoria de leis, sua futilidade ao nível de princípios.

O pensamento é uma mentira, como o amor e a fé. Pois as verdades são fraudes e as paixões, odores; e, no final das contas, a escolha está entre o que mente e o que fede.

MARAVILHAS DO VÍCIO

Enquanto que para um pensador é necessário — para dissociar-se do mundo — um imenso labor de interrogações, o privilégio de uma tara confere imediatamente um destino singular. O Vício — distribuidor de solidão — oferece a quem é marcado por ele a excelência de uma condição separada. Por exemplo, o homossexual: inspira dois sentimentos contraditórios: a repugnância e a admiração; sua debilidade o torna simultaneamente inferior e superior aos outros; não se aceita, justifica-se ante si mesmo a cada instante, inventa razões, dividido entre a vergonha e o orgulho; no entanto — entusiastas das tolices da procriação — caminhamos com o rebanho. Infeliz de quem não tenha segredos sexuais! Como vislumbraremos as fétidas vantagens das aberrações? Permaneceremos para sempre filhos da natureza, vítimas de suas leis, árvores humanas em suma?

As deficiências do indivíduo determinam o grau de maleabilidade e sutileza de uma civilização. As sensações raras conduzem o espírito e o avivam: o instinto desviado encontra-se nas antípodas da barbárie. Por isso, um impotente é mais complexo do que um bruto de reflexos inalteráveis, pois realiza melhor que qualquer outro a essência do homem, deste animal desertor da zoologia, que se enriquece com todas as suas insuficiências, com todas as suas impossibilidades. Suprima as taras e os vícios, elimine as *preocupações carnais*, e não reencontrará mais *almas*; pois o que chamamos com esse nome é apenas um produto de escândalos interiores, uma designação de vergonhas misteriosas, uma idealização da abjeção...

Nos recônditos de sua ingenuidade, o pensador inveja as possibilidades de conhecer abertas a quem é contra a natureza; crê — não sem repulsa — nos privilégios dos "monstros"... Já que o vício é uma doença, e a única forma de celebridade que vale a pena, o vicioso "deve" ser necessariamente mais profundo que o comum dos homens, já que indizivelmente separado de todos; começa por onde os outros terminam...

Um prazer natural, obtido no evidente, anula-se em si mesmo, se destrói em seus meios, expira em sua atualidade, enquanto que uma sensação insólita é uma sensação *pensada*, uma reflexão sobre os reflexos. O vício alcança seu grau mais alto de *consciência* — sem intervenção da filosofia; mas ao pensador é necessária toda uma vida para chegar a essa *lucidez afetiva* com a qual começa o pervertido. Parecem-se, contudo, em sua propensão a separar-se dos outros, embora um se veja obrigado a isso pela meditação, enquanto que o outro só segue as maravilhas de sua inclinação.

O CORRUPTOR

"Como passaram tuas horas? A lembrança de um gesto, a marca de uma paixão, o fulgor de uma aventura, uma bela e fugaz demência — não há nada disto em teu passado; nenhum delírio leva teu nome, nenhum vício te honra. Passaste sem deixar vestígios; mas qual foi teu sonho?"

— "Queria semear a Dúvida até nas entranhas do globo, impregnar com ela a matéria, fazê-la reinar onde o espírito jamais penetrou e, antes de alcançar a medula dos seres vivos, sacudir a quietude das pedras, introduzir nelas a insegurança e os defeitos do coração. Arquiteto, teria construído um templo à Ruína; predicador, revelado a farsa da oração; rei, hasteado a bandeira da rebelião. Como os homens nutrem um desejo secreto de repudiar-se, teria estimulado em toda parte a infidelidade a si mesmo, mergulhado a inocência no estupor, multiplicado os traidores de si mesmos, impedido multidões de corromperem-se no podredouro das certezas."

O ARQUITETO DAS CAVERNAS

A teologia, a moral, a história e a experiência de cada dia nos ensinam que para alcançar o equilíbrio não há uma infinidade de segre-

dos; há apenas um: *submeter-se*: "Aceitem um jugo, nos repetem, e serão felizes; sejam algo, e estarão livres de suas penas." Realmente, tudo é *ofício* neste mundo: profissionais do tempo, funcionários da respiração, dignitários da esperança, um *posto* nos espera desde antes de nascer: nossas carreiras são preparadas nas entranhas de nossas mães. Membros de um universo oficial, devemos ocupar um lugar nele pelo mecanismo de um destino rígido, que só se relaxa a favor dos loucos; estes, pelo menos, não se vêem obrigados a ter uma crença, a filiar-se a uma instituição, a sustentar uma idéia, a pretender uma empresa. Desde que a sociedade se constituiu, os que pretenderam subtrair-se a ela foram perseguidos ou achincalhados. Perdoa-se tudo, contanto que você tenha uma profissão, um subtítulo sob seu nome, um selo sobre seu nada. Ninguém tem a audácia de gritar: "Não quero fazer nada!"; se é mais indulgente com um assassino do que com um espírito liberado dos atos. Multiplicando as possibilidades de submeter-se, abdicando de sua liberdade, matando em si mesmo o vagabundo, foi assim que o homem refinou sua escravidão e submeteu-se aos fantasmas. Mesmo seus desprezos e rebeliões, só os cultivou para ser dominado por eles, servo que é de suas atitudes, de seus gestos e de seus humores. Saído das cavernas, guardou delas a superstição; era seu prisioneiro, tornou-se seu arquiteto. Perpetua sua condição primitiva com maior invenção e sutileza; mas, no fundo, aumentando ou diminuindo sua caricatura, plagia-se descaradamente. Charlatão *movido por barbantes*, suas contorções, suas caretas, ainda enganam.

DISCIPLINA DA ATONIA

Como cera sob o calor do sol, derreto-me durante o dia e solidifico-me à noite, alternância que me decompõe e me restitui a mim mesmo, metamorfose na inércia e na preguiça... Aqui devia acabar tudo o que li e soube, é este o termo de minhas vigílias? A preguiça embotou meus entusiasmos, enfraqueceu meus apetites, enervou minhas raivas. Quem não se deixa levar parece-me um monstro: esgoto minhas forças no aprendizado do abandono e exercito-me no ócio, opondo a meus caprichos os parágrafos de uma Arte de Apodrecer.

Por toda parte, pessoas que *querem*...; mascarada de passos precipitados na direção de fins mesquinhos ou misteriosos; vontades que se cruzam; cada qual quer; a multidão quer; milhares de pessoas tensas rumo a não sei o quê. Não poderia segui-las, ainda menos desafiá-las; detenho-me estupefato: que prodígio insufloulhes tanto ânimo? Mobilidade alucinante: em tão pouca carne, tanto vigor e histeria! Estas bactérias que nenhum escrúpulo acalma, nenhuma sabedoria apazigua, nenhuma amargura desconcerta... Desafiam os perigos com maior facilidade que os heróis: são apóstolos inconscientes do eficaz, santos do Imediato..., deuses nas feiras do tempo...

Afasto-me deles e deixo as calçadas do mundo...

— Entretanto, houve um tempo em que admirava os conquistadores e as abelhas, em que estive prestes a esperar; mas agora, o movimento me aterroriza e a energia me entristece. Há mais sabedoria em deixar-se levar pelas ondas do que em debater-se contra elas. Póstumo a mim mesmo, lembro-me do tempo como de uma criancice ou uma grosseria. Sem desejos, sem horas nas quais fazê-los surgir, só tenho a certeza de haver sobrevivido desde sempre, feto corroído por uma idiotia onisciente antes mesmo que suas pálpebras se abrissem, e aborto de clarividência...

A SUPREMA USURA

Há algo que faz concorrência à prostituta mais sórdida, algo sujo, gasto, derrotado, e que estimula e desconcerta a raiva — um cume de exasperação e um artigo de uso constante: é a *palavra*, qualquer palavra, e mais precisamente essa que utilizamos. Digo: *árvore*, *casa*, *eu*, *magnífico*, *estúpido*; poderia dizer qualquer coisa, e sonho com um assassino de todos os nomes e todos os adjetivos, de todos esses arrotos honoráveis. Às vezes me parece que estão mortos e ninguém quer enterrá-los. Por covardia, os consideramos ainda vivos e continuamos suportando seu cheiro sem tapar o nariz. Todavia, não são nem exprimem mais nada. Quando se pensa em todas as bocas por onde passaram, em todos os hálitos que os corromperam, em todas as ocasiões em que foram proferidos, como servir-se de um só deles sem poluir-se?

São-nos servidos já mastigados; no entanto, não nos atrevemos a engolir um alimento ruminado pelos outros: o ato material que corresponde ao uso da palavra nos dá vômitos; basta, entretanto, um momento de mau humor para perceber sob qualquer palavra um ranço de saliva estranha.

Para arejar a linguagem, seria preciso que a humanidade deixasse de falar: poderia recorrer com proveito aos sinais ou, mais eficazmente, ao silêncio. A prostituição da palavra é o sintoma mais visível de seu aviltamento; não há vocábulo intato, nem articulação pura, e, até as coisas significadas, tudo se degrada de tanto ser repetido. Por que cada geração não aprenderá um novo idioma, nem que fosse para dar outra seiva aos objetos? Como amar e odiar, debater-se e sofrer com símbolos anêmicos? A "vida", a "morte" — clichês metafísicos, enigmas antiquados... O homem deveria criar uma outra ilusão de realidade e inventar para este fim outras palavras, já que as suas carecem de sangue e, em tal fase da agonia, já não há transfusão possível.

NOS FUNERAIS DO DESEJO

Uma caverna infinitesimal boceja em cada célula... Sabemos onde se instalam as doenças, seu lugar, a carência definida dos órgãos; mas esse mal sem sede..., essa opressão sob o peso de mil oceanos, esse desejo de um veneno idealmente maléfico...

As vulgaridades da primavera, as provocações do sol, do viço, da seiva... Meu sangue se desintegra quando os brotos se abrem, quando o pássaro e o bruto florescem. Invejo os loucos sem remédio, o embotamento do arganaz, os invernos do urso, a secura do sábio, trocaria por seu torpor minha agitação de assassino difuso que sonha crimes aquém do sangue. E mais que qualquer outro, como invejo esses imperadores da decadência, arredios e cruéis, e que foram apunhalados no auge de seus crimes!

Abandono-me ao espaço como a lágrima de um cego. De quem sou a vontade, quem *quer* em mim? Gostaria que um demônio planejasse uma conspiração contra o homem: me aliaria a ele. Cansado de debater-me com os funerais de meus desejos, teria enfim um pretexto ideal, pois o tédio é o martírio dos que nem vivem e nem morrem por nenhuma crença.

A IRREFUTÁVEL DECEPÇÃO

Tudo abunda em seu pavor, a alimenta e a reafirma; coroa — sábia, irrecusável — acontecimentos, sentimentos, pensamentos; não há instante que não a consagre, ímpeto que não a realce, reflexão que não a confirme. Divindade cujo reino não tem limites, mais poderosa que a fatalidade que a serve e a ilustra, traço-de-união entre a vida e a morte, as reúne, as confunde e alimenta-se delas. Comparada a seus argumentos e a suas verificações, a ciência parece um amontoado de caprichos. Nada poderia diminuir o fervor de suas repugnâncias: há verdades que, florescendo em uma primavera de axiomas, possam desafiar seu dogmatismo visionário, sua orgulhosa insanidade? Nenhuma temperatura de juventude, nem sequer o extravio do espírito, resistem às suas certezas, e seus triunfos são proclamados a uma só voz pela sabedoria e pela demência. Ante seu império sem lacunas, ante sua soberania sem limites, nossos joelhos se dobram: tudo começa por ignorá-la, tudo acaba por submeter-se a ela: não há ato que não fuja dela, nem ato que não se reduza a ela. *Última palavra* neste mundo, só ela não decepciona...

NO SEGREDO DOS MORALISTAS

Quando enchemos todo o universo de tristeza, só nos resta, para reavivar o espírito, a alegria, a rara, a fulgurante alegria; e é quando já não esperamos mais que sofremos a fascinação da esperança: a Vida, presente oferecido aos vivos pelos obcecados da morte... Como a direção de nossos pensamentos não é a de nossos corações, cultivamos uma inclinação secreta por tudo o que espezinhamos. Fulano grava o rangido da máquina do mundo: é que sonhou demais com as ressonâncias das abóbadas; não podendo ouvi-las, rebaixa-se a escutar apenas o tumulto que o rodeia. As frases amargas ema-

nam de uma sensibilidade magoada, de uma delicadeza ferida. O veneno de um La Rochefoucauld ou de um Chamfort foi a desforra que escolheram contra um mundo talhado para os brutos. Toda amargura esconde uma vingança e traduz-se em um sistema: o pessimismo, essa *crueldade dos vencidos* que não podem perdoar à vida haver frustrado sua expectativa.

A alegria que dispara golpes mortais..., o regozijo que dissimula o punhal sob um sorriso... Penso em certos sarcasmos de Voltaire, em algumas réplicas de Rivarol, nas tiradas ásperas de Madame Deffand, na gargalhada que desponta sob tanta elegância, na leviandade agressiva dos salões, nos rasgos sarcásticos que divertem e matam, na acidez que oculta um excesso de civilidade... E penso em um *moralista ideal* — mescla de vôo lírico e de cinismo —, exaltado e glacial, difuso e incisivo, tão próximo das *Revêries* como das *Liaisons Dangereuses*, ou que unisse dentro de si Vauvernagues e Sade, o tato e o inferno... Observador dos costumes *nele mesmo*, sem nenhuma necessidade de ir investigar alhures, pois a menor atenção a si mesmo lhe revelaria as contradições da vida, cujos aspectos refletiria tão bem que esta, envergonhada de sua reduplicação, se desvaneceria.

Não há *atenção* cujo exercício não leve a um ato de aniquilação: tal é a fatalidade da observação, com todos os inconvenientes que decorrem para o observador, desde o moralista clássico até Proust. Tudo se dissolve sob o olhar escrutador: as paixões, as afeições inabaláveis, os ardores são o apanágio de espíritos simples, fiéis aos outros e a eles mesmos. Uma gota de lucidez no "coração" faz dele a sede dos sentimentos fingidos, e transforma o apaixonado em Adolfo e o insatisfeito em René. Quem ama não examina o amor, quem age não medita sobre a ação: se estudo meu "próximo", é que ele deixou de sê-lo, e eu deixo de ser "eu" se me analiso: torno-me *objeto*, da mesma categoria que os outros. O crente que avalia sua fé acaba por colocar Deus na balança, e só salvaguarda seu fervor por medo de perdê-lo. Nas antípodas da ingenuidade, da existência integral e autêntica, o moralista esgota-se em um vis-à-vis de si mesmo e dos outros: farsante, microcosmo de segundas intenções, não suporta o artifício que os homens, para viver, aceitam *espontaneamente* e incorporam à sua natureza. Tudo lhe parece convenção: divulga os motivos dos sentimentos e dos atos, desmascara os simulacros da civilização: sofre por havê-los entrevisto e superado; pois os simulacros fazem viver, *são* a vida, enquanto que sua existência, contemplando-os, perde-se na busca de uma "natureza" que não existe e que, se existisse, lhe seria tão estranha como os artifícios que se acrescentam a ela. Toda complexidade psicológica reduzida a seus elementos, explicada e dissecada, comporta uma operação muito mais nefasta para o que a opera do que para a vítima. Liquidam-se os sentimentos ao se buscar-lhes os meandros, assim como os ímpetos, se se espia sua trajetória; e quando se descreve minuciosamente os movimentos dos outros, não são os outros que se atrapalham ao caminhar... Tudo em que se toma parte parece absurdo, mas os que se movem não poderiam não avançar, enquanto que o observador, para qualquer lado que se volte, só registra seu inútil triunfo para desculpar sua derrota. É que só há vida na falta de atenção à vida.

FANTASIA MONÁSTICA

Aqueles tempos em que as mulheres tomavam o hábito para ocultar ao mundo, tanto como a elas mesmas, os avanços da idade, a diminuição de seu brilho, o desaparecimento de seus atrativos..., em que os homens, cansados de glória e de fausto, abandonavam a Corte para refugiar-se na devoção... A moda de converter-se *por pudor* desapareceu com o grande século: a sombra de Pascal e um reflexo de Jacqueline estendiam-se, como prestígios invisíveis, sobre o menor cortesão, sobre a mais frívola beleza. Mas todos os Port-Royals foram destruídos para sempre e, com eles, os lugares propícios para as agonias discretas e solitárias. Já não há mais coquetismo do convento: onde buscar ainda, para suavizar nossa decadência, um cenário ao mesmo tempo sombrio e suntuoso? Um epicurista como Saint-Evremond imaginava um a seu gosto, tão lenitivo e relaxado como seu *savoir-vivre*. Naqueles tempos, era preciso ainda levar em conta Deus, ajustá-lo à incredulidade, englobá-lo na solidão. Transação cheia de encanto, irremediavelmente passada! Nós precisaríamos de claustros tão despojados, tão vazios como nossas almas, para perder-nos neles sem a ajuda dos céus, e em uma pureza de ideal ausente, claustros à proporção de anjos desenganados que, em

sua queda, por tantas ilusões perdidas, permanecessem ainda imaculados. E de esperar uma voga de retiros em uma eternidade sem fé, uma tomada de hábito no nada, uma Ordem liberta dos mistérios, onde nenhum "irmão" suplicaria nada, desdenhando sua salvação tanto como a dos outros, uma *Ordem da salvação impossível*...

EM HONRA DA LOUCURA

"Better I were distract:
So should my thoughts be sever'd from my griefs."

Exclamação que arranca de Gloster a loucura do rei Lear... Para *separar-nos* de nossos desgostos, nosso último recurso é o delírio; submetidos a seus desvios, não *reencontramos* mais nossas aflições: paralelos a nossas dores e à margem de nossas tristezas, divagamos em uma treva salutar. Quando se execra esta sarna chamada vida, e se está farto das comichões da duração, a firmeza do louco no meio de todos os seus abatimentos torna-se uma tentação e um modelo: que uma sorte clemente nos dispense de nossa razão! Não há saída enquanto o intelecto permaneça atento aos movimentos do coração, enquanto não se desabitue deles! Aspiro às noites do idiota, a seus sofrimentos minerais, à felicidade de gemer com indiferença, como se fossem gemidos de outro, a um calvário onde se é estranho a si mesmo, onde os próprios gritos vêm de outra parte, a um inferno anônimo onde se dança e se ri destruindo-se. Viver e morrer na terceira pessoa..., exilar-me em mim mesmo, dissociar-me de meu nome, para sempre distraído do que fui..., alcançar, finalmente — já que a vida só é suportável a esse preço —, a sabedoria da demência...

MEUS HERÓIS

Quando se é jovem, busca-se heróis: eu tive os meus: Heinrich von Kleist, Karoline von Günderode, Gérard de Nerval, Otto

Weininger... Embriagado de seu suicídio, tinha a certeza de que só eles haviam ido até o final, de que obtiveram, na morte, a conclusão justa de seu amor contrariado ou satisfeito, de seu espírito cindido ou de sua crispação filosófica. Que um homem sobrevivesse a sua paixão, isto bastava para que o considerasse desprezível ou abjeto: isto é o mesmo que dizer que a humanidade era supérflua para mim: descobria nela um número ínfimo de altas resoluções e tanta complacência em envelhecer, que afastei-me dela, disposto a pôr um fim a tudo antes de chegar aos trinta. Mas, como os anos passaram, perdi o orgulho da juventude: cada dia, como uma lição de humildade, lembrava-me de que ainda estava vivo, que traía meus sonhos entre os homens apodrecidos de vida. Esgotado pela espera de não ser, considerava um dever cortar a carne quando a aurora desponta sobre uma noite de amor e uma grosseria inominável aviltar com a memória um excesso de suspiros. Ou, em outros momentos, como insultar ainda com sua presença a duração, quando se captou tudo em uma dilatação que eleva o orgulho sobre o trono dos céus? Pensava então que o único ato que um homem pode realizar sem vergonha era tirar-se a vida, que não tinha o direito de diminuir-se na sucessão dos dias e na inércia da desgraça. Não há eleitos, repetia-me, a não ser os que se matam. Ainda hoje, aprecio mais um porteiro que se enforca do que um poeta vivo. O homem dura na prorrogação do suicídio: esta é sua única glória, sua única desculpa. Mas não é consciente disso, e chama de covardia a coragem dos que ousaram elevar-se, pela morte, acima de si mesmos. Estamos unidos uns aos outros por um pacto tácito de agüentar até o último suspiro: este pacto que funda nossa solidariedade nem por isso nos condena menos: toda nossa raça está marcada de infâmia. Fora do suicídio, não há salvação. Coisa estranha! A morte, embora eterna, não entrou ainda nos costumes: *única* realidade, não consegue tornar-se *moda*. Assim, enquanto vivos, estamos todos antiquados...

OS POBRES DE ESPÍRITO

Observe com que entonação um homem pronuncia a palavra "verdade", a inflexão de segurança ou de reserva que põe nela, o as-

pecto de credulidade ou dúvida, e ficará instruído sobre a natureza de suas opiniões e a qualidade de seu espírito. Não há vocábulo mais vazio; todavia, os homens fazem dele um ídolo e convertem seu sem-sentido em critério e meta do pensamento. Esta superstição — que desculpa o vulgo e desqualifica o filósofo — resulta da invasão da esperança na lógica. Repetem: a verdade é inacessível; no entanto, é preciso buscá-la, tender a ela, empenhar-se por ela. Esta é uma restrição que em nada os separa dos que afirmam havê-la encontrado: *o importante é crer que é possível*: possuí-la ou aspirar a ela são dois atos que procedem de uma mesma atitude. De uma e de outra palavra faz-se uma exceção: terrível usurpação de linguagem! Chamo pobre de espírito todo homem que fala da Verdade com *convicção* e que tem maiúsculas de reserva, e serve-se ingenuamente delas, sem fraude nem desprezo. No que diz respeito ao filófoso, a menor complacência com esta idolatria o desmascara: o cidadão triunfou nele sobre o solitário. A esperança que emerge de um pensamento entristece ou faz sorrir... Há uma espécie de indecência em pôr demasiada alma nas grandes palavras: a infantilidade de todo entusiasmo pelo conhecimento... Já é hora de que a filosofia, lançando o descrédito sobre a verdade, liberte-se de todas as maiúsculas.

A MISÉRIA: EXCITANTE DO ESPÍRITO

Para conservar o espírito desperto, não contamos apenas com o café, a doença, a insônia ou a obsessão da morte; a miséria contribui também em igual ou maior medida: o terror ao dia seguinte, tanto como o da eternidade, os problemas de dinheiro, tanto como os pavores metafísicos, excluem o repouso e o abandono: — *Todas as nossas humilhações provêm de que não podemos resolver-nos a morrer de fome.* Pagamos caro esta covardia. Viver em função dos homens, sem vocação de mendigo! Rebaixar-se ante esses macacos engravatados, sortudos, enfatuados! Estar à mercê dessas caricaturas, indignas até de desprezo! A vergonha de ter que solicitar algo, seja o que seja, excita o desejo de aniquilar este planeta, com suas hierarquias e as degradações que comportam. A sociedade não é um mal, é um desastre; que estúpido milagre que se possa viver nela! Quando a contemplamos, entre a raiva e a indiferença, torna-se inexplicável que ninguém tenha sido capaz de demolir seu edifício, que não tenha havido até agora pessoas de bem, desesperadas e decentes, para arrasá-la e apagar seus vestígios.

Há mais de uma semelhança entre pedir esmolas na cidade e esperar uma resposta do silêncio do universo. A avareza preside os corações e a matéria. Merda de existência miserável!, entesoura as moedas e os mistérios: as bolsas são tão inacessíveis como as profundezas do Desconhecido. Mas, quem sabe?, pode ser que um dia esse Desconhecido se revele e abra seus tesouros; mas nunca, enquanto tenha sangue nas veias, o Rico desenterrará seus denários... Confessará suas vergonhas, seus vícios, seus crimes: mas mentirá sobre sua fortuna; fará todas as confidências, abrirá sua vida: mas não compartilhará seu último segredo, seu segredo pecuniário...

A miséria não é um estado transitório: coincide com a certeza de que, aconteça o que acontecer, nunca terás nada, que nasceste do lado de cá do circuito dos bens, que deves combater para respirar, que é preciso conquistar até o ar, até a esperança, até o sono, e que, mesmo que a sociedade desaparecesse, a natureza não seria menos inclemente nem menos pervertida. Nenhum princípio paterno velou na Criação: por toda parte há tesouros enterrados: eis que surge o Harpagão demiurgo, o Altíssimo avarento e segredista. Foi Ele quem implantou em nós o terror do próximo dia: não devemos espantar-nos que a própria religião seja uma forma deste terror.

Para os indigentes vitalícios, a miséria é como um excitante que tomaram de uma vez por todas, sem possibilidade de anular seu efeito; ou como uma ciência infusa que, antes de qualquer conhecimento da vida, tivesse podido descrever o inferno...

INVOCAÇÃO À INSÔNIA

Eu tinha dezessete anos e acreditava na filosofia. O que não se referia a ela parecia-me pecado ou lixo: os poetas? saltimbancos aptos para a diversão de mulherzinhas; a ação? imbecilidade delirante; o amor, a morte? pretextos de baixa categoria que se recusavam

à honra dos conceitos. Odor nauseabundo de um universo indigno do perfume do espírito... O concreto, que mancha!, alegrar-se ou sofrer, que vergonha! Só a abstração parecia-me palpitar: entregava-me a façanhas ancilares por medo de que um objeto mais nobre me fizesse infringir meus princípios e me entregasse às degradações do coração. Repetia-me: só o bordel é compatível com a metafísica; e espiava — para fugir da poesia — os olhos das criadinhas e os suspiros das putas.

... Até que tu vieste, Insônia, para sacudir minha carne e meu orgulho; tu que transformas o bruto juvenil, matizas teus instintos, avivas teus sonhos; tu que, em uma só noite, concedes mais saber que os dias consumados no repouso e, nas pálpebras doloridas, descobres um acontecimento mais importante que as enfermidades sem nome ou os desastres do tempo! Tu me permitiste escutar o ronco da saúde, os humanos mergulhados no esquecimento sonoro, enquanto que minha solidão englobava a escuridão circundante e tornava-se mais vasta que ela. Tudo dormia, tudo dormia para sempre. Nenhuma aurora mais: velarei assim até o fim das eras: me esperarão então para pedir-me contas do espaço em branco de meus sonhos... Cada noite era igual às outras, cada noite era eterna. E sentia-me solidário de todos os que não conseguem dormir, de todos esses irmãos desconhecidos. Como os viciosos e os fanáticos, eu tinha um segredo; como eles, havia constituído um clã, a quem tudo desculpar, tudo dar, tudo sacrificar: o clã dos insones. Atribuía gênio ao primeiro que chegasse com as pálpebras pesadas de fadiga, e não admirava nenhum espírito que conseguisse dormir, fosse ele glória do Estado, da Arte ou das Letras. Havia consagrado culto a um tirano que — para vingar-se de suas noites — proibira o repouso, castigara o esquecimento, decretara a desgraça e a febre.

E foi então que apelei para a filosofia: mas não há idéia que console na obscuridade, não há sistema que resista às vigílias. As análises da insônia desfazem as certezas. Cansado de tal destruição, chegava a dizer-me: nenhuma hesitação mais: dormir ou morrer..., reconquistar o sono ou desaparecer...

Mas tal reconquista não é fácil: quando nos aproximamos dela, percebemos o quanto estamos marcados pelas noites. Se amas, teu ímpeto estará corrompido para sempre; sairás de cada "êxtase" como de um pavor de delícias; aos olhares de tua vizinha excessivamente próxima mostrarás um rosto de criminoso; a seus arroubos sinceros responderás com as irritações de uma voluptuosidade envenenada; à sua inocência, com uma poesia de culpado, pois tudo se tornará para ti poesia, mas uma poesia da culpa... Idéias cristalinas, encadeamento feliz de pensamentos? Não pensarás mais: será uma irrupção, uma lava de conceitos, sem consistência nem nexo, conceitos vomitados, agressivos, saídos das entranhas, castigos que a carne se inflige a si mesma, pois o espírito permanece vítima dos humores e fora de questão... Sofrerás por tudo, e desmesuradamente: as brisas te parecerão borrascas; as carícias, punhais; os sorrisos, bofetadas; as bagatelas, cataclismos. É que as vigílias podem cessar; mas sua luz perdura em ti: não se vê impunemente nas trevas, não se extrai delas ensinamento sem perigo; há olhos que nunca mais poderão aprender nada do sol, e almas doentes de noites das quais jamais se curarão...

PERFIL DO MALVADO

A que se deve que não tenha feito mais mal do que fez, nem cometido assassinato ou vinganças mais sutis? Por que não obedeceu às injunções do sangue que afluía à sua cabeça? Por seus humores, por sua educação? Certamente que não, e menos ainda por uma bondade inata; apenas pela presença da idéia da morte. Propenso a não perdoar nada a ninguém, perdoa todos; a menor injúria excita seus instintos; esquece-a no momento seguinte. Basta-lhe imaginar seu cadáver e aplicar este procedimento aos outros, para apaziguar-se subitamente: a imagem do que se decompõe o torna bom — e covarde: não há sabedoria (nem caridade) sem obsessões macabras. O homem saudável, plenamente orgulhoso de existir, vinga-se, escuta seu sangue e seus nervos, identifica-se aos preconceitos, replica, esbofeteia e mata. Mas o espírito minado pelo pavor da morte já não reage às solicitações exteriores: esboça os atos e os deixa inacabados; reflete sobre a honra, e a perde...; aventura-se nas paixões, e as disseca... Esse pavor que acompanha seus gestos enerva seu vigor; seus desejos expiram sob a visão da insignificância universal. Cheio de ódio por necessidade, não podendo sê-lo por convicção, suas intrigas e delitos se detêm em plena execução; como todos os homens, oculta em si um assassino,

mas um assassino impregnado de resignação, e demasiado cansado para abater seus inimigos ou criar outros novos. Sonha, com a testa sobre o punhal, e como que decepcionado, antes de fazer a experiência, com todos os crimes; tido por bom por todo mundo, seria mau se não lhe parecesse vão sê-lo.

ENFOQUES SOBRE A TOLERÂNCIA

Sinais de vida: a crueldade, o fanatismo, a intolerância; sinais de decadência: a amenidade, a compreensão, a indulgência... Enquanto uma instituição se apóia sobre instintos fortes, não admite inimigos nem heréticos: os degola, os queima ou os encarcera. Fogueiras, cadafalsos, prisões!, não foi a maldade que as inventou, foi a convicção, qualquer convicção total.

Instaura-se uma crença? Mais cedo ou mais tarde a polícia garantirá sua "verdade". Jesus — desde o momento em que quis triunfar entre os homens — devia prever Torquemada — conseqüência inelutável do cristianismo *traduzido na história*. E se o Cordeiro não previu o carrasco da Cruz, seu futuro defensor, merece então sua alcunha. Por meio da Inquisição, a Igreja provou que dispunha ainda de uma grande vitalidade; da mesma forma os reis com sua real vontade. Todas as autoridades têm sua bastilha: quanto mais poderosa é uma instituição, menos humana. A energia de uma época mede-se pelos seres que nela sofrem, e é pelas vítimas que suscita que uma crença religiosa ou política se afirma, pois a bestialidade é a característica primordial de todo êxito no tempo. Sempre rolam cabeças onde prevalece uma idéia; pois só pode prevalecer à custa de outras idéias e das cabeças que as conceberam ou defenderam.

A História confirma o ceticismo; no entanto, ela só *existe* e *vive* pisoteando-o; nenhum acontecimento surge da dúvida, mas todas as considerações sobre os acontecimentos conduzem a ela e a justificam. É o mesmo que dizer que a tolerância — bem supremo da terra — é também, ao mesmo tempo, o mal. Admitir todos os pontos de vista, as crenças mais díspares, as opiniões mais contraditórias, pressupõe um estado geral de cansaço e esterilidade. Chega-se a este milagre: os adversários coexistem — mas precisamente

porque já não podem sê-lo; as doutrinas opostas reconhecem méritos umas às outras, porque nenhuma tem o vigor suficiente para afirmar-se. Uma religião se extingue quando tolera verdades que a excluem: e bem morto está o deus em nome do qual já não se mata. Um absoluto se desvanece: um vago vislumbre de paraíso terrestre se delineia..., vislumbre fugaz, pois a intolerância constitui a lei das coisas humanas. As coletividades só se consolidam sob as tiranias, e desagregam-se em um regime de clemência; então, em um sobressalto de energia, começam a estrangular suas liberdades, e a adorar seus carcereiros plebeus ou coroados.

As épocas de pavor predominam sobre as de calma; o homem se irrita mais pela ausência do que pela profusão de acontecimentos; assim, a História é o sangrento produto de sua repulsa ao tédio.

FILOSOFIA INDUMENTÁRIA

Com que ternura e com que inveja se voltam meus pensamentos para os monges do deserto e para os cínicos! Abjeção de dispor do menor objeto: esta mesa, esta cama, estas roupas... O traje interpõe-se entre nós e o nada. Olhe seu corpo em um espelho: compreenderá que é mortal; passe seus dedos sobre as costelas, como sobre um bandolim, e verá o quanto está perto do túmulo. É porque estamos vestidos que nos julgamos imortais: como se pode morrer quando se usa gravata? O cadáver que se endominga já não se reconhece e, imaginando a eternidade, apropria-se da ilusão. A carne cobre o esqueleto, a roupa cobre a carne: subterfúgios da natureza e do homem, trapaças instintivas e convencionais: um *senhor* não pode estar cheio de lama nem de poeira... Dignidade, honorabilidade, decência — tantas fugas ante o irremediável. E quando você coloca chapéu, quem diria que residiu em entranhas ou que os vermes se banquetearão com sua gordura?

... Por isso abandonarei esses trapos e, arrancando a máscara de meus dias, fugirei do tempo em que, de conluio com os outros, extenuo-me em trair-me. Antigamente, os solitários despojavam-se de tudo, para identificar-se com eles mesmos: no deserto ou na

rua, gozando igualmente de seu desapego, alcançavam a suprema fortuna: igualavam-se aos mortos...

ENTRE OS SARNENTOS

Para consolar-me dos remorsos da preguiça, tomo o caminho dos bas-fonds, impaciente por aviltar-me e misturar-me com a ralé. Conheço esses mendigos grandiloqüentes, nauseabundos, sarcásticos; mergulhando em sua sujeira, gozo com seu bafo fétido não menos do que com sua verve. Implacáveis com os que triunfam, seu gênio para não fazer nada força a admiração, embora o espetáculo que ofereçam seja o mais triste do mundo: poetas sem talento, prostitutas sem clientes, homens de negócios sem um tostão, apaixonados sem glândulas, o inferno das mulheres que ninguém quer... Eis aqui, finalmente, digo-me, a realização negativa do homem, ei-lo despido, este ser que pretende ter uma ascendência divina, mísero falsificador do absoluto... Devia acabar aí, nesta imagem que se parece consigo, lama na qual jamais nenhum deus pôs a mão, besta que nenhum anjo altera, infinito parido entre grunhidos, alma surgida de um espasmo... Contemplo o surdo desespero dos espermatozóides chegados a seu termo, os rostos fúnebres da espécie. Tranqüilizo-me: ainda tenho caminho pela frente... Depois, tenho medo: também vou cair tão baixo? E odeio essa velha desdentada, esse poetastro sem versos, esses impotentes em amor ou em negócios, esses modelos da desonra do espírito ou da carne... Os olhos do homem me apavoram; quis extrair do contato com esses despojos um revigoramento de orgulho: sinto um estremecimento semelhante ao que experimentaria um vivo que, para congratular-se de não estar morto, faria estardalhaço em um caixão...

SOBRE UM EMPRESÁRIO DE IDÉIAS

Ele abarca tudo, e tem êxito em tudo; não há nada de que não seja contemporâneo. Tanto vigor nos artifícios do intelecto, tanto

desembaraço em abordar todos os setores do espírito e da moda — desde a metafísica até o cinema — deslumbra, deve deslumbrar. Nenhum problema lhe resiste, não há fenômeno que lhe seja estranho, nenhuma tentação o deixa indiferente. É um conquistador, que só tem um segredo: *sua falta de emoção*; não lhe custa nada enfrentar o que quer que seja, já que não põe nisso nenhum acento. Suas construções são magníficas, mas sem sal: categorias restringindo experiências íntimas, classificadas como em um fichário de desastres ou em um catálogo de inquietudes. Ali estão classificadas as tribulações do homem, como também a poesia de sua dilaceração. O irremediável posto em sistema, ou até mesmo em revista, exposto como um artigo de circulação corrente, verdadeira manufatura de angústias. O público a invoca; o niilismo de bulevar e a amargura dos curiosos alimentam-se dela.

Pensador sem destino, infinitamente vazio e maravilhosamente amplo, explora seu pensamento, deseja-o em todos os lábios. Não há fatalidade que o persiga: nascido na época do materialismo, teria seguido seu simplismo e lhe dado uma extensão insuspeitável; no romantismo, teria constituído uma Suma de devaneios; se surgido em plena teologia, teria manejado Deus como qualquer outro conceito. Sua habilidade para atacar de frente os grandes problemas desconcerta: tudo é notável nele, salvo a autenticidade. Fundamentalmente apoético, se fala do nada, carece de seu estremecimento; seus nojos são reflexivos; suas exasperações contidas e como que inventadas a posteriori; mas sua vontade, sobrenaturalmente eficaz, é ao mesmo tempo tão lúcida que poderia ser poeta *se o quisesse* e, acrescentaria eu, se se empenhasse... Não tendo nem preferências nem prevenções, suas opiniões são acidentes; lamenta-se que ele creia nelas: só interessa o percurso de seu pensamento. Se o ouvisse pregar em um púlpito não me surpreenderia, tão certo é que se coloca além de todas as verdades, que as domina e que nenhuma lhe é necessária nem orgânica...

Avançando como um explorador, conquista domínio atrás de domínio; seus passos são empresas tanto quanto seus pensamentos; seu cérebro não é inimigo de seus instintos; eleva-se acima dos outros, ao não haver experimentado nem cansaço, nem essa mortificação odiosa que paralisa os desejos. Filho de uma época, expressa suas contradições, seu inútil fervilhar; e quando se lança a conquistá-la, põe nisso tanta conseqüência e tanta obstinação que

seu êxito e sua fama igualam-se aos da espada e reabilitam o espírito por meios que, até agora, eram odiosos ou desconhecidos.

VERDADES DE TEMPERAMENTO

Frente a pensadores desprovidos de patético, de caráter e de intensidade, e que se moldam sobre as formas de seu tempo, erguem-se outros nos quais se *sente* que, em qualquer momento que houvessem aparecido, teriam sido semelhantes a si mesmos, despreocupados de sua época, extraindo seus pensamentos de seu próprio fundo, da eternidade específica de suas taras. Só tomam de seu meio os contornos, algumas particularidades de estilo, alguns aspectos característicos de uma evolução dada. Apaixonados por sua fatalidade, evocam irrupções, fulgores trágicos e solitários, próximos do apocalipse e da psiquiatria. Um Kierkegaard, um Nietzsche, mesmo que houvessem surgido no período mais anódino, não teriam possuído uma inspiração menos fremente, nem menos incendiária. Pereceram em suas chamas; alguns séculos antes teriam perecido nas da fogueira: cara a cara com as verdades gerais, estavam destinados à heresia. Pouco importa que os devore seu próprio fogo ou o que lhes preparam: as *verdades de temperamento* devem ser pagas de uma maneira ou de outra. As vísceras, o sangue, os malestares e os vícios combinam-se para fazê-las nascer. Impregnadas de subjetividade, percebe-se um *eu* atrás de cada uma delas: tudo se torna confissão: um grito da carne encontra-se na origem da interjeição mais anódina; mesmo uma teoria de aparência impessoal só serve para trair seu autor, seus segredos e seus sofrimentos: não há universalidade que não seja sua máscara: até a lógica, tudo é, para ele, pretexto para a autobiografia; seu "eu" infestou as idéias, sua angústia converteu-se em critério, em única realidade.

O ESFOLADO

O que lhe resta da vida rouba-lhe o que lhe resta de razão. Bagatelas ou flagelos — a passagem de uma mosca ou os abalos do planeta — o alarmam igualmente. Com seus nervos ardendo, gostaria que a terra fosse de vidro para fazê-la explodir em pedaços; e com que sede se lançaria sobre as estrelas para reduzi-las a pó, uma a uma... O crime brilha em suas pupilas; suas mãos se crispam em vão para estrangular; a Vida se transmite como uma lepra: criaturas demais para um só assassino. Está na natureza de quem não pode matar-se querer vingar-se contra tudo o que se compraz em existir. E por não consegui-lo, aborrece-se como um condenado ao qual a impossível destruição irrita. Satã abandonado, chora, dá socos no peito, esconde a cabeça; o sangue que gostaria de haver derramado não colore suas faces, cuja palidez reflete seu nojo por essa secreção de esperanças produzida pelas raças em marcha. Atentar contra os dias da Criação foi seu grande sonho...: renuncia a ele, abisma-se em si mesmo e entrega-se à elegia de seu fracasso: disso provém outra ordem de excessos. Sua pele arde: a febre atravessa o universo; seu cérebro chameja: o ar é inflamável. Seus males ocupam as extensões siderais; seus desgostos fazem estremecer os pólos. E tudo o que é alusão à existência, o sopro de vida mais imperceptível, arranca-lhe um grito que compromete os acordes das esferas e o movimento dos mundos.

CONTRA SI MESMO

Um espírito só nos cativa por suas incompatibilidades, pela tensão de seus movimentos, pelo divórcio de suas opiniões e suas tendências. Marco Aurélio, engajado em expedições longínquas, inclinava-se mais sobre a idéia da morte que sobre a do Império; Juliano, ao tornar-se imperador, sente saudades da vida contemplativa, inveja os sábios e perde suas noites escrevendo contra os cristãos; Lutero, com vitalidade de vândalo, submerge e definha na obsessão do pecado, sem encontrar um equilíbrio entre suas delicadezas e sua grosseria; Rousseau, que se equivoca a respeito de seus instintos, só vive para a idéia de sua sinceridade; Nietzsche, cuja obra inteira não passa de uma ode à força, arrasta uma existência raquítica, de pungente monotonia...

Pois um espírito só interessa na medida em que se engana sobre o que quer, sobre o que ama, ou sobre o que odeia: sendo *vários*, não consegue *escolher-se*. Um pessimista sem entusiasmos, um agitador de esperanças sem amargura, merece apenas desprezo. Só é digno de nosso apego quem não tem nenhum respeito com seu passado, com o decoro, a lógica ou a consideração: como interessar-se por um conquistador se não mergulha nos acontecimentos com uma intenção oculta de fracasso, ou por um pensador se ainda não venceu em si mesmo o instinto de conservação? O homem debruçado sobre sua inutilidade já não pertence ao desejo de ter uma vida... Se terá ou se não terá, isso diz respeito aos outros... Apóstolo de suas flutuações, já não se embaraça com um si mesmo ideal; seu temperamento constitui sua única doutrina, e o capricho de cada hora seu único saber.

RESTAURAÇÃO DE UM CULTO

Como *gastei* minha qualidade de homem, nada me é mais de nenhum proveito. Só vejo por toda parte carneiros com ideal que se ajuntam para balir suas esperanças... Mesmo os que nunca viveram juntos, são empurrados para o rebanho, como fantasmas, pois com que outro fim concebeu-se a "comunhão" dos santos?... Em busca de um autêntico solitário, percorro as épocas, e o único que encontro e invejo é o Diabo... A razão o exclui, o coração o implora... Espírito da mentira, Príncipe das Trevas, o Maldito, o Inimigo — como é doce rememorar os nomes que difamaram sua solidão! E como o aprecio desde que o relegam dia após dia! Oxalá pudesse restabelecê-lo em seu primeiro estado! Creio n'Ele com toda minha incapacidade de *crer*. Sua companhia me é necessária: o solitário dirige-se ao *meis solitário*, ao Solitário... Vejo-me obrigado a tender a ele: meu poder de admirar — por medo de ficar sem emprego — obriga-me a isso. Eis-me aqui frente a meu modelo: com minha adesão a ele, castigo minha solidão por não ser total, forjo outra que a supera: é minha maneira de ser *humilde*...

Cada qual substitui Deus como pode: pois todo deus é bom, contanto que perpetue na eternidade nosso desejo de uma solidão capital...

NÓS, OS TROGLODITAS

Os valores não se acumulam: uma geração só produz *algo novo* pisoteando o que havia de único na geração precedente. Isto é ainda mais verdadeiro para a sucessão das épocas: o Renascimento não pôde "salvar" a profundidade, as quimeras, a espécie de selvageria da Idade Média; o Século das Luzes, por sua vez, só guardou do Renascimento o sentido do universal, sem o patético que marcava sua fisionomia. A ilusão moderna mergulhou o homem nas síncopes do devir: ele perdeu seus alicerces na eternidade, sua "substância". Toda conquista — espiritual ou política — implica uma perda; toda conquista é uma *afirmação*... assassina. No domínio da arte — o único em que se pode falar de *vida* do espírito — um "ideal" só se estabelece sobre a ruína do que o precedeu: cada verdadeiro artista é traidor de seus predecessores... Não há *superioridade* na história: república-monarquia; romantismo-classicismo; liberalismo-dirigismo; naturalismo-arte abstrata; irracionalismo-intelectualismo — as instituições, como as correntes de pensamento e de sentimento, se equivalem. Uma forma de espírito não saberia assumir outra, só se é *algo* por *exclusão*: ninguém pode conciliar a ordem e a desordem, a abstração e o imediato, o ímpeto e a fatalidade. As épocas de síntese não são *criadoras*: *resumem* o fervor das outras, resumo confuso, caótico — todo ecletismo é um índice de *fim*.

A cada passo à frente sucede um passo atrás: é a infrutífera agitação da história, devir... estacionário... Que o homem tenha se deixado enganar pela miragem do Progresso, é algo que torna ridículas todas as suas pretensões de sutileza. O Progresso? Talvez se encontre na higiene... Mas, em que outra parte?, nas descobertas científicas? São apenas uma soma de glórias nefastas... Quem, de boa-fé, poderia *escolher* entre a idade da pedra e a dos utensílios modernos? Tão perto do macaco em uma como em ou-

tra, escalamos as nuvens pelos mesmos motivos que trepávamos nas árvores: só os meios de nossa *curiosidade* — pura ou criminosa — mudaram, e — com reflexos disfarçados — somos mais diversamente rapaces. É um simples capricho aceitar ou repudiar um período: é preciso aceitar ou repudiar a história *em bloco*. A idéia de progresso faz de todos nós presunçosos sobre os cumes do tempo; mas não existem tais cumes: o troglodita que tremia de pavor nas cavernas, treme ainda nos arranha-céus. Nosso capital de infortúnio mantém-se intato através das idades; contudo, temos uma vantagem sobre nossos ancestrais: o de haver *empregado* melhor esse capital, ao haver organizado melhor nosso desastre.

FISIONOMIA DE UM FRACASSO

Sonhos monstruosos povoam as mercearias e as igrejas: nunca surpreendi ninguém que não vivesse no delírio. Como o menor desejo oculta uma fonte de insanidade, basta conformar-se ao instinto de conservação para merecer o asilo. A vida, acesso de loucura que sacode a matéria... Respiro: é o bastante para que me enclausurem. Incapaz de alcançar as claridades da morte, rastejo na sombra dos dias, e ainda *existo* somente pela vontade de deixar de existir.

Antigamente imaginava poder pulverizar o espaço com um murro, brincar com as estrelas, deter a duração ou manobrá-la segundo meus caprichos. Os grandes capitães pareciam-me grandes tímidos, os poetas, pobres balbuciantes; não conhecendo em absoluto a resistência que nos opõem as coisas, os homens e as palavras, e julgando *sentir* mais do que o universo permitia, entregava-me a um infinito suspeito, a uma cosmogonia surgida de uma puberdade incapaz de concluir... Como é fácil julgar-se um deus pelo coração, e como é difícil sê-lo pelo espírito! E com que quantidade de ilusões devo ter nascido para poder perder uma a cada dia! A vida é um milagre que a amargura destrói.

O intervalo que me separa de meu cadáver é uma ferida para mim, todavia, aspiro em vão às seduções da tumba: não podendo separar-me de nada, nem cessar de palpitar, tudo em mim assegura-me que os vermes permaneceriam inativos sobre meus instintos. Tão incompetente na vida como na morte, odeio-me, e neste ódio sonho com outra vida, com outra morte. E por haver querido ser um sábio como nunca houve outro, sou apenas um louco entre os loucos...

PROCISSÃO DE SUB-HOMENS

Engajado fora de suas vias, fora de seus instintos, o homem acabou em um beco sem saída. Queimou etapas... para chegar a seu fim; animal sem porvir, atolou-se em seu ideal, perdeu-se em seu próprio jogo. Por haver querido superar-se sem cessar, paralisou-se; e não lhe resta outro recurso senão recapitular suas loucuras, expiá-las e fazer ainda algumas outras...

Entretanto, existe aquele a quem está proibido até mesmo este último recurso: "Desacostumados de ser homens, somos ainda de uma tribo, de uma raça, de uma casta qualquer? Enquanto tínhamos o preconceito da vida, abraçávamos um erro que nos punha em pé de igualdade com os outros... Mas nos evadimos da espécie... Nossa clarividência, rompendo nossa ossatura, reduziu-nos a uma existência flácida, refugo invertebrado estendendo-se sobre a matéria para sujá-la de baba. Eis-nos aqui entre as lesmas, eis-nos chegados a este fim risível no qual pagamos por haver feito mau uso de nossas faculdades e de nossos sonhos... A vida não nos contemplou, de maneira alguma, com a sorte: mesmo nos momentos em que nos embriagava, nossas alegrias vinham de nossos transportes por cima dela; como vingança, arrastou-nos para seus basfonds: procissão de sub-homens buscando uma subvida..."

QUOUSQUE EADEM?

Que seja maldita para sempre a estrela sob a qual nasci, que nenhum céu queira protegê-la, que se disperse no espaço como uma poeira sem honra! E o instante traidor que me precipitou entre as criaturas, seja para sempre riscado das listas do tempo! Meus

desejos já não podem pactuar com esta mescla de vida e de morte em que se avilta cotidianamente a eternidade. Cansado do futuro, atravessei os dias e, no entanto, estou atormentado pela intemperança de não sei que sede. Como um sábio raivoso, morto para o mundo e enfurecido contra ele, só invalido minhas ilusões para excitá-las melhor. Esta exasperação em um universo imprevisível — onde, entretanto, tudo se repete — não terá jamais um fim? Até quando repetir a si mesmo: "Execro esta vida que idolatro?" A nulidade de nossos delírios faz de nós todos semelhantes a deuses submissos a uma insípida fatalidade. Por que insurgir-nos ainda contra a simetria deste mundo, quando o próprio Caos não poderia ser outra coisa senão um *sistema* de desordens? Como nosso destino é apodrecer com os continentes e as estrelas, exibiremos, como doentes resignados, e até a conclusão das eras, a curiosidade por um desenlace previsto, medonho e vão.



E.M. Cioran nasceu em 1911, na Romênia, onde formou-se em Filosofia pela Universidade de Bucareste. Bergsoniano, a princípio, voltou-se, mais tarde, para o pensamento de Nietzsche. Em 1937 mudou-se para a França a fim de escrever uma tese sobre o filósofo alemão. Seu primeiro ensaio, *Pe culmile desperarii* (Nos cumes do desespero), foi publicado em 1934 e recebeu o Prêmio dos Jovens Escritores Romenos.

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO

As idéias nascem puras, neutras. O homem lhes dá vida, força, vigor. E projeta suas faíscas, suas loucuras. É aí que se consuma a passagem da lógica à epilepsia. É assim que surgem as mitologias, as doutrinas, as farsas sangrentas; momentos de intolerância ou proselitismo que revelam as profundezas do entusiasmo. Esse é, em resumo, o pensamento de Cioran, que constrói em *Breviário de decomposição* um verdadeiro código do desespero.

ISBN 85-325-0361-6

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO

CIORAN